

REVISTA COMEMORATIVA ■  
1921-2016

2016

95 ANOS DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS



2016

REVISTA COMEMORATIVA ■  
1921-2016

95 ANOS DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

© Academia Mato-Grossense de Letras, 2016

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa da Academia Mato-grossense de Letras (art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

#### ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

##### Presidente

Marília Beatriz de Figueiredo Leite

##### Direção/Organização

Elizabeth Madureira Siqueira

Marta Helena Cocco

Eduardo Mahon

##### Conselho Editorial

Elizabeth Madureira Siqueira

Marta Helena Cocco

Maria Cristina de Aguiar Campos

R454

Revista comemorativa dos 95 anos da Academia Mato-Grossense de Letras (1921-2016). / Academia Mato-Grossense de Letras, edição comemorativa. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2016. Direção/organização de Elizabeth Madureira Siqueira; Marta Helena Cocco; Eduardo Mahon.

Edição Comemorativa  
ISSN: 2447-021X

1.Academia Mato-Grossense de Letras. 2.Sonetos. 3.Poemas.  
4.Músicas. 5.Crônicas. 1.Título

CDD B869  
CDU 82

#### Projeto Gráfico/Diagramação e Capa

Carlini & Caniato Editorial

#### Revisão

Organizadores



Academia Mato-Grossense de Letras

Rua Barão de Melgaço, nº 3869, Centro, Cuiabá-MT - CEP: 78005-300  
Tel: (65) 3624-6564 academiadeletras.com.br



Carlini & Caniato Editorial (nome fantasia da Editora TantaTinta Ltda.)

Rua Nossa Senhora de Santana, 139 – sl. 03 – Centro-Sul  
Cuiabá-MT – (65) 3023-5714  
carliniecaniato.com.br - contato@tantatinta.com.br

## ÍNDICE

EDITORIAL.....	13
COM A PALAVRA, A PRESIDENTE .....	15
POEMAS REUNIDOS.....	17
SONETOS .....	19
D. FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA .....	21
<b>As Lavras do Sutil</b> .....	22
<b>Corumbá</b> .....	22
<b>Rio Araguaia</b> .....	23
OTÁVIO CUNHA .....	24
<b>O Cuiabá</b> .....	25
<b>Maldição</b> .....	25
<b>Inveja</b> .....	26
RUBENS DE CASTRO .....	27
<b>Sublime mutação</b> .....	28
<b>Sonho de pobre</b> .....	28
<b>Retratando</b> .....	29
ULISSES CUIABANO .....	30
<b>Lenda do Rio Abaixo</b> .....	31
<b>Garimpo do meu Sonho</b> .....	32

FRANKLIN CASSIANO DA SILVA .....	33
<b>Olhos Verdes</b> .....	34
<b>A Lua</b> .....	35
LAMARTINE FERREIRA MENDES .....	36
<b>A Palmeira</b> .....	37
<b>Em Sonho</b> .....	38
ROSÁRIO CONGRO .....	39
<b>As Garças</b> .....	40
AGENOR FERREIRA LEÃO.....	41
<b>Esmola</b> .....	42
LUÍS FEITOSA RIBEIRO .....	43
<b>Soneto</b> .....	44
OSCARINO RAMOS .....	45
<b>Ângelus</b> .....	46
JOÃO VILLASBÔAS .....	47
<b>Queimando Velhas Cartas</b> .....	48
ALÍRIO DE FIGUEIREDO .....	49
<b>A confissão da cigarra</b> .....	50
LEÔNIDAS ANTERO DE MATOS .....	51
<b>Falando à pena</b> .....	52
JOSÉ RAUL VILÁ .....	53
<b>O destino de quatro paredes</b> .....	54
FRANCISCO BIANCO FILHO .....	55
<b>Quimera</b> .....	56
CARLOS DE CASTRO BRASIL.....	57
<b>Sonho Antigo</b> .....	58
GABRIEL VANDONI DE BARROS .....	59
<b>Prelúdio</b> .....	60
NEWTON ALFREDO AGUIAR .....	61
<b>Imagem...</b> .....	62
JARY GOMES.....	63
<b>Quarto Vazio</b> .....	64

RUBENS DE MENDONÇA.....	65
<b>Alavanca de ouro</b> .....	66
<b>Soneto sem nome para as mulheres que amei</b> .....	67

## OUTRAS FORMAS DE POEMAS..... 69

MANOEL PAES DE OLIVEIRA.....	71
<b>Nossa Senhora do Rosário</b> .....	72
VALDON VARJÃO .....	73
<b>O rio que decanta numa cidade que encanta</b> .....	74
MARIA DE ARRUDA MÜLLER .....	76
<b>Sonata ao luar</b> .....	77
CIRO SODRÉ .....	78
<b>O drama do sino</b> .....	79
HUGO PEREIRA DO VALE.....	80
<b>Eis a Amarga Questão</b> .....	81
ANTÔNIO LOPES LINS .....	82
<b>Dimensionando o Amor</b> .....	83
CORSÍNDIO MONTEIRO DA SILVA .....	84
<b>Incontido desejo</b> .....	85
TERTULIANO AMARILHA .....	86
<b>Se eu fosse um passarinho</b> .....	87

## LETRAS DE MÚSICA OU CANÇÕES..... 89

MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR .....	91
<b>Pixé</b> .....	92
<b>Furrundu</b> .....	93
SUELI BATISTA .....	94
<b>Pássaro Passará</b> .....	95
<b>Chapada Reluz</b> .....	96

**POEMAS EM VERSOS LIVRES -  
MODERNISTAS E CONTEMPORÂNEOS..... 97**

HÉLIO SEREJO .....	99
<b>A Famia</b> .....	100
<b>O Arrieiro</b> .....	101
AVELINO TAVARES .....	102
<b>Quero sair por aí</b> .....	103
GERVÁSIO LEITE .....	105
<b>Hamlet</b> .....	106
<b>Encruzilhada</b> .....	106
<b>Fronteira</b> .....	107
AMARÍLIO NOVIS (ZÉ PACULÂNDIA) .....	108
<b>Carnaval Político</b> .....	109
RONALDO DE ARRUDA CASTRO .....	111
<b>A Água</b> .....	112
<b>A Égua</b> .....	113
<b>Sintaxe</b> .....	114
JOÃO ANTONIO NETO .....	115
<b>Autenticidade</b> .....	116
<b>Fidelidade</b> .....	116
<b>Perplexidade</b> .....	116
<b>Desvantagem</b> .....	117
BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE .....	118
<b>Cerrado / Raízes (fragmento)</b> .....	119
BENEDITO PEDRO DORILEO .....	126
<b>Coisificação</b> .....	127
<b>A Língua</b> .....	128
CARLOS GOMES DE CARVALHO .....	130
<b>Encontro</b> .....	131
<b>Introspecção</b> .....	132

ODONI GRÖSS .....	133
<b>Ars poética ou vulgari eloquentia</b> .....	134
<b>Voo sem verbos</b> .....	135
FLÁVIO JOSÉ FERREIRA .....	136
<b>O som do herrante</b> .....	137
MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE .....	138
<b>Maior que eu</b> .....	139
LUCINDA NOGUEIRA PERSONA .....	143
<b>Estrelas</b> .....	144
<b>Um Pássaro</b> .....	144
<b>Público Amor</b> .....	145
IVENS CUIABANO SCAFF .....	146
<b>Discreta e Presente</b> .....	147
<b>Me faz uma casa</b> .....	148
<b>Origem</b> .....	149
LUCIENE CARVALHO .....	150
<b>Outros Tempos</b> .....	151
<b>Da condição de filha</b> .....	152
<b>Preguiça</b> .....	153
MARIA CRISTINA DE AGUIAR CAMPOS.....	154
<b>Chapada sem Guimarães</b> .....	155
<b>(Des)envolvimento</b> .....	156
<b>O Intenso Visto – Manifesto</b> .....	156
MARTA COCCO.....	157
<b>Previsão</b> .....	158
<b>Intervalo Comercial</b> .....	158
<b>Ponto de Vista</b> .....	160
EDUARDO MAHON.....	161
<b>Impreciso</b> .....	162

<b>CONTOS</b> .....	<b>163</b>
JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA .....	165
<b>Sangue Sertanejo</b> .....	166
UBALDO MONTEIRO DA SILVA .....	177
<b>A Garrafada</b> .....	178
JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO .....	181
<b>Verdades e Mentiras</b> .....	182
VERA IOLANDA RANDAZZO .....	184
<b>Pagmejera, Pagmajera!</b> .....	185
LOUREMBERGUE ALVES .....	188
<b>O Caminho da Felicidade</b> .....	189
MARTA COCCO.....	196
<b>O Regresso</b> .....	197
LUCIENE CARVALHO.....	200
<b>Vale Transporte</b> .....	201
EDUARDO MAHON .....	202
<b>A menina que roubava cores</b> .....	203
<b>Doutor Funéreo</b> .....	204
AGNALDO SILVA .....	207
<b>A Sibila</b> .....	208
<b>Os Gatos da Rua Morta</b> .....	210
<b>CRÔNICAS</b> .....	<b>213</b>
JOSÉ MAGNO DA SILVA PEREIRA .....	215
<b>As Garças</b> .....	216
ESTEVÃO DE MENDONÇA .....	217
<b>Numa noite de Natal</b> .....	218
PHILOGONIO DE PAULA CORRÊA.....	220
<b>Espírito Cuiabano</b> .....	221
ULISSES SERRA .....	226
<b>Motivos de um título</b> .....	227

MARIA BENEDITA DESCHMAPS RODRIGUES(DUNGA RODRIGUES) .....	229
<b>Mulheres de Fibra</b> .....	230
NATALINO FERREIRA MENDES .....	233
<b>Memórias do Tio Luiz</b> .....	234
FRANCISCO LEAL DE QUEIROZ .....	237
<b>Cochilos e Reflexões</b> .....	238
ANTÓNIO DE ARRUDA.....	240
<b>Tradições</b> .....	241
LUIS-PHILIPPE PEREIRA LEITE .....	244
<b>As Três Graças</b> .....	245
FRANCISCO ALEXANDRE FERREIRA MENDES .....	247
<b>A Onça de Frei José</b> .....	248
LENINE DE CAMPOS PÓVOAS.....	251
<b>Fundação Cultural de Mato Grosso</b> .....	252
NILZA QUEIRÓZ FREIRE.....	256
<b>Crendice</b> .....	257
OCTAYDE JORGE DA SILVA .....	259
<b>A Prainha veio buscá-lo!...</b> .....	260
AMINI HADAD CAMPOS.....	263
<b>Pesadelos d'Alma?</b> .....	264
OLGA MARIA CASTRILLON-MENDES .....	268
<b>O Monumento, O Poema, A Memória</b> .....	269
YASMIN JAMIL NADAF .....	273
<b>A Propósito de Machado de Assis na Literatura de Mato Grosso (Primeira metade do século XX)</b> .....	274
CADEIRAS ACADÊMICAS.....	282
<b>A Dança das Cadeiras Acadêmicas</b> .....	283

## EDITORIAL

---

A Academia Mato-Grossense de Letras, criada em 1921 com o título de Centro Mato-Grossense de Letras, comemora, neste 2016, noventa e cinco anos de existência. Com uma trajetória muito importante, tendo em vista seu papel no seio da comunidade, transformou-se em Academia Mato-Grossense de Letras no ano de 1932. Em seus quadros, reuniu uma plêiade de intelectuais, em sua maioria poetas, cronistas, jornalistas e contistas.

A presente obra, comemorativa do nonagésimo quinto ano da Instituição, reúne peças predominantemente literárias, de autoria de Acadêmicos/as. O critério para a inclusão dos textos nesta revista ora privilegiou o valor estético, ora o valor histórico, bem como o envio dos textos pelos/as acadêmicos/as que compõem o quadro atual, conforme o interesse em participar da edição.

Para melhor visualização estrutural, optou-se por dividir a Revista em partes. A seção que corresponde aos **Poemas** reunidos está dividida em sonetos, outras formas de poemas, letras de música e poemas em versos livres – *modernistas e contemporâneos*. A terceira parte é constituída da **Prosa**, sendo subdividida em *crônicas* e *contos*, apresentados através de peças literárias produzidas ao longo dos anos. A quarta e última parte é dedicada à evolução das Cadeiras Acadêmicas, inicialmente com 24, no ano de 1921, e que hoje perfaz 40.

Cada poeta, cronista ou contista é apresentado ao público leitor através de breves dados biográficos, o que ajuda o consulente a conhe-

cer melhor o contexto de sua produção. Os textos sofreram mínimas alterações, adaptados que foram com a nova ortografia. Apenas sinais como trema, alguns acentos e hifens foram modificados.

A Academia Mato-Grossense de Letras, desde sua fundação até a atualidade, é integrada não só por literatos, mas também por outros segmentos intelectuais, a exemplo de juristas, jornalistas e historiadores, porém, nesse número comemorativo foi privilegiada a faceta literária da Instituição.

Estes 95 anos de percurso literário representaram e sedimentaram uma vasta e diversificada produção veiculada através das Revistas do Centro e da Academia Mato-Grossense de Letras, além da produção individualizada de seus membros. Esperamos que as peças literárias reunidas sejam apreciadas. Boa leitura.

#### **Organizadores da Revista**

*Elizabeth Madureira Siqueira*

*Marta Helena Cocco*

*Eduardo Mahon*

## COM A PALAVRA, A PRESIDENTE

*Marília Beatriz de Figueiredo Leite* (Presidente da AML)

Que bom atingir noventa e cinco anos! Pensar que uma instituição quase centenária ainda tem jovialidade para alcançar os jovens que transitam na área literária em todos os cantos e recantos.

É salutar perceber que nossa Academia congrega pessoas que fazem das letras o objetivo maior para atingir, explorando todos os quadrantes literários: prosas e poesias.

Quando os objetivos indicam o apoio, o incentivo e a proteção da cultura e das literaturas nacional e regional e, em particular a produzida em Mato Grosso, é preciso estar atento que a congregação acadêmica abriga e trabalha pelo fortalecimento dos que integram seu quadro, mas, também, daqueles que ainda não estão em nosso teto. A Academia é propulsora e, assim, faz circular os bens culturais que caracterizam nossa região. Cuida das gerações presentes e futuras. Tem olhos, ouvidos e discursos atentos aos problemas que integram a cultura e que ocupam o espaço da contemporaneidade.

Plantada no coração da América do Sul, a nossa instituição vem construindo patamares que mostram a evolução das letras de Mato Grosso nas lonjuras do cerrado. Aqui nascem, ao mesmo tempo, pactos que enriquecem nossa cultura e acordos que impedem o agasalho de intransigentes em relação às pluralidades literárias.

Temos necessidade de testemunhas das várias formas de escrever, pois o fato da distância dos centros ditadores das modas culturais criou,

em nossa terra, a possibilidade do nascimento das arcas que protegem os diversos tesouros que brotam do cascalho, as riquezas que afloram nos pantanais e as preciosidades que afiam nas chapadas.

Aqui, algumas coisas escriturais brotaram pouco a pouco e, de outro lado, outros textos surgiram abruptamente. Exatamente esses fatos são incisivos para que a Academia Mato-Grossense de Letras, sendo plural em sua formação, tenha a unidade depois de concluída sua tarefa, trabalho de acolher, defender e divulgar o pensamento, a vivência das escrituras plurívocas, sustentando a construção nova da linguagem que as letras apresentam como luminosidades que, com certeza, alcançarão o futuro. Nossa Casa Barão de Melgaço caminha com garbo para atingir seus cem anos e ajudar nos 300 de nossa capital Cuiabá – Terra Agar-rativa e Linda!

## POEMAS REUNIDOS

---

Iniciamos esta exposição literária com uma coleção de poemas de acadêmicos e acadêmicas, começando pelas estéticas que obedecem a convenções de composição. Nessa linha, sobressai a produção de *sonetos*, forma muito praticada pelos poetas mato-grossenses no início do século XX, além de outras. São textos mais afinados com os pressupostos das escolas romântica e parnasiana, especialmente pelo cuidado com a forma e pelo teor de subjetivismo expresso pelo eu lírico em cada um deles. Em seguida, são apresentados poemas mais afinados com o *modernismo* e a *contemporaneidade*, em que sobressaem a liberdade formal dos versos, a opção por temas da cultura popular e uso de outras variantes da língua (não apenas o português padrão), rupturas e invenções no aspecto gráfico, imagens do cotidiano e outros. Do início do século XX à atualidade, o leitor poderá testemunhar uma produção rica em diversidade temática e habilidade no manuseio do verso.

## SONETOS

---

O soneto é, dentre todas as formas fixas do gênero poema, a mais famosa, sendo praticada até hoje. É um texto de quatro estrofes (dois quartetos e dois tercetos) com o mesmo número de sílabas poéticas em todos os versos. Na literatura brasileira, essa forma teve seu auge na estética parnasiana, quando nomes como os de Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira foram celebrizados. Nesta seção, o leitor vai descobrir que os mato-grossenses não deixaram nada a desejar quanto à habilidade de fazer versos de forma fixa, podendo perfeitamente figurar no cânone dos grandes poetas brasileiros.

Começamos com uma tríade composta por Dom Aquino (o único literato mato-grossense a compor o quadro da Academia Brasileira de Letras), Octávio Cunha e Rubens de Castro, seguidos de outros acadêmicos que produziram excelentes sonetos, chegando a Rubens de Mendonça. José de Mesquita, também exímio sonetista, não figura nesta seção porque optamos por divulgar uma de suas obras em prosa.

## D. FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA

---

D. Francisco de Aquino Corrêa nasceu em Cuiabá-MT, no dia 2 de abril de 1885. Optou pela carreira eclesiástica, tendo se ordenado a 19 de março de 1903. Foi nomeado Bispo de Cuiabá, em 1º de janeiro de 1915, com apenas 29 anos. Criou, em 1919, o IHGMT, tendo sido sócio fundador do CML e seu primeiro Presidente. Foi Presidente do Estado de Mato Grosso de 1917 a 1920. Literato e poeta de grande expressão, ocupou a Cadeira nº 4 na Academia Mato-Grossense de Letras e a de nº 34 na Academia Brasileira de Letras. Suas obras completas foram publicadas, em 1985, pelo Senado Federal, sob a coordenação do Acadêmico Corsíndio Monteiro da Silva.

## As Lavras do Sutil

Antemanhã, quando no céu de leste,  
Mal se esgarçava em luz a noite mansa,  
Miguel Sutil de Sorocaba avança,  
Rumo ao mistério do sertão agreste.

Estrada longa e atroz! Mas ele a investe,  
Com redobrado heroísmo, e não se cansa.  
Vão-lhe à frente dois índios, e a Esperança  
Visões de ouro não há, que não lhe empreste.

E ei-los que chegam a estes sítios belos,  
Onde o outro excede todos os castelos,  
Do sonho audaz do bandeirante. Lá,

Ao longe, em praias verdes e desertas,  
Faiscava o rio... Estavam descobertas  
As minas imortais do Cuiabá.

(Fonte: CORRÊA, F. de A. *Terra Natal*. Cuiabá,1922)

## Corumbá

Qual outrora, ao mirífico arrepio  
Da onda azul do mar Jônio, a deusa Vênus,  
Assim nasceste, sob os céus serenos,  
À flor do lindo pantanal bravio.

Tão bela és tu, que o teu selvagem rio,  
Ao morder estes céspedes amenos,  
Dá longas voltas por que possa, ao menos,  
Contemplar teu mimoso casario.

E uma vez ele viu (hórrido agouro!)  
Ai! Viu-te, como Andrômeda no oceano,  
Amarrada a este escolho negro e duro.

Mas tu, calçando-te os talares de ouro  
De Mercúrio, largaste o voo ufano,  
Para este azul glorioso do futuro!

(Fonte: CORRÊA, F. de A. *Terra Natal*. Cuiabá,1922)

## Rio Araguaia

Rio que rolas majestosamente,  
Sobre diamantes, na itaipava hirsuta!  
Não mais te abala, na selvagem luta,  
Do bravo Ubirajara o grito horrendo!

Não mais, à flor da lânguida corrente,  
Por onde o boto espalma a cauda bruta,  
Não mais o silvo do vapor se escuta,  
Ondeando, além, na praia alvinitente!

Não mais! Não mais! Silêncio... a tarde finda,  
E as ondas beijam os destroços vagos  
De velhas naus, numa elegia infinda...

Mas do teu fado nos castelos magos,  
A Glória dorme, como dorme ainda  
A pérola na concha dos teus lagos!

(Fonte: CORRÊA, F. de A. *Terra Natal*. Cuiabá,1922)

## OTÁVIO CUNHA

---

Nasceu em Goiauna, também conhecida como Boiana, no Estado de Pernambuco, em 18 de maio de 1882. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Recife, no ano de 1906. No campo jurídico foi Promotor de Justiça da Comarca de Gurupá-PA, em Bragança. Veio para Mato Grosso no ano de 1912, onde foi Procurador Fiscal da Fazenda Nacional e, mais tarde, Juiz de Direito em diversas comarcas. Jornalista por opção, colaborou em diversos periódicos nacionais. Poeta, deixou diversas obras publicadas. Faleceu em Cuiabá-MT, em 16 de outubro de 1958. Ocupou a Cadeira nº 30, na Academia Mato-Grossense de Letras.

### O Cuiabá

Aqui – és largo e fundo, de águas claras,  
mas eu já fui à tua cabeceira...  
És um riacho a tocar músicas raras,  
entre pedras, correndo a vida inteira.

Estás sempre com pressa e, lá, disparas  
de pequena em pequena cachoeira...  
Queres leite maior de pedras caras  
E ainda, estas a aluir serra e pedreira...

És tu, Cuiabá, um dos maiores rios,  
e carregas no dorso, cor de prata,  
ubás, vitórias-régias e navios...

Mas quem o faz glorioso quanto os Andes,  
são veios de água, filhos bons da mata...  
Sempre os pequenos a fazer os grandes

(Fonte: *Revista AML, comemorativa do Jubileu de Diamante*, 1996, p. 259. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

### Maldição

Sob o teu negro olhar seja o meu verso a afronta  
que ao teu presente insulta e o teu crime propaga;  
haja nele o rumor, que, no alto mar desponta  
de uma vaga a bater de encontro a outra vaga.

Tenha n'alma o remorso e chore esta alma tonta...  
Converta-se o claro dia em rude noite aziaga!  
Que hei de, firme, desfiar, assim, conta por conta,  
um rosário pagão de maldição e praga.

Toda recordação do passado acumula!...  
Talhe brusca tesoura a mortalha de assombros  
para o sonho que eu vou depositar na tumba.

Ah! foste o rito ideal do meu afeto pulcro...  
E hoje és, por tua culpa, uma estátua entre escombros,  
ou o cadáver do amor que eu joguei no sepulcro

(Fonte: *Revista AML, comemorativa do Jubileu de Diamante*,  
1996, p. 259. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## Inveja

Não tenho pão nem peixe. Pouco tenho  
que oferte aos meus irmãos necessitados.  
Sou viajor, e de muito longe venho,  
tentando combater os meus pecados.

Bem pouco vale o meu teimoso empenho  
de querer amparar os desgraçados...  
Um cirineu não leva mais que um lenho,  
mas eu tenho milhões de irmãos cansados!...

Vi na tua alma o brilho da clemência,  
vi tuas mãos vazadas pelos pregos;  
deste-me o dom de crer noutra existência!

Tenho inveja demais do teu poder:  
erguendo os mortos, dando vista aos cegos...  
Nada disso, Jesus, posso fazer!

Fonte: *Revista da AML, comemorativa do Jubileu de  
Diamante*, 1996, p. 259. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## RUBENS DE CASTRO

---

Nasceu aos 7 de julho de 1915, em Lençóis-BA, Poeta de expressão nacional. Segundo Guimarães Rocha, “[...] adotara Corumbá ao final da década de 30, onde se radicara, com tanto amor, que se dizia *Corumbaiano*. Os confrades acadêmicos amorosamente o chamavam “Baiano”. Ocupou a cadeira 28 da Academia Corumbaense de Letras, tendo sido membro fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, desde 16 de dezembro de 1988. Ocupou a Cadeira nº 3 na AML. Faleceu em Cuiabá-MT, em 4 de julho de 1999.

## Sublime mutação

Se em desmaios de luz, o sol não sucumbisse,  
e ao fim do claro dia, a noite não chegasse,  
se ao terminar a noite, o sol não nos surgisse.  
Se ao terminar o dia, a noite não voltasse...

Se o dia fosse eterno e nunca se acabasse,  
ou eterna fosse a noite, e o sol não mais se abrisse...  
se em nós, um sofrimento atroz não mais findasse,  
se a mais pura alegria, em nós, não mais sorrisse...

Que seria de nós, e a vida, o que seria?  
- uma noite perene, a dor, sem ter apelo,  
ou o desfilar de um belo, e longo e alegre dia!...

Se a vida fosse assim, sem tarde e amanhecer,  
seria o mundo um caos, a vida, um pesadelo,  
e o tédio a nos deixar cansados de viver!

(Fonte: AML. *Antologia comemorativa do Jubileu de Diamante*, 1996)

## Sonho de pobre

Meu pai, quando traçava o meu destino,  
orgulhoso, apontando me dizia:  
- Este filho querido, este menino,  
vai ser uma das glórias da Bahia.

Ao proferir tamanho desatino,  
como foi bom meu pai! Não antevia  
meu futuro de eterno peregrino,  
nessa luta feroz de cada dia!

Hoje, porém, do antigo lar disperso,  
apontando meu filho, assim repito:  
- Vai ser a maior glória do universo!

Oh! coração de pai, grande e profundo!...  
que se perde em miragem do infinito,  
na miséria infinita deste mundo!

(Fonte: AML. *Antologia comemorativa do Jubileu de Diamante*, 1996. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## Retratando...

Somos todos frustrados neste mundo;  
uns são mais, outros menos, mas ninguém  
pode gabar-se de não ter no fundo  
recalques, pois, de sobra, todos têm!

Um poço de mistérios, bem profundo,  
possui em seu recesso todo alguém...  
Mas a tara só vem à luz, segundo  
o interesse animal que nos convém!

Embuçado no véu da hipocrisia,  
ou preso a preconceitos, já sem fé,  
todo homem se empenha noite e dia,

nessa inglória tarefa de querer  
insistir em mostrar o que não é,  
e o que deseja, mas não pode ser!

(Fonte: CAMPOS, M. C. de A. (Org.). *Antologia Poética*, AML, 2015. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## ULISSES CUIABANO

---

Nasceu em Cuiabá, em 4 de agosto de 1891. Lecionou em estabelecimentos escolares de Cuiabá e de Rosário Oeste. Integrou os quadros docentes do Liceu Cuiabano e da Escola Normal Pedro Celestino. Seu pendor pelo magistério levou-o a dirigir dois importantes grupos escolares, o Senador Azeredo, no bairro do Porto, em Cuiabá, e outro em Rosário Oeste. No campo literário suas produções foram veiculadas em diversos periódicos de Mato Grosso nas revistas do *Centro e da Academia Mato-Grossense de Letras*. Presidente e fundador da Sociedade de Folclore Mato-Grossense, foi convidado a dirigir o Departamento de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso. Deixou publicadas diversas obras. Ocupa a Cadeira nº 16 na Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu em Cuiabá, no dia 3 de janeiro de 1951.

### Lenda do Rio Abaixo

Conta a lenda que em noite albente de luar um rude canoeiro, a sós, pescando à vara, de muito “peso” estava e inda nada apanhara, apesar dos ardis que sabia empregar.

“Inda que seja o diabo agora hei de apanhar!” disse o caboclo, iscando o anzol, e mal jogara a linhada ao perau, esta logo esticara, puxada por um peixe enorme e não vulgar.

A luta foi tremenda e fatigante a empresa, até que enfim o bravo e rijo pescador conseguiu tirar d’água a desejada presa.

Hoje vive o caboclo inteiramente gira, pois fisgara no anzol a própria mãe, que horror!, por um castigo atroz que o diabo lhe infligira.

(Fonte: CAMPOS, M. C. de A. (Org.). *Antologia Poética*, AML, 2015. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## Garimpo do meu Sonho

Nos golfos, nos monchões, nas brutas grupiaras  
Dos ínvios charrascais misteriosos da vida,  
Garimpeiro viril rebusca, em dura lida,  
Esmeralda e rubi, topázio e gemas caras.

Ei-lo, audaz, a descer nos peraus onde Uiaras  
Lhe oferecem, cantando uma canção dorida,  
O seio palpitante, dolorosa guarida  
De gozos sensuais, de volúpias tão raras.

Depois, à flor da Ninfa, o mineiro aparece,  
Trazendo o rebo, e, então, a bateia balança  
No desejo de achar a pedra que apetece.

Poeta, como o audaz mergulhador, risonho,  
Cascais da Ilusão a lavar, com pujança  
Lindos versos trazeis dos Garimpos do Sonho.

(CAMPOS, M. C. de A. (Org.). *Antologia Poética*, AML, 2015.  
<http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## FRANKLIN CASSIANO DA SILVA

---

Nasceu em Corumbá-MT (hoje MS), em 1º de maio de 1891, tendo ficado órfão, ele e dois irmãos foram morar com o tio, Major André Avelino de Oliveira Bastos, que os criou. Mais tarde, Franklin veio de Corumbá para Cuiabá, a convite de Luís Pereira Cuiabano, que o acolheu como filho. Formou-se em Direito, mas seu pendor literário se expressou na juventude, através de líricas poesias. Foi autor de diversas peças teatrais, tendo sido a primeira delas escrita em parceria com Philogonio de Paula Corrêa. Dedicou-se também ao jornalismo, tendo colaborado em diversos periódicos. No magistério, dirigiu o Grupo Escolar “Senador Azeredo”, tendo lecionado Pedagogia e Psicologia, na Escola Normal Pedro Celestino, e Psicologia e Lógica, no Curso Complementar, anexo ao Liceu Cuiabano. Ocupou a Cadeira nº 16 da Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu em Cuiabá, no dia 9 de junho de 1940.

## Olhos Verdes

Olhos verdes que me encantastes tanto,  
infiltrando em meu peito a luz de amores;  
derramai sobre mim o brilho santo,  
que possuis. Apagai as minhas dores!

Quando vos vejo belos, tentadores,  
fico contente e, como por encanto,  
evolam do meu peito os amargores  
e dos meus olhos seca o triste pranto!...

Senhora dona desses dois primores,  
faróis brilhantes que, nos meus horrores,  
livram-me sempre de cruéis abrolhos!...

Fitai-me ao menos uma vez ainda,  
matai, oh virgem, esta paixão infinda,  
deixai que eu ame vossos verdes olhos!...

(Fonte: *Revista da AML – Discursos Acadêmicos*, v. 3, p. 128  
– Discurso de Posse da Acadêmica Maria Cristina de Aguiar  
Campos)

## A Lua

Às vezes saio à noite, a contemplar  
Poetisa do exul – a nívea Lua,  
Tão frio e branco, no meu peito atua,  
O denso raio do seu meigo olhar ...

Concha leve de prata a desvendar  
A grandeza do céu, que a rir desnuda;  
Quanta pureza tem – é imagem tua,  
Na Candidez dos raios a brilhar!...

Recito versos meus à poetisa,  
- à Lua, que as tristezas ameniza,  
Branca ilusão do azul a rebrilhar...

Noiva de poeta – chamo-a em pensamento ...  
E ela vai pelo céu, mui lento, lento,  
A epopeia da noite a recitar!...

(Fonte: SILVA, F. C. da. In: *Crisálidas*, 1919)

## LAMARTINE FERREIRA MENDES

---

Nasceu em Cuiabá, em 7 de fevereiro de 1895. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, retornando a Cuiabá após a formatura. Lecionou na Escola Normal Pedro Celestino. Na carreira jurídica, exerceu a função de Promotor de Justiça em Três Lagoas, e na capital paulista, para onde retornou, foi auditor da Justiça Militar da Força Pública, cargo em que se aposentou. Contribuiu em diversos periódicos de Cuiabá e de Três Lagoas. Colaborou nas revistas *Mato Grosso* e *A Violeta*. Ocupou a Cadeira nº 31 da Academia Mato-Grossense de Letras.

### A Palmeira

Olha a palmeira, a sós, cujo bonito,  
Esbelto fuste é já tão alto, e cresce,  
No desejo talvez doudo, inaudito,  
De noivar com o Sol, que resplandece.

Morde-lhe o pé a multidão refece  
Das árvores anãs, entre o granito:  
E ei-la moça e graciosa, até parece  
Um traço, unindo a terra ao infinito.

Cresce, e a nada se anima para a altura  
Galgar e bebe luz, numa tonteira,  
E abre a espata, abençoando a flor e o espinho.

Na sua aspiração grandiosa e pura,  
Homem, imita o exemplo da palmeira:  
Subir bastante, mas subir sozinho.

(Fonte: [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/mato\\_grosso/lamartine\\_f\\_mendes.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/mato_grosso/lamartine_f_mendes.html))

## Em Sonho

Sonhei contigo. Como a névoa fina  
que aos ares sobe, nas manhãs de maio,  
e que a brisa espirala, de soslaio  
deslizando na fronde esmeraldina.

Ascendas, risonha e peregrina,  
branca, vestida do mais lindo raio  
do sol, que te beijava, com desmaio  
amoroso, entre o manto da neblina.

E deslumbrado eu te mirava, quando,  
o coração dentro do peito arfando,  
me vi ao lado teu, mudo e tristonho.

Chegaste a mim. O céu era tranquilo.  
Mas, para que contar-te tudo aquilo,  
se tudo aquilo não passou de um sonho?

(Fonte: [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/mato\\_grosso/lamartine\\_f\\_mendes.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/mato_grosso/lamartine_f_mendes.html))

## ROSÁRIO CONGRO

---

Nasceu em Sorocaba-SP, no dia 11 de setembro de 1884, chegando a Mato Grosso no ano de 1907. Na política, ocupou os cargos de Vereador e Intendente de Campo Grande, Prefeito de Três Lagoas e Deputado Estadual, exercendo a Presidência do Legislativo Mato-grossense. No governo estadual foi Secretário de Estado de Agricultura, finalizando sua carreira como Conselheiro do TCE, tendo presidido a mesma Instituição. Jornalista e literato, Rosário Congro deixou expressiva contribuição nessas áreas. Ocupou a Cadeira 40 da Academia Mato-Grossense de Letras e Patrocinou a nº 16 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Faleceu em Três Lagoas-MT (hoje MS), em 11 de outubro de 1963.

## As Garças

Morre a tarde de rosas na planura,  
No Pantanal desce a tristeza agora,  
Branças, tão brancas como a neve pura,  
Ao pouso as garças voltam, céu em fora.

Quando refulgem os vitrais da aurora,  
Na beleza sem par da iluminura,  
O bando, que nas frondes se alcandora,  
Parte em revoada, sobre vasa impura.

Aves heráclitas das verdes naves,  
Dos silêncios profundos e suaves,  
No sonho azul das íbis enlevadas...

Lírios alados das regiões serenas,  
Trazeis na alvura imácula das penas  
A pureza da virgens impecadas!

(Fonte: AML. *Revista comemorativa do Jubileu de Diamante*,  
1996, p. 327. [http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/  
revista-aml](http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml))

## AGENOR FERREIRA LEÃO

---

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Mato Grosso, colou grau em 1961. Na carreira jurídica foi Procurador Fiscal da Prefeitura Municipal de Cuiabá, durante a gestão de Vicente Emílio Vuolo, Promotor de Justiça *ad-hoc* em Corumbá. Secretariou a Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional de Mato Grosso, tendo presidido a mesma Instituição no biênio 1978-1979. No âmbito do Magistério, foi professor de Geografia Humana do Brasil, Prática Jurídica Geral, Comercial e Mecanografia na Escola Técnica de Comércio de Cuiabá. Na esfera literária, fundou o Grêmio Literário Lamartine Mendes, ao lado de Benedito Santana da Silva Freire, Wladimir Dias-Pino, Augusto Mário Vieira, Alberto de Oliveira, Newton Alfredo. Colaborou em diversos periódicos, tendo deixado diversas obras publicadas. Faleceu em Cuiabá, no dia 22 de fevereiro de 1983. Filiou-se à Casa Humberto de Campos de Guiratinga e ocupou a Cadeira nº 23 na Academia Mato-Grossense de Letras.

## Esmola

Aos indigentes – filhos da aflição,  
que se mostrarem pelo teu caminho,  
oferta uma fatia do teu pão  
e um cálice repleto de vinho

Aos que tateiam pela escuridão  
e pisam sobre pedra e sobre espinho,  
mostra, bem perto a luz da salvação  
e dá do teu amor e teu carinho;

Aos desgraçados, semelhantes teus,  
dá toda esmola que teu bolso encerra,  
porque eles pedem pelo amor de Deus.

E de uma cousa o homem se convença:  
de cada esmola que se dá na terra,  
recebe-se de Deus a recompensa.

(Fonte: CARVALHO, C. G. de (Org.), *A poesia em Mato Grosso*.  
p. 82)

## LUÍS FEITOSA RIBEIRO

---

Nasceu em Corumbá-MT (hoje MS), no dia 25 de agosto de 1889. Exerceu a profissão de marítimo até ingressar no magistério, profissão que exerceu por muitos anos. Ocupou o cargo de Secretário Municipal de Corumbá, em várias administrações, tendo composto o Hino do mesmo município. Poeta, deixou publicado diversos livros. Foi um dos fundadores da Seleta Sociedade Caritativa e Humanitária em Corumbá, tendo ocupado a Cadeira nº 36 da Academia Mato-Grossense de Letras.

## Soneto

Vem, querida, vem ver o grande Estado  
do peito meu e a sua geografia:  
Aqui, o mar da Dúvida agitado;  
ali, repousa o lago da agonia.

As montanhas que vês deste outro lado,  
são os montes da Dor que me a crucia;  
o vulcão das Paixões está apagado  
A ilha do abandono tão sombria.

Nos bosques dos Segredos, bem tristonho,  
No solar em ruínas do meu Sonho  
revoam da Saudade as pombas mansas...

Ah!, meu bem, meu tesouro de ternura,  
vem plantar neste reino de Amargura  
a mais rasteira flor das Esperanças.

(Fonte: *Revista da AML, comemorativa do Jubileu de Diamante*. 1996, p. 302. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## OSCARINO RAMOS

---

Nasceu em São Luiz de Cáceres-MT, no dia 1º de setembro de 1891. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, iniciou a carreira ingressando no Ministério Público mato-grossense como Promotor de Justiça, atuando em diversas comarcas. Ingressou na magistratura e como membro do Tribunal de Justiça, onde assumiu a vice-presidência. No ano de 1942, por eleição, ocupou a presidência do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso. Júlio Müller, dirigente do Estado em 1945, indicou Oscarino Ramos para ocupar o cargo de Interventor Federal, até que se completasse a redemocratização do País. Ramos retornou ao Tribunal de Justiça em 1946, aposentando-se. Nas letras, teve presença marcante em jornais e revistas, principalmente na da AML, com publicação de contos, crônicas e poesias. Na sua posse na AML, José Raul Vilá chamou-o de “suave artífice das musas”. Pertenceu, como sócio efetivo, ao IHGMT. Ocupou, na Academia Mato-Grossense de Letras, a Cadeira nº 26. Faleceu em Cuiabá-MT, no dia 6 de março de 1969.

## Ângelus

Pás de sombras no túmulo do Dia...  
Horas de evocações... choram trindades...  
A voz do sino é o eco da agonia  
de alguém que anda morrendo de saudades.

Sozinho nesta solidão tão fria,  
eu fico a recordar outras idades:  
belos tempos repletos de alegria  
de sons, de amor, de sonhos, de bondades!

Oh! Que ânsia reprimida de chorar  
a hora dolente Ângelus, por esses  
Crepúsculos cinzentos e doridos...

E que saudade sinto do meu Lar...  
da minha mãe... da minha Infância... Desses  
tempos idos, queridos e floridos.

(Fonte: *Revista da AML, comemorativa do Jubileu de Diamante*, 1996, p. 233. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## JOÃO VILLASBÔAS

---

Nasceu em São Luiz de Cáceres (hoje Cáceres-MT), em 21 de abril de 1891. Bacharel em Direito pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, turma de 1914. Exerceu os cargos de Diretor da Imprensa Oficial, Delegado de Polícia da Capital e Procurador Geral do Estado. Integrou o Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais. De inteligência brilhante, elegeu-se Deputado Federal por três mandatos (1924/1929, 1930 e 1933/1935) e de Senador, por outros três (1935/1937, 1946/1955 e 1955/1963). Na literatura, destacou-se como poeta, cuja peça mais conhecida é *A canção da minha dor*, publicada em 1979 pela Fundação Cultural de Mato Grosso. Ocupou a Cadeira nº 35 na Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu aos 94 anos, na cidade do Rio de Janeiro-RJ, em 3 de maio de 1985.

## Queimando Velhas Cartas

Venho queimar as tuas cartas...Venho  
dar cumprimento a mais um teu pedido.  
E junto ao fogo, triste, me detenho  
a reler todas elas, compungido.

Queimo-as depois. E o pranto não contenho  
quando tudo é na chama consumido,  
pois me parece que fizeste empenho  
em ver nosso passado destruído...

Enquanto, lentamente, morre o lume,  
dentro em meu peito cresce e toma vulto  
a labareda ardente do ciúme,

Por não saber o que tu me escondeste,  
tudo quanto de mim guardaste oculto  
e tudo quanto nunca me escreveste...

(Fonte: *Revista da AML, comemorativa do Jubileu de  
Diamante*, 1996, p. 56. [http://academiadeletrasmt.com.br/  
revista-aml/revista-aml](http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml))

## ALÍRIO DE FIGUEIREDO

---

Nasceu em Cuiabá, no dia 24 de abril de 1893. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, iniciou carreira profícua, inicialmente como Promotor Público, depois Procurador Geral do Estado, chegando a Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso. No âmbito da administração pública, foi consultor Jurídico do Estado, Procurador Fiscal da Fazenda Estadual e Secretário Geral do Estado. Na área da docência, distinguiu-se como Professor de Língua Portuguesa junto à Escola Normal Pedro Celestino, e de Sociologia, no Ginásio do Estado. Integrou os quadros do Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, ocupando a Cadeira nº 18. Publicou diversos livros de poesias. Faleceu em Cuiabá, no dia 25 de abril de 1961.

## A confissão da cigarra

Dona Cigarra cantadeira e esguia,  
levando vida efêmera e bizarra,  
numa tarde outonal contou-me, um dia,  
que na Terra somente foi cigarra.

E, se não trabalhava, não pedia;  
na Terra só foi música, guitarra,  
enchendo-a de canções e de alegria,  
simplesmente, na Terra, só cigarra.

– Dona formiga bem mentiu, perdoa;  
não lhe bati jamais à porta,  
mesmo em noites de bruma e de garoa.

Fui hino, fui canção, nunca elegia,  
e morro – folha seca – mas que importa  
se cantei e animei a quem me ouvia!

(Fonte: FIGUEIREDO, Alírio de. *Poemas e Poeiras*, 1930)

## LEÔNIDAS ANTERO DE MATOS

---

Nasceu em Cuiabá-MT, em 28 de fevereiro de 1894. Estudou inicialmente música e, mais tarde, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Porto Alegre. Poeta e musicista, integrou o Grêmio Literário Álvares de Azevedo, em Cuiabá, onde organizou inúmeras tertúlias, muito apreciadas pela população da capital. Ocupou a Cadeira nº1 da Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu no dia 8 de abril de 1936.

## Falando à pena

Velha pena, que a magia me minora  
Companheira nas horas de agonia,  
Inda uma vez, em lânguida poesia  
Vem traduzir o meu sofrer, agora.

Tenho no peito a dor. A treva mora  
Em minh'alma. Jamais a luz do dia  
pôde clarear a escura noite fria,  
que o coração me veste, e me devora.

Pena querida, treme entre os meus dedos,  
e penetra do berço nos segredos,  
triste, queixosa, trêmula, com calma,

Vai traduzindo a minha dor, conquanto  
cada poesia fale do meu pranto  
E fale cada estrofe de minh'alma.

(Fonte: *Revista da AML, comemorativa do Jubileu de Diamante*, 1996, p. 39-40, <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## JOSÉ RAUL VILÁ

---

Nasceu em Ponta Porã-MT (hoje MS), aos 25 de março de 1899. Funcionário do Banco do Brasil em Cuiabá. Poeta desde a juventude, aos 19 anos escreveu o clássico poema *Rondônia*, homenageando Cândido Mariano da Silva Rondon. Após a Primeira Guerra Mundial, saudou o evento com a clássica peça literária, *Oração da Paz*. Ocupou a Cadeira nº 25 da Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu no Rio de Janeiro, no ano de 1956.

## O destino de quatro paredes

Com que encantada e doce placidez  
se abre este asilo alvíssimo e risonho,  
a agasalhar nosso afagado sonho  
e nossos beijos, com gentil mudez.

E, quantas vezes, com que dor suponho,  
que já se abrija para a embriaguez  
do vício, e para o crime atroz e medonho,  
e para a infanda crápula talvez.

Ora lépida ri-se, e quem diria  
que a morte talvez ontem, feia e fria,  
o recamou de luto e lividez.

E para a alva bondade e o torpe vício,  
e para o gozo e para o sacrifício,  
há de se abrir com a mesma placidez.

(Fonte: *Revista AML, comemorativa do Jubileu de Diamante*,  
p. 225. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## FRANCISCO BIANCO FILHO

---

Nasceu na cidade de Bicas-MG, aos 4 de junho de 1901. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, colou grau com pouco mais de dezoito anos de idade. Foi nessa Faculdade que fundou, com outros companheiros, o Grêmio Jurídico Cândido de Oliveira. Do Rio de Janeiro, retornou a Minas Gerais onde ocupou o cargo de Delegado de Polícia de São João Nepomuceno. Retornou a Cuiabá em plena Revolução de 1930, trazido pelo Interventor Antonino Mena Gonçalves. Na carreira jurídica, foi Promotor de Justiça de Cuiabá, depois Juiz de Direito da Comarca da Capital mato-grossense, alçou o cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso, no ano de 1945, presidindo a Instituição em 1947. Fundou, em Bicas-MG, uma Faculdade de Direito. Em Cuiabá, foi professor de Direito Comercial, na antiga Faculdade de Direito de Cuiabá. No Rio de Janeiro, dedicou-se ao jornalismo, escrevendo em diversos periódicos. Foi eleito Vereador em sua terra natal, entre 1925 e 1930. Ocupou a Cadeira nº 24 da Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu em Cuiabá, no ano de 1947.

## Quimera

Tarde fria de inverno... a chuva e o vento  
Fustigam fora os prados e o arvoredado  
E minha alma parece em tal momento  
Da natureza um simples arremedo.

Qual peregrino displicente e quedo  
Procuro à senda do meu pensamento  
Em vão livrar-me do falaz degredo  
Desvencilhar-me em vão d'esse tormento.

Eis quando em sonho tu me vens, lasciva  
A desvendar-me esplêndida, furtiva,  
O etéreo amor num cântico imortal...

Cedo, porém, tudo reduz-se a pó,  
Frágil quimera em taças de cristal...  
Pois que desperto e sinto que estou só!...

(Fonte: *Revista AML, comemorativa do Jubileu de Diamante*,  
p. 219. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## CARLOS DE CASTRO BRASIL

---

Nasceu em Corumbá-MT (hoje MS), em 1º de março de 1905. Estudou em Campo Grande e no Rio de Janeiro, regressando à sua terra natal, onde se dedicou ao jornalismo. Integrou o grupo dos sócios fundadores da Academia Corumbaense de Letras. Seus sonetos, crônicas e poesias foram editados por diversos periódicos mato-grossenses. Ocupou a Cadeira nº 22 da Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu em Corumbá-MT (hoje MS), no dia 12 de outubro de 1976.

## Sonho Antigo

Com o pensão marcial, negro e bisonho,  
Eu tomei minha lança e meu broquel,  
E a conquista do bem que almejo e sonho.  
Parti montado, altivo, em meu corcel.

E tercei minha lança em prol do sonho...  
E venci mil batalhas, em tropel...  
Mas senti, com desânimo medonho,  
Que a vitória amargava como fel...

Eu sei que sou um louco visionário,  
Que caminha na terra solitário,  
Na incessante procura do ideal.

Mas ainda a Esperança me conforta;  
Pois se a matéria vil pode ser morta,  
- a alma não morrerá, porque é imortal!

(Fonte: *Revista da AML, comemorativa ao Jubileu de Diamante*, 1996, p. 207. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## GABRIEL VANDONI DE BARROS

---

Nasceu em Corumbá-MT (hoje MS), aos 10 de julho de 1907. Seus estudos superiores foram realizados na tradicional Faculdade de Direito de São Paulo, daí adveio sua forte ligação com os Constitucionalistas de 1932. Mesmo tendo sido eleito Deputado Estadual em 1933, foi exonerado da função frente ao estado de exceção vigente no país. Em 1936, novamente se reelegeu Deputado Constituinte, desta vez pelo voto direto, tendo participado do governo de Mário Corrêa da Costa. Sua veia literária se manifestou na juventude, estampada nos artigos que redigiu como jornalista. Escreveu diversos livros de cunho político e de trovas. Membro da Associação da Imprensa Mato-Grossense dirigiu a revista *Boletim da Nbecolândia*, de Corumbá. Construiu, com recursos próprios, o Museu do Pantanal em Corumbá-MS e dezenas de escolas para crianças carentes. Ocupou a Cadeira nº 12, da Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu em 8 de julho de 1988, na cidade de Corumbá-MS.

## Prelúdio

A alma do povo ainda cética  
ante a morfina parlenda  
que transformou a arte poética  
numa execrável contenda.

A nau da poesia hermética  
já se destrói, fenda a fenda.  
Mais valem rumos de estética  
na expressão que se compreenda.

A fingir profundidade,  
muita lira se persuade,  
a mostrar-se mais obscura.

Recorro à trova inocente  
como quem volta à vertente  
de uma água nativa e pura.

(Fonte: AML. *Antologia comemorativa do Jubileu de Diamante*, 1996)

## NEWTON ALFREDO AGUIAR

---

Nasceu em Cuiabá-MT, em 18 de junho de 1923. Atuou por muitos anos junto à Câmara Municipal de Cuiabá, como redator de Debates e Taquígrafo. Foi Professor do Colégio Estadual de Mato Grosso e funcionário da Spevea. Pertenceu a oito academias e associações culturais do Brasil e cinco do exterior, com destaque para a The Internacional Academy of Letters on England, de Londres. Premiado em diversos concursos literários. Publicou diversas obras no campo literário. Após seu falecimento, em Cuiabá, aos 8 de abril de 1987, parte de sua biblioteca e papéis foi doada pela viúva, Prof<sup>a</sup>. Stella Maria de Campos Aguiar, ao Arquivo da Casa Barão de Melgaço/Ponto de Cultura do IHGMT, e atualmente se encontra catalogada e disponível ao consulente em [www//casabarao.com.br](http://www/casabarao.com.br). Ocupou a Cadeira nº 35 da Academia Mato-Grossense de Letras.

## Imagem...

Olhos fechados, coração sonhando,  
dá gosto olhá-la, assim quando adormece...  
Alvos braços em cruz, o rosto brando,  
numa atitude angelical de prece.

Com um sorriso em seus lábios a florando,  
o lindo busto descoberto esquece...  
E o luar pelo quarto penetrando,  
enamorar-se dela, então, parece.

De seus cabelos negros e sedosos,  
um volátil perfume se trescala,  
em suaves adejos vaporosos...

Tão mimosa se deita no seu jeito,  
que extasiado fico a contemplá-la,  
e, entre carícias, beijo-a satisfeito!

(Fonte: CAMPOS, M. C. de A. (Org.). *Antologia Poética*, AML, 2015. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## JARY GOMES

---

Nasceu em Corumbá-MT (hoje MS), no dia 26 de novembro de 1923. Formou-se em Medicina, junto à Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Regressou a Mato Grosso no ano de 1943, depois de ter exercido a profissão no norte do Paraná. Seu retorno ao Estado natal deveu-se ao cargo de médico da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, atuando em Três Lagoas. Elegeu-se Deputado Estadual em 1947-1951 tendo tomado parte nos trabalhos constituintes daquele ano, o que motivou sua elevação a Presidente da Assembleia Legislativa de Mato Grosso, ocasião em que escreveu *Rumos da Colonização de Mato Grosso*. Chegou a substituir, no Governo do Estado, a Arnaldo Estêvão de Figueiredo, em 1951. Escreveu inúmeros trabalhos editados em periódicos. Ao final de sua vida, mudou-se para Niterói-RJ. Ocupou a Cadeira nº 24 da Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu no dia 7 de maio de 1996.

## Quarto Vazio

Hoje revi teu quarto solitário  
e dominou-me estranha nostalgia;  
um mundo de saudade, ali, jazia  
como ruína aos olhos de um templário.

A escrivanhinha muda, - mudo o armário,  
a estante sem um livro, quieta e fria,  
ausente o riso, o ardor, toda a alegria,  
isto me sabe as penas do Calvário.

Pelas pompas do Altar levas teus sonhos,  
filha que vi nascer de olhos bisonhos  
e o coração de amor se fez tão farto!

Teu ideal! Abraça-o sem tardanças,  
que, enquanto enricas a alma de esperanças,  
a minha está vazia como o quarto!!!

(Fonte: GOMES, J. *Da Juventude ao Ocaso*, 1990, p. 58)

## RUBENS DE MENDONÇA

---

Nasceu em Cuiabá-MT, aos 27 de julho de 1915. Seus estudos iniciais foram realizados junto ao Grupo Escolar Barão de Melgaço. Tornou-se um dos expoentes da literatura moderna, colaborando também de forma expressiva para a historiografia mato-grossense. Como jornalista, contribuiu em diversos periódicos regionais. Publicou mais de meia centena de títulos versando sobre a história, biografia, literatura, jornalismo, folclore, dentre outras áreas. Integrou o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, instituição que lhe concedeu o título *de Secretário Perpétuo* e a Associação Mato-grossense de Imprensa. Seu nome foi atribuído a uma das mais importantes vias públicas de Cuiabá, que demanda ao Centro Político Administrativo, que passou a se intitular *Avenida Historiador Rubens de Mendonça*. Faleceu aos 3 de abril de 1983. Ocupou a cadeira nº 9 da AML.

## Alavanca de ouro

Cavavam dia e noite sem cessar  
e sem cessar cavavam noite e dia...  
Por mais que procurassem cavoucar,  
a alavanca na terra se escondia!

No alto do Rosário aparecia  
a alavanca de ouro. Era começar  
na Colina, o trabalho – ela fugia  
cada vez mais na terra a se ocultar!...

E assim foi até que um preto escravo  
salva a uma velha índia, como um bravo,  
da sede que a havia de matar!...

Em paga, o Currupira diz-lhe em suma:  
“Quando cantar ao meio-dia a anhumã,  
foge, que a mina vai se desabar!...”.

(Fonte: CAMPOS, M. C. de A. (Org.). *Antologia Poética*, AML,  
2015. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## Soneto sem nome para as mulheres que amei

Cerro os olhos e sonho... Mansamente  
as mulheres que amei vejo passar...  
Mulheres que amei tão loucamente  
e que as chamas do amor trazem no olhar!...

Lembro-me algumas, cujo olhar fremente  
era volúpia estranha e singular...  
Outras por mim passaram friamente  
sem seus lábios nos meus pousar!...

Passais, visões da minha fantasia  
vultos gentis que o tempo mau desfaz...  
Amor! que outrora foi minha alegria...

Tal como quem desfolha mal-me-queres...  
Eu tenho um coração grande, capaz  
de amar com ele todas as mulheres!...

(Fonte: Arquivo da Casa Barão de Melgaço. Acervo Família  
Mendonça. *Poesias*.)

## OUTRAS FORMAS DE POEMAS

---

Nesta seção, temos, ainda, poemas mais afinados com as estéticas que seguiam convenções, em que a rima externa é um elemento de composição bastante considerado e, em alguns, também, o metro. O primeiro, por exemplo, é uma cantiga com versos de sete sílabas, a famosa redondilha maior. O segundo, são duas quadras com versos de dez sílabas. O terceiro não possui regularidade métrica, mas faz uso abundante de rimas e de vocabulário formal. Em outros, figuram as inversões na sintaxe da frase, característica muito valorizada antigamente, entre outras. Em alguns textos persevera o tom de melancolia, ou o tom ufanista, ou dos arroubos amorosos.

## MANOEL PAES DE OLIVEIRA

---

Nasceu em Cáceres-MT, no dia 11 de julho de 1885, descendendo do Cel. José Sabo Alves de Oliveira e de Francelina Paes de Oliveira. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Jornalista, foi redator e colaborador dos seguintes periódicos: no Rio de Janeiro: *A Aspiração*, *A Época*, *Jornal do Brasil*, *A Nova Época*, *Correio da Manhã* e *O País*; em, Mato Grosso: *O Mato Grosso* e *A Cruz*. Ocupou a Cadeira nº 1 da Academia Mato-Grossense de Letras.

## Nossa Senhora do Rosário

Se vires a tarde triste  
E o ar a querer chover  
Dize que são os meus olhos  
Que choram por não te ver

Você diz que amor não dói  
Dói dentro do coração  
Queira bem e viva ausente,  
Veja lá se dói ou não!

Esta noite tive um sonho  
Um sonho muito atrevido  
Sonhei que tinha abraçado  
A forma do teu vestido.

(Fonte: *Revista da AML, comemorativa ao Jubileu de Diamante*, 1996, p. 38. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## VALDON VARJÃO

---

Nasceu em Cariús-CE, no dia 15 de dezembro de 1923. Sua profissão inicial foi a de garimpeiro, mais tarde comerciante, pecuarista, jornalista, tabelião e contador. Ingressou na vida pública tendo ocupado os cargos de Vereador e Prefeito em Barra do Garças, Deputado Estadual, Deputado Federal e Senador por Mato Grosso. Em 2004, ocupou o cargo de Secretário Municipal de Cultura de Barra do Garças. Filiou-se ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, à Academia do Centro-Oeste, à Academia Paulista de História e à Ordem Nacional dos Bandeirantes. Na AML ocupou a Cadeira nº 16. Publicou inúmeras obras, sendo grande parte delas relativas à História de Mato Grosso, mais especificamente referentes a Barra do Garças. Faleceu na citada cidade, aos 3 de fevereiro de 2008.

## O rio que decanta numa cidade que encanta

Na foz deste inimitável Rio,  
antes calmo, hoje bravio.  
Não aquele brando cristalino e frio  
Saudoso, apaixonante que a infância vi.  
Era tão calmo, tão feliz, tão cheio de bonança.  
Que às vezes dizia, ao ver-lhes as quimeras águas...  
“ Eis um trabalhador honesto que descansa  
das lutas que mataram certas esperanças,  
Das realidades que guardam algumas mágoas”.

Ele nasce saltando em cascatas,  
“Quimeras de espumas” a enfeitar seu leito.  
Repele no garganteado ameno de seu peito  
Protesto aos que o depredam...  
aos que lhe sangram...  
Roubando, às margens suas lindas matas.

Primeiro murmurava. Agora canta e ri  
Das lutas, dos faustos, pompas e gozos...  
Vivera de garimpos, vezes a divertir,  
Dos trabalhos pesados insanos, perigosos.  
Rememoro neste Rio Indômito que aterra.  
Que atira a catacumba imensa do oceano.

E que, com a mesma faina odiosa do coveiro,  
Será capaz até;- O Monstro-; de levar  
O continente inteiro;  
Para cobrir o túmulo do velho e negro mar.  
Tal a ruga feral da frente ameaçadora  
Desse trabalhador, hércules, grave, mudol...  
Que vai levando tudo,  
Numa insensibilidade aterradora  
Para quê não sei; águas portadoras..

O Rio ...  
Sujo, revoltado, tétrico, sombrio,  
Veze tem uma face pavorosa...  
Mas, esse enorme, sujo, mau e feio...  
Mal sabeis,  
Pessoas com rancor  
Que no passado, foi causa de anseios,  
E muitas vezes, palco de terror...

Talvez em noites esplêndidas de lua  
Quando muitos seres se apaixonam.  
Surgiu na margem.  
Elegante e nua;  
Uma cidade bela, meiga e risonha:  
Princesa de radiante formosura  
Qual seios - visão nas serras esplendorosas,  
Moça; de olhos verdes; langorosos.  
Margeada em barrancos com fissuras  
das suas margens a urbe mais vistosa.  
Oh!... Será ela Princesa encantada?...  
Motivando fogo e paixão,  
Na simplicidade de sua castidade.  
Talvez sim!...  
Abraça a todos com lampejos  
Com carícia ardente demorada  
Qual musa, terna namorada  
A matar nossos insaciáveis desejos.  
Quero em ti amiga, a companheira,  
Como recompensa do mourejo.  
Minha esperada morada derradeira,  
Tendo assim completo meus almejos.

Fonte: <http://valdonvarjao.com.br/?Pg=Textos&Cat=1>)

## MARIA DE ARRUDA MÜLLER

---

Nasceu em Cuiabá-MT, no dia 9 de dezembro de 1898. Diplomada professora pela Escola Normal Pedro Celestino, onde já demonstrava pendor pela carreira do magistério, veio a lecionar em diversos estabelecimentos de ensino da capital e, temporariamente, no Grupo Escolar de Poconé, onde seu esposo, Júlio S. Müller, foi diretor. Integrou e fundou o Grêmio Literário “Júlia Lopes”, instituição que por quase meio século foi responsável pela publicação da Revista *A Violeta*. Foi no interior do Grêmio que Maria de Arruda Müller, ao lado de outras companheiras, deu início a um forte movimento, ainda nos primeiros anos da década de 1930, em prol do voto feminino a ser consignado na Constituição de 1934, ocasião em que conclamou as mulheres mato-grossenses a se inscreverem como eleitoras. Publicou diversos livros de genealogia e literários. Ocupou, na AML, a Cadeira nº 4. Faleceu em Cuiabá-MT, no dia 4 de dezembro de 2003, aos 105 anos incompletos.

## Sonata ao Luar

Bethoven estremece!  
Seus ouvidos já lesados, apercebem  
vagamente, entre os canteiros e os rosais  
de Shonbrunn  
envolvidos na garoa luminosa  
de uma noite invernososa,  
- nimbada de luar,  
- pisar suave que amortece!  
Atrito dos saibros que o recebem!  
Passos de leoa entre os juncais de Kaurtum,  
eles, de sua dona fazem alarde:  
são de Julieta de Guicciardi,  
a amada mística do artista.  
- n'alma ardente do grande pianista, não arrefece  
o amor infortunado. Embora também  
um a um seus ideais, nenhum  
fenece! qual lamentosos sons perdidos.  
De adágios nunca ouvidos,  
as ilusões em messe,  
doiradas surgem... sobem  
do coração a soar... desferem ais!...  
- Entre o debrum  
da seda roçagante, rumorosa,  
aproxima-se insidiosa,  
furtivamente... devagar!...  
Num beijo que o enlouquece,  
envenena-lhe a vida... ressabem  
a fel seus lábios. Mas, em acordes líriais,  
sob seus dedos se desata  
a divina sonata...

(Fonte: *Revista AML, comemorativa do Jubileu de Diamante*,  
1996, p. 86-87. [http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/  
revista-aml](http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml))

## CIRO SODRÉ

---

Nasceu em Santa Vitória do Palmar-RS, em 3 de junho de 1902. Formado em medicina, exerceu o ofício com muita competência. Foi médico do Exército, tendo sido transferido para Cuiabá a fim de comandar o antigo 16º Batalhão de Caçadores, hoje 44º BIMtz. Presidiu a Associação Médica e também do Conselho Regional de Medicina de Mato Grosso. Integrou, na categoria de sócio efetivo, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ocupou a Cadeira nº 38 da Academia Mato-Grossense de Letras. Sua produção intelectual foi veiculada em diversos periódicos de Mato Grosso. Faleceu em Cuiabá, no dia 31 de julho de 1980.

## O drama do sino

Do alto de esguia torre  
de soberbo templo de beleza austera  
o sino contempla através do tempo  
a amplidão azul do céu infindo.  
Em sua longa vida, em variadas épocas  
com badalar soturnos, repicar festivos  
pranteou a morte, cantou a vida  
de devoto amigo da fé cristã.  
E depois de encher o espaço intérmino  
de diárias súplicas às orações  
como bom frade sereno repousa  
de consciência limpa de mortal pecado.

Do sino ao apelo, pouco a pouco vem  
os fiéis encher o evocativo adro  
de orações súplicas de pedidos mil!  
Ao criador Supremo da generosa Terra  
o tempo passa e a experiência aumenta  
do bronze o sino que observações faz...  
E um dia desiludido e triste  
fende-se de dor numa pancada forte,  
ao compreender a miséria humana  
que dentro das almas secretamente mora.  
o mundo avança e os séculos passam  
e outros sinos voltarão a se fender também,  
Pois tudo se transforma e só imutável é  
Do homem a pérfida alma, de hipocrisia plena!

(Fonte: *Revista da AML, comemorativa do Jubileu de Diamante*, 1996, p. 313-314. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## HUGO PEREIRA DO VALE

---

Nasceu em Campo Grande-MT (hoje MS), aos 11 de janeiro de 1918. Formou-se pela Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, porém, quando cursava o segundo ano abandonou temporariamente os estudos, engajando-se na Força Expedicionária Brasileira - FEB, tendo sido enviado por essa Instituição à Europa durante os conflitos armados da Segunda Guerra Mundial, recebendo a patente de 1º Tenente. Após o término do conflito, retornou à mesma universidade, formando-se médico no ano de 1951, ocasião em que retornou a Campo Grande, onde clinicou e foi docente da Faculdade de Medicina da UFMT. Mais tarde, visando ampliar e aperfeiçoar os conhecimentos, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Campo Grande, concluindo o curso em 1970. Sua veia literária o fez igualmente conhecido, tanto no campo do ensaio como na poética, tendo publicado diversos artigos em periódicos mato-grossenses, além de diversas obras. Pertenceu à Academia Mato-Grossense de Letras, Cadeira nº 40. Faleceu em Campo Grande-MS, no dia 20 de janeiro de 1982.

### Eis a Amarga Questão

Recolho-me  
na insignificância do meu “Ser”  
Sou ser ou coisa?  
Eis a questão,  
a amarga questão.  
Então por que viver?  
Se tudo é nada  
se a vida é leve brisa  
no calendário  
das tormentas infundáveis?  
A placidez de uma cova rasa  
é o melhor lugar  
e o tudo.  
O deserto é o grão de areia  
em átomo.  
A morte no poema  
é o sagrado lugar do poeta.  
A vida  
é a folha morta,  
caída  
no vendaval.  
Eis a amarga questão.

(Fonte: *Revista da AML, comemorativa Jubileu de Diamante*, 1996, p. 329-330. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## ANTÔNIO LOPES LINS

---

Nasceu em Sobral - CE, no dia 8 de junho de 1912. Atuou como jornalista e publicitário da Secretaria de Agricultura de Mato Grosso. Diplomou-se em dois cursos de nível superior, o de Odontologia e o de Ciências Econômicas, especializando-se, na Argentina, em ortopedia maxilar. Ao longo de sua carreira profissional, ocupou a presidência do Conselho Regional de Odontologia. Dedicou-se ao magistério, onde colaborou em diversas instituições de ensino. Na política, foi nomeado, durante o período de exceção (1964), Vereador da Câmara Municipal de Cuiabá, declinando do convite. No ano de 1970, foi eleito Deputado Estadual. Poeta, conferencista na Escola Superior de Guerra, foi escritor, tendo editado inúmeras obras. Fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul e membro da Academia Mato-Grossense de Letras, Cadeira nº 8. Faleceu em Campo Grande - MS, no dia 5 de setembro de 1990.

### Dimensionando o Amor

Vou cantar o amor simples, perfeito.  
Niemeyer, empresta-me tuas formas,  
Burle Marx, tuas flores,  
Pintassilgo, as plumagens do teu peito,  
Cícero, sua erudição, Da Vinci, tuas cores.

Vou cantar o amor complexo, puro.  
Anjo Gabriel, empresta-me tua leveza,  
Pontes de Miranda, tua alma de jurista,  
Mestre Pixinguinha, tira uma nota  
da tua flauta, com pureza,  
socorrei-me, dai-me vossa inspiração, artista!

Vou cantar o amor humano, sacana, viril.  
Sargentelli, empresta-me tua mulata,  
Roberto e Vinícius, teus poemas e canções.  
Sansão, empresta-me a tua força que dilata  
para rebentar e dilacerar os corações.

Vou cantar o amor absoluto, divino.  
Colibri, empresta-me o néctar da rosa, roubado,  
Mar, empresta-me tua grandeza e profundidade,  
Maria, empresta-me tua pureza, teu anjo alado,  
Cristo, ajuda-me com teus sofrimentos e tua divindade!

(Fonte: *Revista AML, comemorativa do Jubileu de Diamante*.  
1996, p. 96. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## CORSÍNDIO MONTEIRO DA SILVA

---

Nasceu em Cuiabá-MT, no dia 24 de abril de 1918. Bacharelou-se em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Rio de Janeiro, atuando como magistrado em Mato Grosso entre 1951 e 1952. Em Brasília-DF, onde passou a residir a partir de 1961, integrou o Serviço Jurídico da União, com especialidade na área da Administração Pública Federal. Foi consultor jurídico da Secretaria de Planejamento da Presidência da República e do Estado Maior das Forças Armadas. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, da Ordem dos Advogados do Brasil, da Academia de Letras de Brasília e da Associação Nacional de Escritores. Sócio efetivo da Academia Mato-Grossense de Letras, ocupando a Cadeira nº 10. É autor de vasta obra literária versando sobre Direito, Língua Portuguesa e Cultura mato-grossense. Após seu falecimento, em Brasília, no ano de 2007, parte de seu acervo foi doado pela família ao Arquivo da Casa Barão de Melgaço, hoje catalogado e disponível ao público.

### Incontido desejo

Desejo da humilde liberdade  
Da liberdade de vagar pelas ruas  
Sem horários e sem destino...

Liberdade de ser pobre  
e de ser triste.  
Liberdade de amar,  
liberdade de ficar em silêncio  
e de padecer minhas dores...

Ah! ainda o incontido desejo de ser isento,  
de ser eu mesmo:  
tranquilo, plácido, vago  
tênue e ausente...  
na doce serenidade do desencanto...

(Fonte: MENDONÇA, R. *História da Literatura Mato-grossense*, 1970, p. 205-206)

## TERTULIANO AMARILHA

---

Natural de Campanário, Município de Ponta Porã, antigo Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul. Filho de pais paraguaios. Contador de formação, prestou serviços junto ao Ministério da Fazenda e à Secretaria de Estado de Fazenda de Mato Grosso, onde se aposentou como Fiscal dos Tributos Estaduais. Escreve poemas, versando sobre diversos temas, especialmente os regionais e sul-americanos. Escreveu um dicionário Português-Guarani, língua que sempre falou fluentemente, o que lhe valeu diversos convites para traduzir obras. Compositor letrista com 70 fitas K7, CD's, LP's e DVD's gravados por renomados artistas brasileiros. Sócio da "Casa do Poeta" – São Paulo SP, do IHGMT e da AML, onde ocupa a Cadeira nº 23.

### Se eu fosse um passarinho

Ah! Se eu fosse um passarinho  
Construiria nosso ninho  
Com cuidado e com primor,  
Entre os ramos da mangueira  
Onde a brisa, em voz fagueira,  
Ao luar segreda amor!

E, bem cedo, à luz da aurora,  
Cantaria à deusa Flora  
Sacros hinos de louvor;  
Encheria a natureza  
Toda lírica, em beleza  
De selvático rumor!

Levaria aos teus ouvidos  
Os meus cândidos sentidos,  
De tormentos tão cruéis;  
Depois esvoaçaria,  
Esparzindo melodia  
Pelos campos e vergéis!

Fonte: *Revista AML, comemorativa dos 75 anos*, 1996, p. 216.  
<http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>

## LETRAS DE MÚSICA OU CANÇÕES

---

A letra de música também é poema. E quando estudamos o surgimento da poesia, descobrimos que, nos tempos primitivos, a letra e a melodia eram indissociáveis. Apresentamos, nesta seção, alguns poemas que já nasceram ou ganharam a companhia da música e foram celebrizados em interpretações de artistas como Pescuma, Henrique e Claudinho, conhecidos no meio regional mato-grossense, e de Tetê Espíndola, sul mato-grossense.

## MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR

---

Nasceu em Campo Grande-MT (hoje MS), no dia 6 de agosto de 1941. Graduiu-se em Odontologia pela Universidade Federal de Goiás. Possui duas especializações: em Administração em Serviços de Saúde Pública (UFMT e UNAERP - São Paulo), e a Especialização em Ortopedia Funcional dos Maxilares (Buenos-Aires/Argentina). Exerceu as seguintes atividades: Presidente do Conselho Regional de Odontologia; Implantou o primeiro Curso de ACD e THd do Estado de Mato Grosso; Secretário Municipal da Cultura de Cuiabá; Secretário Adjunto da Secretaria Municipal da Cultura de Cuiabá e Secretário da Secretaria Especial de Resgate Histórico e de Apoio à Cultura junto à Câmara Municipal de Cuiabá. No âmbito da política, nomeado Vereador por Cuiabá, e foi Suplente de Deputado Estadual. Integrou a Academia Municipalista Brasileira de Letras e a Academia Mato-Grossense Maçônica de Letras. É poeta e autor de letras de músicas. Ocupa a Cadeira nº 8 na Academia Mato-Grossense de Letras.

## Pixé

Milho torradinho socado,  
canela açucarada,  
a branca pura daquela gurizada  
do tempo do campo d'ourique,  
quando a pandorga, o finca-finca  
o buscapé e o trique-trique  
pintavam o céu com pingos de luz  
é tempo bom  
que não volta mais,  
só na lembrança de quem foi menino,  
e hoje é rapaz.  
Milho torrado bem socadinho  
ah! Que saudade do meu tempo de menino,  
um dia ainda verei eu tenho fé  
meu neto, meu neto  
com a boca toda suja de pixé!

(Fonte: <https://moisesmendesmartins.wordpress.com/category/cancoes/>)

## Furrundu

Furrundu doce do pau,  
Do pau do mamoeiro  
Até parece com uma dança,  
Mas é só doce caseiro.  
Rala, rala, raspa, raspa.  
Esse pau todo grudento.  
Rala, rala, raspa, raspa,  
Esse pau que é alimento.  
O leite que dele escorre,  
Quando o pau é decepado.  
Lembra um certo caldinho,  
Grudento que nem melado.  
O choro do pau no leite,  
Que nem sentimento tem  
O leite contigo fica,  
A doçura comigo vem!

(Fonte: <https://moisesmendesmartins.wordpress.com/category/cancoes/>)

## SUELI BATISTA

---

Nasceu na cidade de São Paulo, no dia 28 de julho de 1956. Formou-se em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de Mogi das Cruzes-SP. Mudou-se para Cuiabá em 1985, para ser repórter na TV Centro América. Pós-Graduada em “Metodologia e Didática do Ensino Superior” e também em MBA, Terceiro Setor e Políticas Públicas. Docente do Curso de Comunicação Social na Universidade Federal de Mato Grosso (1994-1997), e no Curso de Jornalismo no Instituto Várzea-Grandense de Educação (1995-2000). Palestrante nas áreas de Empreendedorismo, Comunicação e Responsabilidade Social, tanto no Brasil quanto no exterior. Presidente da Federação das Associações de Mulheres de Negócios e Profissionais (BPW Brasil), no período de 2011 a 2013. Atuou como produtora editorial das Revistas Infantis “*A Turma do Balão*” e “*Sorrindo e Brincando*” na cidade de São Paulo e também como criadora e diretora da revista da noite “Sampa”, no ano de 1983. Fundadora, em Cuiabá, da Empresa Studio Press Comunicação e Editora, no ano de 1988. Ocupa a Cadeira nº 31 da AML.

### Pássaro Passará

Tudo nessa vida passará  
Você é pássaro  
pássaro das penas passadas  
pássaro do passado  
que pousou nos sonhos  
das passaradas  
que aprisionadas  
caladas  
algemaram suas asas  
no palácio do pássaro rei  
Pássaro  
passará  
pousará  
penará  
pássaro pleno  
preso  
privado ao cantar  
pássaro  
passará  
paralelo ao passado  
marcado  
molhado  
pela lágrima  
do pássaro preto.

(Fonte: BATISTA, S. *A lira em tom maior*, 2006)

## Chapada Reluz

Transformação  
translúcida  
transmite  
transluz  
E na Chapada se faz luz  
Resplandecem cachoeiras  
A Chapada reluz  
Raios de sol na Mata fria  
Luz prateada no Véu de Noiva  
Cristais de sal  
Salgadeira radiante  
A Chapada começa a se despir do Sol  
a se vestir de lua e estrelas  
Seu brilho seduz  
No amanhecer, entardecer, anoitecer  
Não há como esquecer  
Crepúsculos, opúsculos  
O fulgor da sua luz  
Mística, misteriosa  
Simplesmente mágica,  
Simplesmente...

(Fonte: BATISTA, S. *A lira em tom maior*, 2006)

## POEMAS EM VERSOS LIVRES – MODERNISTAS E CONTEMPORÂNEOS

---

Os poemas a seguir estão mais afinados com as propostas da estética modernista: rompimento com as formas fixas e adoção do verso livre; inclusão de temas da cultura popular com uso da linguagem coloquial; temas de ordem político-social; questionamentos sobre as representações das identidades; manuseio do verso e da palavra de modo a apresentá-los graficamente na página de variadas formas. Também temos a presença do poema-síntese, que tem tudo a ver com uma vida mais agitada e veloz. Isso se estende às produções contemporâneas em que se observa, também, uma poesia voltada para aspectos comuns da realidade.

## HÉLIO SEREJO

---

Nasceu no Município de Nioaque-MT (hoje MS), na Fazenda São João, zona da Água Fria, no dia 1º de junho de 1912. Sua produção literária é rica e variada, tendo deixado publicadas 60 obras. Como jornalista colaborou em diversos periódicos regionais e nacionais. Ocupou os cargos: Chefe do Setor Farmacêutico do 3º RI, Praia Vermelha, Rio de Janeiro; Investigador de Polícia Especial, no Rio de Janeiro; Oficial do Registro Civil, em Rio Brilhante, hoje Mato Grosso do Sul; Fiscal de Rendas nas cidades de Rio Brilhante, Maracaju e Dourados; Delegado de Recenseamento da Região de Rio Brilhante; Escriturário da Comissão de Limites Brasil-Paraguai; Assessor do Engenheiro Chefe da Comissão de Limites Brasil-Paraguai; Assessor de Gabinete do Governador no antigo Território Federal de Ponta Porã; Auxiliar do Diretor de Imprensa do antigo Território Federal de Ponta Porã; Chefe do Departamento de Terras e Colonização do antigo Território Federal de Ponta Porã; Assessor do Diretor do Diário Oficial do antigo Território Federal de Ponta Porã; Diretor de Assistência Social da Prefeitura de Presidente Venceslau-SP. Pertenceu a diversas instituições culturais de Mato Grosso e nacionais. Pertenceu a diversas instituições culturais de Mato Grosso e nacionais, ocupando a Cadeira nº 18 da Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu em Campo Grande-MS, em 8 de outubro de 2007.

## A Famia

Um dia nós  
si encontremo,  
oiemo,  
cumprimentemo,  
si rimo,  
- num conversemo -  
mas ficamo si queremo...

Adispois nós si casemo...  
Veio a Tuca,  
o Manduca.  
o Mané,  
a Zabé;

mais tarde,  
veio o Tião,  
o Zequinha,  
o Elesbão;  
a casa tava pequena  
quando veio a Madalena!

Agora, bamo pará,  
mode us fius num omentá...

(SEREJO, H.. *Obras Completas*, 2º vol., p. 246)

## O Arrieiro

Semana santa. Dia de festança  
no vilarejo dantes sossegado!  
Vibra no espaço o som da acordeona;  
toda enfeitada, geme uma guitarra!

Eis o arrieiro bem chumbado e alegre,  
de poncho-pala e lenço no pescoço.

Dança arrastado... pisa a dama agora;  
cospe, resmunga, bate os pés e grita.

De tudo compra e não pergunta o preço;  
come sardinha, bebe canha e vinho...

Quando retorna para o erval distante,  
pesada conta satisfeito leva!  
Boêmio doido, não maldiz a sorte;

foi grande o gasto... mas bem linda a farra!

Se lhe perguntam: - que tal dom Bento?  
responde logo, orgulhosamente:  
- pobre, mui pobre... pero bién contento!...

(Fonte: SEREJO, H. *Obras Completas*, v. 2, p. 257)

## AVELINO TAVARES

---

Nasceu em Cuiabá-MT, no dia 11 de março de 1926. Seus estudos fundamentais foram cursados junto à tradicional Escola Modelo Barão de Melgaço, em Cuiabá. O nível médio, no Liceu Cuiabano, onde se bacharelou. Depois de formado, frequentou diversos cursos de extensão. Profissionalmente, ocupou o cargo de Chefe de Gabinete Parlamentar do Vereador Marcelo Ribeiro Alves (01/01/1993 a 01/05/1994) e Assessor de Jornalismo da Câmara Municipal de Cuiabá (1994). Jornalista por vocação e diletantismo por mais de 50 anos, colaborou nos seguintes periódicos: *Estado de Mato Grosso, Diário de Cuiabá, Jornal do Dia, Correio da Imprensa, A Gazeta, Folha do Estado* e outros, tendo ficado, a *Janela do Tempo*, uma de suas mais importantes colunas. Sócio Honorário do Rotary Club, Cuiabá (Porto); Diploma de Honra ao Mérito, oferecido pela Polícia Militar do Estado de Mato Grosso – Comando Geral (1993); Cavaleiro da Ordem do Mérito Mato Grosso, oferecido pelo Governo do Estado de Mato Grosso (1994). Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, ocupando, na Academia Mato-Grossense de Letras, a Cadeira nº 17.

## Quero sair por aí

Quero sair por aí...  
Sonhando, almejando, premonizando...  
Refazendo o tempo... Era...  
Eternidade desvirginando primavera...  
Ritual, metamorfose da lida...  
Reminiscências prescritas – incomensurável porfia...  
Na infinitabilidade da vida!  
Sair por aí, despetalando preces, em motes de poesia...  
Mundos intraterrenos, estrelas habitadas...  
Extrafísica vida; coral de harmonia...  
Os escombros? Entesourados no emocional...  
Lembram-nos lendas,  
Contos de fadas,  
Esparsas cantigas de ninar!...  
Jesus! Manjedoura, no ápice do monte Tabor...  
Discípulos! Estrada de Emaús empoeirada, iluminada!...  
Sair por aí plantando amor...  
Dulcificando a vida  
No esmaecer da saudade!...

Planeta Terra! Genuflexo a suplicar:  
Humildade, amor, união, fraternidade!  
Astros em bando, cataratas iluminadas...  
Infinito roteiro, sonorizando imortalidade!  
Cambarás – ipês, em floradas...  
Trinado de passaredos  
Colibris, asinhas fluidas  
Corais – musicais – exaltando madrigais  
No santuário das madrugadas!

Quero sair por aí...  
Galopando, cancionando...  
Ouvindo vozes dolentes dos funerais  
Na imensidão da transitoriedade!...  
Seresteiro eternal da saudade!

Quero sair por aí...  
A referendar o tempo...  
Declamando canções  
Que o tempo não prescreve...  
Deslumbrado, sorrindo, extasiado, emocionado...  
Na apoteose do santuário d'alma...  
Inalienável patrimônio  
Imortal cathedral  
Cavalgar – voitar!  
Demandando o eternal!  
Quero sair por aí...

(Fonte: CAMPOS, M. C. de A. (Org.). *Antologia Poética*, AML, 2015. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## GERVÁSIO LEITE

---

Cuiabano, nascido a 19 de junho de 1916, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, com apenas 22 anos de idade. Regressou a sua terra natal onde fez brilhante carreira. Além dos dotes na área jurídica, Gervásio Leite destacou-se nas letras, tendo representado, ao lado de Rubens de Mendonça e Euricles Mota, a vanguarda mato-grossense do *Movimento Graça Aranha*, cujas produções foram veiculadas na Revista Pindorama. Professor e autor de obras relativas ao contexto histórico e educacional de Mato Grosso. Presidiu a Academia Mato-Grossense de Letras, onde ocupou a Cadeira nº 2. Gervásio Leite faleceu no Rio de Janeiro a 10 de abril de 1990, aos 74 anos incompletos.

## Hamlet

Hamlet diante do abismo  
deveria ter dito como o outro de Shakespeare:  
“*To be or not to be – that is the question*”.

Mas este Hamlet do meu poema  
jogou o chapéu pra trás, engoliu em seco  
e articulou:  
“Mas que buracão, meu Deus do Céu!”.

É que este Hamlet do meu poema  
é analfabeto,  
trabalha na estiva,  
é filho da minha lavadeira,  
nada tem com Shakespeare  
e só é Hamlet por acaso.

(Fonte: CAMPOS, M. C. de A. (Org.). *Antologia Poética*, AML, 2015. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## Encruzilhada

Sejamos como os homens que sacrificam seu destino  
Sorridentes...  
Tranquilos, felizes...  
Que importa os outros homens que rondam lá fora  
Que importa a dor que está roendo alguns corpos desgraçados  
Que importa as almas dilaceradas pelas dúvidas  
Que importa a vida  
Que importa o mundo?  
A vida é uma gargalhada mais ou menos histérica  
E o mundo um pandemônio de gargalhadas mais ou menos en-  
louquecidas  
Esqueçamos irmãos.

(Fonte: *O Estado de Mato Grosso*, 19/07/1989. Caderno 2)

## Fronteira

Se ainda fosse somente o átomo que pulsa numa pedra  
Ou pedacinho verde de clorofila numa folha  
Se o meu corpo não tivesse saído do mundo das formas incriadas  
E se na minha alma não tivesse atado o peso das coisas definidas  
Se eu não tivesse ainda sofrido...

(Fonte: *O Estado de Mato Grosso*, 19/07/1989. Caderno 2)

## AMARÍLIO NOVIS (ZÉ PACULÂNDIA)

---

Nasceu em Cuiabá, no dia 13 de outubro de 1902. Colaborou no jornalismo regional e nacional. Bacharel em Direito, iniciou carreira como Promotor de Justiça, passando a Delegado de Polícia, Diretor Geral da Instrução Pública, Diretor da Tipografia Oficial, Chefe de Polícia, Procurador Fiscal e Procurador-Geral do Estado. Foi professor da Escola Normal “Pedro Celestino” e, mais tarde, da Faculdade de Direito de Cuiabá. No Tribunal Regional Eleitoral assumiu diversos encargos. Integrou o Pleno como juiz efetivo, desde 1932, alçando a presidência da Corte de Justiça em 1935. Retornou ao TRE-MT em 1955, quando exerceu a função de Procurador Regional Eleitoral *ad-hoc*. Foi eleito Presidente do Tribunal de Justiça, em 1941, voltando a ocupá-la em 1943, por nomeação do Interventor Federal (Júlio Müller). Ocupou a Cadeira n. 38 da Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu no Rio de Janeiro-RJ, aos 10 de abril de 1965.

## Carnaval Político

Eu, Nhô Fernando Campos (Lobisomem)  
conhecido demais pelo cognome,  
morador lá na rua Antônio João,  
(condescendência e mera proteção),  
bom professor de língua, e língua viva  
que das outras o mundo já se esquiva,  
com poderes gerais constituído,  
o intrigante maior do meu partido  
empunhando esta rutila trombeta,  
(o bombo vai tocado por Bondeta)  
por ordem de quem manda nesta terra,  
morubixaba nato lá na serra,  
trago em público e raso este programa,  
das festas todas que o governo trama  
em honra a Momo, em honra da Folia...  
Nunca vi por aqui tanta alegria!...  
Já se preparam carros pr’a o cortejo  
iguais aos quais eu nunca vi nem vejo  
nos catálogos vindos de encomenda...  
E tão bonitos são que há já contenda  
em torno do “Grande prêmio” cobiçado...  
Este prêmio, eu vos digo entusiasmado,  
é um retrato do Dito, o belo mano,  
- a inveja capital do cuiabano...  
E, não fora o segredo da surpresa,  
descrevê-lo-ia já, tenho certeza...  
Arrisco este começo: Está de beca!  
Que beleza, meu Deus, uma boneca!...

Os carros construídos a capricho  
sob as vistas do Mário, artista bicho,  
darão a nota d’arte ao Carnaval.  
São dez mimos de graça sem igual...  
- Simbolizando o primeiro a PROIBIDADE...  
Nhô Pedro nesse vem todo à vontade,

engraxando ele próprio suas botinas.  
Exemplo das “virtudes peregrinas”...  
- No segundo vem Mário, o grande artista,  
no carro USURPAÇÃO sempre na pista  
do Barão de Antonina que lhe foge...  
- Forma em terceiro a gôndola de um Doge...  
É o carro “CATACUMBA”, em que o Borracho,  
singrando rio abaixo sem trabalho,  
entre flores e sírios, tem sumiço...  
- Segue agora, senhores, “O CORTIÇO”.

Este carro alegórico da intriga,  
no qual figuro como mãe da briga,  
dos zuns-zuns, disque-disque e boatos...  
- Como prêmio alcançado pelos fatos  
que sangraram Bondeta um valentão,  
vai em quinto lugar, andando a passo,  
o carro “TREME TERRA”, em que seu Dito,  
todo escorado em cordas, esquisito,  
lança murros terríveis às risotas.  
Inclusive as que vêm das molecotas.  
- Gozando vem atrás o Filigonio  
em rubras vestimentas de demônio  
- No cavalo horroroso do Daydée,  
o Jaime suarento, *faisandé*,  
traz Xulia jungido na garupa  
que o lenço do nariz não desocupa...  
- Num fraque balendráu, de calças brancas  
o Novis da higiene vai dar pancas;  
Provará co’injeções “Medicamenta”  
Que o boi pode ser pai de uma jumenta.

(Fonte: *Revista AML, comemorativa do Jubileu de Diamante*,  
1996, p. 311-312. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## RONALDO DE ARRUDA CASTRO

---

Nasceu em Cuiabá-MT, aos 17 de março de 1941. Sua principal atividade foi no jornalismo, tendo colaborado, entre 1957 e 1960, em diversos periódicos regionais e dirigido alguns deles. Na década de 1970, foi contratado como Diretor da Assessoria de Imprensa e Relações Públicas do Serviço de Loteria do Estado de Mato Grosso – Lemat, no momento de reativação do órgão, e mais tarde foi assessor de imprensa da Coordenadoria Regional do Incra-MT. Dirigiu o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Mato Grosso, tendo sido reeleito em diversas gestões. Foi nomeado, em 1982, Chefe de Gabinete da Liderança do Governo na Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, no ano de 1982. Nomeado, em janeiro de 1988, assessor de imprensa do Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso. No *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso* criou e dirigiu, em 1991, o *D. O. Cultura*, suplemento cultural encartado no referido periódico, distribuído a todos os municípios de Mato Grosso. Foi agraciado com muitos prêmios literários. Publicou o livro *Cuiabanália*, em 1989, integrando a Coleção *Letras Matogrossenses – Série Poetas*. Parte de suas poesias foram publicadas pela Academia Mato-Grossense de Letras, em 1996, *Antologia Poética*. Ocupou a Cadeira nº 12 da mesma Instituição. Faleceu em Cuiabá-MT, em 28 de agosto de 2001.

## A Água

A água corre  
a distância cilíndrica  
e num jato frio morre  
na boca nívea da pia

A esponja mineral  
do canteiro chupa a água  
O esgoto é sepultura  
das águas desta cidade  
que lavam ruas e sexos  
e a sede matam também

Pluvial ou água clorada  
a água líquida informe  
são as formas diluídas  
de sorrisos naufragados

Quando o gelo é água dura  
engarrafada é pileque  
no rio é casa de peixe  
no céu é nuvem equestre  
no mar pode ser salitre

Água água, sempre água  
deslizante fugidia  
água benta batizando  
água suja intoxicando  
água quente e água fria

Já que a seca é falta d'água  
matando plantas e bichos  
a humanidade é pau-d'água

Água água sempre água

(Fonte: AML. *Antologia comemorativa do Jubileu de Diamante*, 1996. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## A Égua

A égua corre  
come a pista  
engole o pasto  
bebe a água

Quando ela come  
o espaço vasto  
os seus humores  
molham o pasto

A água forte  
patas aéreas  
carreiras corre  
correndo ganha

Porém se topa  
no prado o macho  
relincha fêmea  
só vê o sexo

Seu voo para  
a fúria abranda  
correr não corre  
não come a pista

(Domesticou-se  
no prado a água:  
só bebe água  
e engole pasto)

(Fonte: AML. *Antologia comemorativa do Jubileu de Diamante*, 1996. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## Sintaxe

Palavras militarizadas

vigiadas pelo batalhão de guardas diacríticos

? , ´ — ^ : . — ; !

Palavras palavras palavras palavras

Militar—izadas

Palavras algemadas virguladas

Proibidas de viver por si mesmas

Perfiladas em posição de sentido

Esquerda volver direita volver

Palavras mar-chadeiras marcha-deiras

palavras de co-turno

letras feitas de ————— silêncio

palavras insonoras

m i l i t a r i z a d a s

Palavras sem voo próprio

amarradas ao chão de outras palavras

grávidas de ————— silêncio

sôfregas de liberdade

filhas da ordem-do-dia

palavras palavras palavras

um — dois um — dois um — dois

Palavras em—fileira—das

bem alinhadas e tristes

a que faltam alvoradas

palavras encabrestadas

algemadas virguladas

m i l i t a r i z a d a s

p a l a v r a s

(Fonte: AML. *Antologia comemorativa dos 75 anos da AML*, 1996)

## JOÃO ANTONIO NETO

Natural de Couto de Magalhães-TO, nasceu no dia 19 de abril de 1920. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (1944-1948). Atuou no magistério secundário de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e também no magistério superior, como docente da UNIC, nos Cursos Especiais do DASP, na antiga Faculdade de Direito de Cuiabá (1967-1970), e foi Professor Titular Fundador da Universidade Federal de Mato Grosso. Coordenou, na Universidade Federal de Mato Grosso, o Centro de Humanidades (1973-1976) e o Centro de Letras e Ciências Humanas (1976-83).

Também foi Diretor Fundador e Professor da Escola Superior da Magistratura do Estado de Mato Grosso. Atuou como Advogado nos auditórios de Cuiabá, Guiratinga, Alto Araguaia, Poxoréu, Alto Garças e Barra do Garças (1951-1958 – 1983-1990); Foi Procurador Fiscal do Estado de Mato Grosso (1949); Consultor Geral do Estado (1950-1951); Juiz de Direito de diversas Comarcas de Mato Grosso; Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado; Juiz do Tribunal Regional Eleitoral, Diretor dos *Anais Forenses* do Estado de Mato Grosso, entre 1967 e 1973; Compilador e organizador da Revista *Juriscível, Jurispenal e Trimestral de Jurisprudência dos Estados*, do Estado de São Paulo (1965-1976); Conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil-MT (1979-1985); Assessor Técnico da Presidência do Tribunal de Justiça (1988). Membro efetivo do IHGMT e da Academia Mato-Grossense de Letras, ocupando a Cadeira nº24.

## Autenticidade

a caveira,  
desinibida,  
ri da comédia da vida.

(Fonte: NETO, João Antonio- *Silbuetas & (In)Significâncias*.  
Cuiabá: Ed. Amazônida, 1989)

## Fidelidade

O epitáfio do morto  
merece um pouco de fé:  
se mente no que foi ontem  
não falha no que hoje é.

(Fonte: NETO, João Antonio- *Silbuetas & (In)Significâncias*.  
Cuiabá: Ed. Amazônida, 1989)

## Perplexidade

A borboleta pousou  
levemente  
sobre a flor,  
como joia no engaste...  
- e agora não sei  
quem saiu pelo ar  
e quem ficou na haste...

(Fonte: NETO, João Antonio- *Silbuetas & (In)Significâncias*.  
Cuiabá: Ed. Amazônida, 1989)

## Desvantagem

O que se tem visto  
é quase sempre isto,  
com poucas variações:  
- para cada Jesus Cristo  
no mínimo dois ladrões.

(Fonte: NETO, João Antonio- *Silbuetas & (In)Significâncias*.  
Cuiabá: Ed. Amazônida, 1989.)

## BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE

---

Nasceu no Distrito de Mimoso, município de Santo Antônio de Leverger-MT, no dia 20 de setembro de 1928. Foi líder estudantil, participando ativamente da União Nacional dos Estudantes – UNE, envolvendo-se nos movimentos sociais. Bacharelou-se em Direito, foi professor da Universidade Federal de Mato Grosso, Departamento de Direito (hoje Faculdade de Direito). Ingressou na Ordem dos Advogados do Brasil, onde foi Presidente. Durante a ditadura militar, iniciada em 1964, foi preso. Na literatura, liderou o movimento Modernista em Mato Grosso, ao lado de outros intelectuais. Membro da AML, ocupou a Cadeira nº. 38. Faleceu em Cuiabá, em 11 de agosto de 1991.

### Cerrado / Raízes (fragmento)

— cerrado

arbusto miúdo  
o ar no alto do  
busto recurvo  
um grito no  
susto da planta dos pés  
o ritmo da floração  
no coração ancestral

— cerrado

experiência de estar no perto  
/ na caixa do peito  
na folha do livro

— cerrado

tecido telúrico  
/processo/  
ingresso na história  
e/ou  
regresso atávico  
no trançado que amassa  
a raça  
que adelgaça

- nos calombos do cerrado  
tempo-tropeiro ...  
curva-cuia (bania)  
b-oiando  
no liso-a-liso  
do  
berro  
que  
afoga  
na linha reta do pantanal...

- um arado  
de corda e cavalo  
escritura o fofo que cheira/  
e o cerrado se amacia  
no remanejo do gado  
no arrepio dos ventos  
na canção evangélica do  
semeador.

- brotação do cerrado:  
revida molhada de cinza  
verde pelo-sinal  
na testa  
crestada da terra

- varzearia  
/vaso e varanda/  
/encanto da morraria/  
onde remina de chuva  
o encharco do pantanal

- num cotovelo da estrada  
carreteira  
florido pequizeiro  
alegria de cheiro  
o canto-carreiro inchado de tempo

- o solo-cerrado  
cercado de aceiro  
caligrafa nos caminhos de sobre  
sua tortuosidade vegetal desce

- antes que a polpa-ouro  
se amanheça de espinho/

escondida no arroz- com- piqui/  
velho- menino boleia na boca  
o redondinho da coroa-de-frade

-cerrado  
o útil da monhatnha/...  
produção da morraria...

- côncavo luar  
no plan(o)alto da madrugada  
embaciado de cerração...  
- no úmido birrugueiro  
o cerradinho  
esparrama suas miniaturas

- cincerros na retranca da serra  
batendo nos volteios da noite:  
vadiação do desdormir da burrama tropeira

- no cocoruto do montinho  
na cabeça pelada do menino  
ah/súbito horizonte...  
minguado súbito

- na cerca-viva  
de pau-à-toa  
/debrum do rancho de mebeca/  
o furtivo se enfeita  
de melãozinho-de-são-caetano

- trançando  
a toada do rumo-a-fora  
retorcendo capões de novato  
e lixeira

vai-se o lerdo roceiro  
no empurro que lhe dá  
sua precata de salga-bunda

- do labiado da serrota  
escorregam uns pingos de orvalho  
colcheteando na pocinha d'água

- a tarde serrana  
enchumçou de sol  
o lameiro preso no curral  
de pau roliço

- meio dia  
longe  
longe pio  
silvo  
chilro  
um gorjeio depois da hora coletiva  
que pássaros são esses  
que acordam o canto sol-a-pino?!

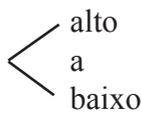
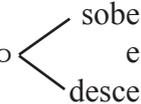
- olha o vento da serrania  
assoprador de chuva  
esse vento é de corre-cotia  
brincalhão de esconde-esconde  
no corrupio  
de redemoinho

- repinica o respingo  
da chuva. . .  
debaixo do seca poço  
crianças se enleiam  
cheirando a fubá-de-arroz  
socado ao pilão de três

- morrote solto na chapa do horizonte  
aproado no desvio do vento  
parece cuscuz que ficou debruço  
pedindo faca

- imiscuída na maciez  
de  
entretons  
serrana madrugada  
se prepara de precariedade  
recém-saída de seu alto irrelevante

- esses longes lugares  
nesses últimos distantes  
onde o cerrado se encarrapicha  
o homem  
sanguessuando  
sanguessuga o sumo da terra

- nessas quebradas de  alto  
a  
baixo  
ecos amortecidos  
ressopram agressões do  sobe  
e  
desce

- depois que o fogo se pastou  
camboteando  
no campim nativo  
o sítio encolheu-se todo  
na campânula  
do campanário  
/ a família virou engenhção de sobrevivência/

- no chapadão tratorado  
/ a face ao sol rezando /  
evaporam-se crespudas raízes  
tão de toda parte  
unânimes de nítida mundivivência  
recolhendo-se no oratório da própria substância

- golfos de fogo  
no recente corpo morto  
/quem o decifra no pouco pasto  
pastado?

- secura  
nesses limpos amplos de servir. . .  
perdida saracura  
palita na macega  
cobrinhas lacrimoseando

- esse ali  
por trás do que é bem perto  
/paredão da serra/  
nublou de antigamente  
sua descompassada cor-de-corte

- quem verteu da moita  
o susto dessa lebre?  
que índole de luz  
(centro /cetro de durmi-durmi)  
espia no envelope da noite  
a verdoenga manhã  
ardida de cansação?!

- na fresta/frincha/fresca  
beijada de barba-de-bode  
mero olho-d'água  
borbulha de nascente. . .  
nesse molhado/seco olho-de-peixe  
serena o bicado

- cinzando  
a escassa carnadura  
seriemas  
esguelam de clarinetas/os  
altos que geografiam. . .  
- quem empalhou de capim-carona  
seus voos desnecessários?

[...]

... e a raça se pereniza

no caldo quente que sente  
no curvo-curvando ecos  
na seiva-sangue do jatobá  
é paratudo e velaime  
é suco-saúde de carapiá  
êta amargo de fedegoso  
na forte essência do guaraná...

(FREIRE, B.SILVA. *Águas de visitação* (Fragmentos). 4. ed.,  
2002. Ed. Póstuma)

## BENEDITO PEDRO DORILEO

---

Nasceu em Cuiabá, aos 10 de dezembro de 1934. Foi professor do Centro de Instrução, no Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar, lecionou no Colégio Salesiano São Gonçalo, no Ginásio Dom Aquino e na Escola Técnica Federal-MT. Em 1968, torna-se professor fundador do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, e, a partir da criação da Universidade Federal de Mato Grosso, foi vice-reitor e depois o primeiro Reitor eleito. Exerceu a advocacia, tendo ingressado no Ministério Público por meio de dois concursos públicos, para Defensor Público e Promotor de Justiça. Nas lides políticas, foi eleito vereador da Câmara Municipal de Cuiabá. Editou livros nas áreas de Literatura, História e Direito Educacional, como *Miçanga, Egéria Cuiabana, Cholo, Universidade – O Fazejamento, Pensar para Fazer, Centenário da Egéria, Nomeação de Reitor e Ensino Superior em Mato Grosso*. Publicou trabalhos sobre a Língua Portuguesa, História e Direito em jornais e revistas, inclusive para a revista *Universidade*, que fundou, além de contribuir com a *Tribuna Acadêmica, O Social Democrata, A Cruz, Mato Grosso em Revista, Folha Mato-Grossense* e *O Estado de Mato Grosso*. Integrou grupos para programas acadêmicos nas rádios *Cultura, Bom Jesus* e *A Voz d'Oeste*. E, no início da TV Centro América, no programa: *Nossa Gente, nossos Valores*, atuando em equipe. Exerceu atividades jornalísticas, como redator do jornal. Membro da Academia Mato-Grossense de Letras, Cadeira nº 26, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, da Academia Paulistana da História e da Ordem Nacional dos Bandeirantes (SP). Foi membro do Conselho Deliberativo da Fundação Cultural de Mato Grosso.

## Coisificação

O homem no avesso

matematizado, logicizado  
homogeneizado com pedra  
que medra  
na ideia matéria  
da psicologia metálica

desindividualizado  
massificado  
Pensamento objetivante  
escravizante do faustor  
o número, signo, símbolo  
Reação da dor  
Repór o antropo  
dominar o cibernantropo  
criar a coisa  
subjetivar o criador

Senhor,  
da engrenagem

aferir  
medir  
sentir

Sentimento do homem

Máquina não sente  
nem mente

Caminhe o homem  
carne e osso  
não vazío  
consciente

(Fonte: CAMPOS, M. C. de A. (Org.). *Antologia Poética*, AML, 2015. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## A Língua

I

A língua

água

a linfa

faminta

da fama

da fala

da lama simbólica

da alma na lama

ou lama na alma

alamada da água espargida

da fonte

do monte

temendo

fervendo

da febre que arde

que queima

a língua falante

II

Língua que fala

O quimbundo,

ambundo

ou o tâmil

purificado, limado

dravídico, escondido

no esperanto sonhado

de um mundo pacífico

o éden perdido

entaramelado do homem

a busca

a ânsia

d'outro universo

de encontro

em volta de um ponto.

(Fonte: DORILEO, B. O. *Cholo*, 2002)

## CARLOS GOMES DE CARVALHO

---

Nasceu em Aragarças-GO, mas foi registrado em Barra do Garças-MT. Graduiu-se em História – Universidade Federal de Goiás (1974), e Direito, na Universidade Federal de Uberlândia (1978). É advogado, professor universitário e consultor jurídico ambiental. Foi professor no curso de Direito da Universidade de Cuiabá – UNIC e também no Curso de Pós-Graduação em Direito e Gestão Ambiental do CESUSC – Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina, em Florianópolis (2005). Dentre os cargos públicos que exerceu estão o de Consultor Jurídico da Presidência e Procurador Geral, ambos da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, onde ingressou através de concurso público. Foi Presidente da Fundação Cultural do Estado de Mato Grosso (1987-1989); Vereador pelo Movimento Democrático Brasileiro - MDB, em Barra do Garças (1977-1982); representante do estado de Mato Grosso no Conselho Deliberativo da Superintendência da Amazônia – Sudam (1987), Coordenador – Chefe da Coordenadoria do Meio Ambiente da Secretaria de Desenvolvimento Social do Estado de Mato Grosso. (Órgão precursor da gestão ambiental no Estado, do qual foi o responsável por sua implantação e estruturação – 1981/1982). Membro titular e efetivo das seguintes instituições: Academia Mato-Grossense de Letras, Cadeira nº 40, tendo sido seu presidente em dois períodos, de 2004-2006 e 2006-2008; Instituto dos Advogados Brasileiros – IAB (RJ); Instituto Brasileiro de Direito Constitucional (SP); Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; Instituto Histórico e Geográfico de Goiás; União Brasileira de Escritores (nas seccionais de Goiás e de São Paulo).

## Encontro

Serpenteava  
entre dúvidas

Perscrutava  
os limites do sonho

Percorria  
os amplos caminhos da ilusão

Avassalava  
os sentidos amortecidos

Navegava  
a líquida construção do voo

Coleava  
as fronteiras da angústia

Até que...  
Teus olhos foram  
o espelho da vida.

(Fonte: CARVALHO, C. G. de. *A arquitetura do homem*. 1980)

## Introspecção

Nesta noite  
de março  
sou apátrida  
de mim mesmo  
                        barco à deriva  
navego rumo ao degredo  
                        fortaleza assediada  
e  
no entanto  
  
mantenho-me  
mais forte  
que a dor  
mais livre  
que o vento.

(Fonte: CARVALHO, C. G. de. *A arquitetura do homem*, 1980)

## ODONI GRÖSS

---

Nasceu em Canoas-RS, aos 31 de março de 1947. Graduou-se na Faculdade de Medicina da Universidade Católica de Pelotas-RS, diplomando-se no ano de 1971. Em 1998 concluiu o curso de pós-graduação em Medicina Ortomolecular, cursado na Sociedade Brasileira de Clínicas Médicas, em Cuiabá-MT. Exerceu atividades no Magistério na Universidade Católica de Medicina, em Pelotas-RS, entre os anos de 1985 e 1996; na Faculdade (Emescan), Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia de Vitória-ES e Hospital Santa Maria Bertila, de Guiratinga, no período de janeiro a dezembro de 1985; Na administração pública, ocupou o cargo de Secretário Municipal de Saúde de São José do Povo-MT. Em 12 de julho de 1996, fundou, em Mato Grosso, a Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (SBEM). Membro de várias outras Associações Médicas em São Paulo, Cuiabá, Rio de Janeiro, Guiratinga e Porto Alegre, a exemplo do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, da Membership of American College of Physicians, da Sociedade Brasileira de Clínica Médica, da Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia, da União de Médicos Escritores (Sobrames), da União de Médicos Escritores e Artistas Lusófonos (UMEAL), da Sociedade Gaúcha dos Médicos Poetas, dentre outras. Membro efetivo da Academia Mato-Grossense de Letras, Cadeira nº 24.

## Ars poética ou vulgari eloquentia

Minha poesia  
clave e chave  
razão e risco  
conciliação e conflito  
dúvidas e dívidas  
disputando o mesmo grito.  
Minha poesia  
óbice e órbita, vertigem e dor  
com a tua resistência mágica  
sempre obstruindo meus caminhos  
sem nenhuma cerimônia ...  
é compulsiva, dolosa e crônica.  
Minha poesia  
seria cômica, não fosse trágica.

(Fonte: <http://poetasdematogrosso.blogspot.com.br/2009/07/odoni-grohs.html>)

## Voo sem verbos

Gatilho. Pontaria. Arma disparada.  
Estilete. Punhal. Lanceta. Flechada.  
Navalha de metal. Lança fria.  
Aguilha. Abelha. Aguilhão. Agonia.  
  
Sal. Vinagre. Soda. Fogo.  
Cicuta e cal. Dúbio jogo.  
Carne combalida. Estranha lucidez.  
Voo interrompido. Falsa embriaguez.  
  
Queda. Medo. Sangue. Explosão.  
Corpo abatido. Rasante rotação.  
Na alma cega, seca bruma ... .  
  
Na boca rúbia aerada espuma.  
Caça. Presa. Pranto. Solidão.  
A morte súbita. Ferina crueza.  
  
Boca ensandecida de um cão.

(Fonte: <http://poetasdematogrosso.blogspot.com.br/2009/07/odoni-grohs.html>)

## FLÁVIO JOSÉ FERREIRA

---

Flávio José Ferreira nasceu em Cuiabá, em 29 de novembro de 1960. É Graduado em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso (1988) e Pós-Graduado em Direito Civil (Direito das Obrigações) pela Unesp/Franca (2002). Tem grande experiência como dramaturgo e diretor de teatro. Exerceu atividades na área da Docência: Professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso (Processo Civil); Professor de Direito da Universidade de Cuiabá (UNIC); Professor de Direito da Universidade de Várzea Grande (Prática Forense); Professor de Língua Portuguesa do Colégio Isaac Newton; Professor de Língua Portuguesa do Colégio São Gonçalo e Professor de Língua Portuguesa do Colégio Pres. Sócio do Escritório Ferreira & Silveira Advogados Associados S/C; Diretor Presidente da Associação Cultura Cena Onze. Atualmente, ocupa o cargo de Vice-Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Mato Grosso. Ocupa a cadeira nº 35 da Academia Mato-Grossense de Letras.

### O som do berrante

O som do berrante galopando no lombo do vento  
faz com que o boi preste atenção no chamado e responde:  
muuu, muuu, muuu, muuu...  
Ouçam...  
Ouçam, quantos berrantes soando,  
quantos bois respondendo...  
É a boiada no empurra-empurra da estrada,  
tocada pelos peões, com chibatadas nas mãos, esporas na botina,  
chapéu de palha na cabeça  
e saudade...  
Saudade da mulher amada no coração,  
da imagem na janela da casinha de sapê,  
das lágrimas escorrendo,  
da matula bem arrumada no sapicuá...  
Matula no sapicuá, seu moço, é a comida colocada  
dentro de um bernal, feito de pano,  
que levava quase sempre farofa de carne de tatu ou de veado  
e amor, muito amor, no feitio...  
E o boi, babando aquela baba de boi,  
mascando cumbaru,  
olha pro boiadeiro e, entendendo sua saudade,  
quase não desobedece...  
E caminha resignado pela estrada do Pantanal em busca de novos pastos.  
E o som do berrante?  
O som do berrante, o som do berrante que antes era só para o boi,  
agora,  
agora é quase um choro de saudade...

(Fonte: CAMPOS, M. C. de A. (Org.). *Antologia Poética*, AML, 2015. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE

---

Natural do Rio de Janeiro-RJ, nasceu no dia 3 de setembro de 1941. Graduada em Direito pela Universidade do Estado da Guanabara, atual UERJ. Especialista em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso (1976); Mestre em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutorado não concluído, PUC – SP. É advogada, tendo atuado no Rio de Janeiro e em Mato Grosso. Professora Fundadora da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, atuando junto à Faculdade de Direito de Cuiabá. Coordenou inúmeros espetáculos culturais, teatrais e no campo das artes plásticas. Dirigiu e produziu peças teatrais. Chefe do Departamento de Artes/UFMT a partir de 1978; Presidente do Conselho Consultivo do Cineclub de Coxiponés, 1980; Coordenadora de Cultura da UFMT, 1983; Diretora do Teatro Universitário/UFMT; Membro do Conselho Editorial da Revista da APG; 1992/1993; Nomeada Assessora da Reitoria /UFMT, 1995. Colaborou em diversos periódicos regionais. Membro efetivo da Academia Mato-Grossense de Letras, Cadeira nº 2, sendo, atualmente, sua Presidente (gestão 2015-2017).

Maior que eu  
é o espaço.  
E cabe a dor por inteiro  
mas, não me cabe.  
O espaço maior que o Som  
atravessa com abstratos e absurdos  
passos humanos o próprio espaço.  
O espaço é maior que o projeto  
e não pode contê-lo.  
No espaço de agora há outro espaço.

(Fonte: *O mágico e o Olho que vê*, 1983)

Aperto a esperança  
contra você, Cuiabá:  
minha espera paciente  
é gelada de sono  
o que vejo são os restos  
do progresso

solenidade da dor  
silêncio ou grito;  
solidão boquiaberta  
dente puído  
olho afogado

solenidade da dor  
trégua ou conflito;  
o último beijo  
aceno abatido  
amor derogado

a cada manhã e, pelo amanhecer,  
lavo o rosto meu das noites  
bafejo um hálito de lua minguante

guardo as estrelas com cílios postiços  
na mesma gaveta em que deixo o orvalho  
vivo o dia sem adereços  
café requentado em sol menino

nenhuma palavra a mais  
por hoje, chega  
ela não veio  
ela não quer  
ela recusa-se  
não a force  
não a viole  
deixe assim:  
quieta no canto,  
boiando no ar

algum dia  
ah, meu Deus, algum dia  
montarei sem doma e sem sela  
galopando a palavra, segura na crina.

os quadros não se despedem  
a gente é que se despede deles  
hoje sinto saudades  
da paisagem de um rosto-cidade  
que não guardei  
por isso, deito devagar e quieta  
nunca reparei:  
o quadro me dando adeus

ouvi dizer que sua boca sonhou comigo  
os ruídos dos pingos da chuva  
invadiram o quarto de madrugada  
a salvo da água e dos curiosos  
dormiste boiando na cama molhada

celebro o papel crepom  
brinco com a infância  
pareço criança na densidade  
e efervescência das cores  
do papel no arabesco  
das encantadas estórias  
passeio os gestos e desejos  
mas não sei seu nome  
e você não sabe o meu

um grito adiado  
ecoa nos cômodos de mim  
gingando blues, solando jazz  
outorgo procuração  
a tenores e sopranos  
da minha boca,  
apenas o sorriso sambado  
fere docemente  
com seu modo-passado  
inacabado

faz silêncio  
para o amor  
jazem empalhadas  
nas estantes cultas  
não diga nada  
apenas sinta  
a emoção inefável  
que só sabemos  
ser exatamente  
um não-sei-o-quê

a memória  
é mais fiel  
que as estações

participar sem indagar  
sombras que acompanham  
escrevo para não falar  
da capacidade íntima

escrevinhar  
coisinhas nossas  
que só façam sentido  
a quem se sintam vivo

forçar a memória  
desfilar a vida em esperanças  
o que é pertencimento?  
cheganças e presenças  
tudo ilusão

(Fonte: *Poemas inéditos*, 2016)

## LUCINDA NOGUEIRA PERSONA

---

Nasceu em Arapongas-PR, e está radicada em Cuiabá-MT desde 1965. Formada em Biologia pela UFMT, Mestre em Histologia e Embriologia pela UFRJ, realizou estágios profissionais na Universidade do Chile. Professora aposentada da Universidade Federal de Mato Grosso e da Universidade de Cuiabá - UNIC, nos cursos da área da saúde.

Publicou diversos livros de poesias. Colabora com jornais e revistas mato-grossenses escrevendo resenhas, crônicas e contos. Sua obra (poesia e ficção) tem sido objeto de vários estudos acadêmicos. Ingressou na Academia Mato-Grossense de Letras aos 19 de junho de 2014, ocupando a Cadeira nº 4.

## Estrelas

Ver (o que outro olho não vê)  
acima de todas as coisas  
    estrelas  
pontuais, incendiadas, dançarinas  
    estrelas  
espalhadas como pó-de-arroz  
    estrelas  
invadindo o terreno das solidões  
e dos assuntos necessários  
    estrelas  
multiplicando o valor da noite  
num livre jogo de mercado  
    estrelas  
alertando como faróis  
    estrelas  
    estrelas  
e quanta necessidade eu tenho  
de dizer mais.

(PERSONA. L. N. *Tempo comum*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009).

## Um Pássaro

Enquanto se fecha a cortina do dia  
Enquanto quero viver para sempre  
Enquanto no mundo nada permanece

Precipita-se um pássaro  
de uma extremidade do céu  
para aquela árvore  
a poucos metros de casa

Estará ali o seu ninho  
ou é apenas uma pausa  
para cantar num justo lugar?

Qual será o seu real motivo?  
Passará ele a noite ali  
    entre a carne dos frutos  
    e o suco das folhas?  
Não sei, não sei  
Leva em si  
o segredo de sua escolha.

(PERSONA. L. N. *Entre uma noite e outra*. Cuiabá, 2014).

## Público Amor

Num público amor e exagerada intimidade,  
retomo o ovo  
e o contemplo e reviro de todos os lados:  
para cima, para baixo  
por detrás e pela frente (que não tem).  
É uma estranha sondagem  
num panorama de calcário.  
À volta dele,  
meus dedos não parecem garras.  
Têm a leveza da peregrinação  
pelos esconderijos da poesia  
sempre além das curvas sucessivas.  
Sem dúvida alguma,  
onde não pode ser encontrada  
numa primeira inspeção.  
Às vezes, não fico cansada.

(Fonte: PERSONA. L. N. Poema inédito, 2016)

## IVENS CUIABANO SCAFF

---

Cuiabano, nascido em 30 de junho de 1951. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fez residência médica no Hospital da Lagoa, no Rio de Janeiro, e, na sequência, cursos de pós-graduação na área da saúde, na UFMT. Como professor, atuou na Universidade Federal de Mato Grosso e na Universidade de Cuiabá - UNIC, com especial dedicação. Médico em vários hospitais, com destaque no Ambulatório de DST/AIDS/Hepatites (CERMAG-SEC de SAÚDE/MT). Ocupou o cargo de Coordenador de Cultura da UFMT, foi também Conselheiro de Cultura da SEC-MT e Conselheiro Editorial da revista VÔTE, entre outras atuações. Membro efetivo da Academia Mato-Grossense de Letras, Cadeira nº7.

discreta e presente  
integrada no céu da tarde  
a grande mãe

mais tarde reforçará o brilho  
frente às trevas

branca  
apenas boia na claridade  
como numa cadeira de balanço

relançando serenos raios ao sol poente  
quieta  
já um espetáculo  
esperando pra entrar em cena

por uns belos olhos  
me esqueci  
de tudo que tinha ou era  
do que soubera  
de todas as quimeras  
no caminho do não pisar

hoje vejo que tudo foi  
como procurar num aquário  
o peixe escondido  
e não encontrar

sonhar é bom,  
estranho é acordar.

(Fonte: SCAFF, I. C. *Kyvaverá*, 2011)

## Me faz uma casa

ah! minha gentil arquiteta  
me faz uma casa  
e eu te convido a morar

uma casa aquática assim  
com uma piscina imensa  
formato?  
claro que o do mar Egeu

me bola uma casa ventosa  
pra tilintar campainhas chinesas  
derrubando os vasos das mesas  
— e você reclame ao arrumar -

uma casa bem gostosa  
uma varanda pra prosa  
toda a noite após o jantar

use os teus materiais modernos  
mas preserve o barulho da chuva no telhado  
algum canto fresquinho e sombreado para eu poder cismar

um jardim com um jeito antigo  
um portal com um ar amigo  
convidando a se entrar  
suíte pra mim é nome de música  
quero então uma alcova  
onde eu depondo a armadura  
me arme de toda a candura  
para poder te amar

vai! desenha a casa  
vamos sonhar  
pagando o resto da vida  
as prestações do BNH.

(Fonte: CAMPOS, M. C. de A. (Org.). *Antologia Poética*, AML,  
2015. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## Origem

Lontra brilhante, em guarani  
Boes, gente de cá  
diziam Kyvaverá  
Bandeirantes dizendo Cuiavrá

O tempo adocicou  
dizemos Cuiabá

(Fonte: SCAFF, I. C. *Kyvaverá*, 2011, p. 64)

## LUCIENE CARVALHO

---

Nasceu, em 1965, na cidade de Corumbá, hoje Mato Grosso do Sul. Fez seus primeiros estudos em sua cidade natal, mudando-se, com a família, para Cuiabá, em 1974. Já no ano seguinte, foi agraciada com o prêmio estadual de redação, outorgado por escolas públicas de Mato Grosso. De 1979 a 1981, cursou *Edificação* junto à Escola Técnica Federal de Mato Grosso (hoje IFMT). Em 1982 começou a cursar Serviço Social na Universidade Federal de Mato Grosso. Integrou a Diretoria do Diretório Central dos Estudantes (UFMT), de 1984. Obteve primeira colocação no Festival Livre de Arte e Música Popular da UFMT, de 1992, e no ano seguinte classificou-se em segundo lugar no mesmo Festival, com o poema *Crisálida*. Entre 2003 e 2005, coordenou o Núcleo de Cultura da Associação Mato-grossense dos Municípios (AMAM); entre os anos de 2005 e 2008 criou e dirigiu o Instituto Usina, ONG que desenvolve projetos culturais em Mato Grosso. Em 2008 recebeu o título de cidadã cuiabana pela Câmara de Vereadores. Ocupa a cadeira nº 31 da AML.

## Outros Tempos

Fui andando pelas ruelas  
tão aquelas  
do Porto de Cuiabá

Tem história...  
crianças de hoje  
brincam com netos  
de vizinhos de outros tempos

o dono da padaria  
conhece Dona Maria  
sobrinha do seo João  
Jacira que lava a roupa  
em outros tempos foi louca  
de amor por Sebastião  
que hoje toca a padaria  
porque casou com Sofia  
a filha de um alemão.  
E, aqui no bairro do Porto  
vizinho é de porta adentro  
é um bairro de outros tempos,  
tem outra arquitetura.  
E o que se procura acha:  
é linha, anzol, borracha;  
macumba é na Baianinha,  
chá de folha é no Suat

hortaliça, arame, linha  
tem vidraceiro, engraxate  
café moído na feira  
cabelereira, sapato

o que tem de história triste  
muito serviço barato.

tem puta de qualidade  
tem putinha de tostão  
pano de prato  
cultura  
tem pedinte  
tem cafetão  
tem virgem  
tem traficante  
tem carretel, tem barbante  
suor trabalho, mistura

tem Cuiabá neste bairro  
que em Cuiabá não tem  
tem tanta história importante  
que Deus salve o Porto, amém.

(Fonte: CARVALHO, L. *Porto*, 2005)

### **Da condição de filha**

É tão antiga a dor  
Da tal cobrança materna,  
Tão eterna...  
P’ra nós – as filhas –  
Talvez o erro seja genital,  
Mesmo que sigamos  
Nos consertando,  
O erro é genético,  
É cromossômico.  
Seguimos adolescência afora  
Perdendo nossa inocência,  
Tentando agradar “mamãe”  
Buscando cabelo certo,  
A cor certa do batom.  
Um noivo que ela espante,  
Emprego que a ela encante,

A roupa certa no tom.  
Nada no mundo corrige  
Aquela frustração primeira;  
Não ser varão,  
Não ser macho,  
Não ser “um homem na casa”,  
“segurança pro futuro”,  
Ser só uma menininha.  
Encantadora donzela,  
Ser só moça casadeira,  
Enfeitando uma janela.  
Mesmo que faça carreira,  
Já sofrerá todo mês.  
Mamãe não quer me ver nela,  
Isso será sempre assim.  
Toda causa faz efeito,  
Mamãe se verá em mim.

(Fonte: CARVALHO, L. *Porto*, 2005)

### **Preguiça**

O sono bate nos olhos,  
o corpo bate na rede,  
varanda de Cuiabá.  
Em cada poro o calor,  
a boca guarda o sabor  
do almoço curimbatá.  
Balança a rede e o dia,  
enquanto a tarde anuncia  
a noite que vai chegar...  
Melhor programa  
que o meu olho já viu  
é antes de ir jantar,  
ver o sol morrer no rio.

(Fonte: CARVALHO, L. *Porto*, 2005)

## MARIA CRISTINA DE AGUIAR CAMPOS

---

Graduada em Letras (UFMT, 1983), mestra em Educação (UFMT, 1998); doutora em Educação (USP, 2007). Lecionou Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no IFMT – Campus Cuiabá; aposentou-se em 2013. É autora das seguintes obras: *Pantanal Mato-grossense: o semantismo das águas profundas* (Cuiabá: Entrelinhas, 2004); *Conferência no Cerrado* (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2008); *Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas* (Carlini & Caniato, 2010); *O falar cuiabano* (Carlini & Caniato, 2014); *Bicho-grilo* (Carlini & Caniato, 2016). É organizadora e revisora de diversas publicações. Na Academia Mato-Grossense de Letras, ocupa a Cadeira nº 16.

### Chapada sem Guimarães

Gaviões-tesoura recortam nuvens  
formando fugazes puzzles  
a flutuar no azul.

O rio claro expõe seu avesso.  
Casmurrentos cascudos  
chocam ninhos de pedras roladas.  
À flor d'água,  
lambaris e piquiras beliscam iscas de sol.

Sauás ressabiados  
priscam pra longe  
na superfície crespa do rio  
escamada em vento.  
Tocandiras formigueiam sua pretidão  
na alvura esfarelada do arenito  
ao pé da rocha íngreme.

Flores descabeladas  
espetam seu perfume  
orvalhado de borboletas gordas,  
enquanto abelhas celosas  
zumbezumbem  
sua promessa de ferroadada.

O mistério do horizonte  
recobre-se de um frio véu  
– promessa de neblina –  
e silencia o espetáculo da paisagem.

(Fonte: CAMPOS, C. *Bicho-grilo*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016.)

## (Des)envolvimento

Rios minguados a esgoto.  
Mato Grosso reduzido a capim.  
E o povo  
– rebanho –  
a pastar que nem vaca  
nesta vida de cachorro.

(Fonte: CAMPOS, C. *Bicho-grilo*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016.)

## Intenso Visto – Manifesto

Para Wlademir Dias Pino

Os fenômenos nos ‘aparecem’  
infiltrando-se pelas fendas dos sentidos,  
turbilhonando-se num inconsciente-usina,  
a mescalinizar-se por distorções contrastivas  
– agigantamentos e reduções –  
de lá expelidos sob enxames-cardumes-alcateias-incêndios de imagens  
indicotomizáveis por efeito de velocidade,  
símbolos (logo)marcas do *Homo sapiens demens*.

Menos a arbitrariedade sígnica da palavra-cadeia  
(superlenta expressão do percebível);  
ao invés, sua potência imagética,  
polissemia geradora de símbolos-rizomas  
a brotar do inconsciente em constelações caleidoscópicas  
num pluri espaço-tempo.

(Fonte: CAMPOS, C. *Bicho-grilo*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016.)

## MARTA COCCO

---

Nasceu em Pinhal Grande (RS), em 18/09/1966. Graduiu-se em Letras, pela Faculdade de Ciências e Letras Imaculada Conceição - Santa Maria - RS (1987) e em Zootecnia, pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM (1992). Mudou-se para Mato Grosso em março de 1992, residindo por cinco anos no município de Diamantino. Em 1997 mudou-se para Cuiabá. É Mestre em Estudo das Linguagens (UFMT) e Doutora em Letras e Linguística (UFG). Atualmente reside em Tangará da Serra, é professora de Literaturas da Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso e pesquisadora dos grupos: Literatura e ensino (UNEMAT/CNPq) e Literatura infantojuvenil: poesia e prosa (UNEMAT/CNPq). Autora de livros de poemas, de contos, de crítica literária e de livros infantis. Na AML ocupa a Cadeira nº 18.

## Previsão

Florescerão estrelas  
no campo farto das ilusões.  
O planeta será neocolonizado  
e a linguagem dos extras vai virar moda.  
Novas Evas não dividirão o sabor  
nem a gravidade da maçã  
e o paraíso será outra vez proibido.

A dúvida será sempre pertinente  
e qualquer palavra terá todo e  
nenhum poder,  
porque dependerá dos sentidos.  
Por isso, o espetáculo das entrelinhas  
que, aliás, já iniciou,  
é imperdível.

(COCCO, Marta H. *Partido*, Cuiabá: Tempo Presente, 1997)

## Intervalo Comercial

Ama depressa  
que não há tempo para jogos  
nem de dados nem de charme  
ama com o amor que tiveres na manga  
antigo ou novo em folha  
rapidamente que não garantimos  
sobrevida fora da bolha  
ama aí mesmo debaixo da escada  
e cuida que o azar no amor  
não te dará algum dinheiro  
não pense nos prós e contras  
na teoria e nas contas  
ama apesar da moda  
dos obesos dos nem tanto e dos tísicos

sem levantar hipóteses  
deixa aos físicos  
o aviso sobre as ilusões  
ama sem a nostalgia do vinil e da rádio am  
ama logo sem a obsessão da alma gêmea  
espécie de incesto platônico  
não te dissipes com princesa ou príncipe virtual  
com que copulas nas madrugadas  
e no intervalo para o almoço  
na ausência do chefe  
na ausência especialmente  
de um amor de carne e osso  
ama mesmo com esse amor estropiado  
por inumeráveis contingências  
além do que pode este poema  
ama passando da medida  
de peso altura ou profundidade  
com que tens aferido a existência  
ama com todo desejo  
não aquele de habitar a lua  
mas o de ir à esquina para a cerveja ou o café  
ama imediatamente  
com ou sem rima refrão música tema  
ceticismo desilusão ou fé  
quem procura demais  
nunca acha o sapato torto  
ama criatura o tempo urge  
se não podes cumprir as exigências da alma  
ao menos não dispenses o corpo.

(Fonte: COCCO, Marta Helena. *Sete dias*, 2007)

## PONTO DE VISTA

Pelo telescópio  
descobri que a lua  
já foi escudo de guerra  
da terra

outras vias  
outras eras  
crateras...

Mas  
outra coisa diria o rato  
que enxerga um prato  
cheio de queijo  
com recheio  
e buracos no meio.

(Fonte: COCCO, Marta Helena. Doce de formiga- poemas infantis. Cuiabá: Tanta Tinta, 2014)

## EDUARDO MAHON

---

Nasceu no Rio de Janeiro-RJ, no dia 12 de abril de 1977. Graduado em Direito, pela Universidade Federal de Mato Grosso (1999). Professor Universitário de Direito Processual Penal na Escola Superior do Ministério Público, na Escola Superior de Advocacia, na Escola Superior de Direito, na Universidade de Cuiabá, e também na Universidade de Várzea Grande e na União de Ensino de Diamantino. Advoga em Mato Grosso. Sócio da Academia Mato-Grossense de Letras, instituição que presidiu entre 2013 e 2015, onde ocupa a Cadeira nº 11. Poeta, cronista, contista, romancista, publicou pela Carlini & Caniato Editorial os seguintes livros: Nevralgias (coletâneas, 2013), Doutor Funéreo e Outros Contos de Morte (contos, 2014), O Cambista (romance), Meia Palavra Vasta (poesia, 2014), Palavra de Amolar (poesia, 2015), Palavrazia (poesia, 2015), O Fantástico Encontro de Paul Zimmermann (romance, 2016), Contos Estranhos (contos, 2017) e O Homem do País que Não Existe (conto/novela, 2017).

Impreciso  
Não sabia  
O quanto  
Nem o quão  
Quanta coisa há  
Quanta coisa não  
Tanta palavra havia  
Para cada qual  
Como dizia o quê  
Quanto falava não  
Qual nominava  
O quão mentia  
Impreciso  
Não sabia nada  
Quanta palavra  
Que sentido tinha  
Qual precisava  
O quão impreciso havia

(Fonte: MAHON, Eduardo. Meia Palavra Vasta.  
Cuiabá: Carlini & Caniato, 2014)

## CONTOS

---

Nesta seção, apresentamos algumas produções acadêmicas do gênero conto. Tem sido cada vez mais difícil estabelecer a fronteira entre os gêneros, especialmente nas narrativas curtas. O escritor Mário de Andrade, ainda no começo do século XX, chegou a dizer que “conto é tudo aquilo que o autor diz que é conto”. Para esta revista, consideramos como conto as narrativas curtas que giram em torno de um núcleo dramático. Algumas delas poderiam ser classificadas como causos. Começamos com um dos maiores expoentes da nossa literatura, José de Mesquita, e chegamos aos contemporâneos.

## JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA

---

Nasceu em Diamantino-MT, em 7 de março de 1855. Ficou órfão muito cedo e, para se manter, trabalhou em serviços gerais numa casa comercial, enquanto estudava. Com a mudança da família para Cuiabá, pode prosseguir estudos junto ao Liceu Salesiano São Gonçalo, onde completou curso de Ciências e Letras, no ano de 1907. Para cursar ensino superior, foi para São Paulo e ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo. Ao retornar a Cuiabá, dedicou-se inicialmente à docência, tendo ministrado aulas de Português junto à Escola Normal, em 1914. Foi nomeado, em seguida, Procurador Geral do Estado, em 1915. Buscando estabilidade profissional, prestou concurso junto ao Tribunal da Relação (hoje Tribunal de Justiça). Aprovado, jurisdicionou na Comarca do Araguaia. Exerceu os cargos de Professor de Língua Portuguesa, Procurador Geral do Estado, Diretor da Secretaria do Governo, Juiz de Direito do Araguaia, Professor de Direito Constitucional da Faculdade de Direito de Cuiabá e Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso, instituição que presidiu entre 1930 e 1940, aposentando-se em 1945. Após a aposentadoria, ainda exerceu o cargo de Secretário Geral do Território do Guaporé (hoje Estado de Rondônia), a convite de seu amigo Joaquim Vicente Rondon, governador daquela unidade da Federação. Fundador, juntamente com Dom Aquino, Estêvão de Mendonça, Philogonio de Paula Corrêa e outros, do Instituto Histórico de Mato Grosso e do Centro Mato-Grossense de Letras/Academia Mato-Grossense de Letras, tendo sido seu primeiro Presidente, por mais de 40 anos. Faleceu em Cuiabá-MT, aos 22 de junho de 1961. Ocupou a Cadeira nº 19 na Academia Mato-Grossense de Letras.

## Sangue Sertanejo

– Ele é branco, rico, bonito, mas por isso não é que há de ter o direito de abusar de minha filha... Caboclo também é gente e tem coração... Não é por ser pobre e não ter ninguém por si que se há de ver uma cousa destas e ficar calado... Então eu crio a minha filha com tanto trabalho, sofrendo maus tratos, serviço grosseiro, privações de toda a sorte, para *siô* Juquinha, só por que tem dinheiro, vir me por a perder a rapariga? Isto tem propósito, *siá* Tereza? Diga-me, isto é cousa que se faça? Só mesmo neste fundo de sertão, onde não há justiça nenhuma!

– Mas, tia Angélica, até certo ponto a Joaquina é culpada do que tem sucedido. Ninguém a força a gostar do rapaz. E creia a senhora que ela está embeijada pelo Juquinha que até parece feitiço. Figa! Credo!

– É isso mesmo... Todos dão razão ao estróina, porque tem dinheiro... Eu bem sei o que dizem por aí. Mas si *vancê* visse como a coisa principiou... *Vancê* não conhece traça de branco quando quer enganar a gente – são piores que o Judas que traiu Nosso Senhor. Desde que aquele estudante *dos quintos* chegou aqui e viu minha Joaquina, não cuidou mais do que em fazer a desgraça da coitada... Há por aí quem diga que ele gosta mesmo dela e que anda nisso *ra-bicho* forte, *paixa* acendida no coração dos dois... pelo *dianho* com certeza. Isso é conversa fiada, *pabulagem* para iludir a gente... Não admito que um filho-família venha se apaixonar por uma coitadinha que só tem os olhos que Deus lhe deu e a roupa do corpo. O que ele quer é a perdição da Joaquina... Mas para cá vem de carrinho... Eu tenho mais de sessenta e tenho visto coisas por estes mundos de Cristo que já ninguém me leva de embrulho. Essa história de amores é muito boa para branco que namora, faz tudo, sem que nada o comprometa... Comigo não pegam essas lábias. Logo percebi quando vi o tal sinhozinho a me rondar a casa, a contar lorotas, falando da Corte, puxando o buço, deitando olhares amortecidos para a pequena, qual era a intenção desse desalmado...

– E *vancê* por que não abriu logo os olhos da menina?

– É tempo perdido, minha velha. Mulher é o bicho mais fraco que Deus pôs neste mundo. Em aparecendo o homem de que ela tem de

gostar, pode vir um anjo do céu avisar, que ela cai mesmo no engodo... *Vancê* já viu peixe refugar anzol, passarinho fugir do visgo, capivara escapar do *mundéu*? Eu bem disse à Joaquina tudo o que uma mãe pode dizer num caso desses. Ela ou não me ouvia ou jurava por todas as santas almas que não havia nada do que andavam falando. Um dia chorou, bateu o pé, só porque eu lhe falei que não ficava bem aquela história de conversa à janela, ainda mais de noite...

– E, antes, a senhora nada desconfiava?

– Já havia assuntado, *siá* Tereza. *A mode que* um dia lobriguei os dois de beijocas, perto da cachoeira... Mas Joaquina disfarçou com aquela história de apanhar ninho de sanhaços e *vancê* sabe que o rapaz sempre teve muita intimidade na nossa casa desde o tempo do finado Major, que Deus haja... Eu, enfim, não insisti, esperando que aquilo acabasse, pois mais dia, menos dia, ele tinha que se ir embora. Si *vancê* ouvisse metade do que me vinham dizer! Nessas ocasiões cada um parece que tem gosto de atormentar o coração da gente, aumentando a aflição ao aflito. E é sempre com uma desculpa, um rodeio, que mais incomoda. “– Olhe... Eu não queria lhe contar... Mas estão falando tanto... Enfim si conto é pela amizade que lhe tenho...” Diabo leve tal amizade que só pensa em atribular os amigos! Mas tantas eram as notícias que me vinham sobre o que se passava em minha casa, que um dia chamei Joaquina e lhe contei tudo o que diziam dela. A rapariga chorou, imprecou, jurou que tudo era *falação* de gente vadia e invejosa... Até que aconteceu a história do baile de *siô* Borges, que me veio encher as medidas...

– E quem lhe contou que ela estava na festa?

– Quem? Falta gente bisbilhoteira nesta terra? Foi a Quitita, do Zé Pedro, que passou por aqui para chamar o padre com o *Nosso-pai* para o Sivestre... Não lembra que o Sivestre morreu nessa noite do baile amaldiçoado? Pois foi. Passou por aqui o *Senhor-fora*... Si não fosse ela, outro viria me contar... Mas novas tem sempre portadores: as boas é que nem sempre encontram quem nos traga. Saí como uma louca, assim como estava. Chovia *a cancras*... A menina tinha me pedido para ir *pousar* em casa das Bragas, que até são minhas parentas e gente em que eu tinha muita confiança... Mas, neste tempo, *siá* Tereza, nós vivemos vendidos pelos mais íntimos amigos... Sabe o que Joaquina me disse quando veio à porta e deu comigo?

– Ouvi dizer, tia Angélica...

– Pois me declarou que si eu a forçasse a sair do baile ela dava um escândalo maior... e disse mais – Deus que lhe perdoe, coitada! – que ela era de *siô* Juquinha, de corpo e alma, que tinha amor por ele desde criança (que louca!) e que ninguém a tiraria desse propósito...

– Que ingrata!

– E que si eu obstasse o namoro, seria pior, porque *siô* Juquinha já tinha dito que ia pedir ao Juiz que a tirasse do meu poder, porque eu não era de *boa vida*... Até isso, *siã* Tereza, eu ouvi!

– Mas ele pode fazer isso?

– Si pode! Branco pode tudo... Ele queria a rapariga. *Vancê* não conhece o que é um potro quando arrebeta peia? Não há porteira, nem cerca, nem rio para o segurar... Si ele me roubasse à filha eu não sei o que fazia... Só tenho esta menina, é a luz de meus olhos e o consolo de minha velhice triste...

– E, agora, o que pretende fazer?

– Não sei, *siã* Tereza, não sei mesmo... Estou tão agoniada que nem posso imaginar. Nossa Senhora da Guia é que me há de guiar...

## II

A casinha de tia Angélica ficava perto do monjolo velho, que fora do Major Antenor, hoje abandonado e convertido em tapera. Atrás fluía o rio largo e de águas límpidas, confinado entre as margens altas onde viçavam, para cá, uma linda plantação de capim da praia e, para lá, touceiras altas, através das quais se avistava o belo milharal da chácara dos Borges. Ao fundo, para a esquerda, havia um laranjal frondoso, além da horta, tratada carinhosamente pela Joantina. Um velho cajueiro fazia sombra ao porto, onde o *sarã* ocultava o lugar destinado ao banho e à lavagem de roupa. Belo e sereno o rio se desdobrava, inflectindo o azul do céu no seu translúcido espelho de água... Um pouco abaixo, nos fundos da fazenda velha, ficava a cachoeira, um magnífico salto de beleza incomparável. Peixe havia muito, e do bom, mas para cima, pois o ruído da queda d'água impedia até que eles descessem... No fim da rua onde morava a cabocla com a filha, ficava a igreja velha, agora em ruínas, desde que chegara o novo vigário e que se iniciara a construção de uma outra, num ponto melhor e mais

central. Muita gente antiga censurava o abandono em que ficou o velho templo, mas mesmo esses acabaram se acostumando à nova capela, limpa, muito clara, menor mais muito mais decente que a antiga. Uma das razões que prezaram no espírito do vigário para a mudança, foi evitar a aproximação do Borges, que tinha a sua casa perto da igreja velha. O Borges era o escândalo da pacata localidade sertaneja. Velho negociante quebrado, pois fundira todo o seu dinheiro no jogo e nas aventuras que o celebrizaram, vivia agora numa constante *farra*, da qual participava toda a sua gente, composta da mulher, uma *cabocla* ainda moça e das duas filhas, que eram o pomo de discórdia entre o rapazio estúrdio da vila. Os bailes que ali se faziam, quase semanalmente, atraíam todos os folgazões das redondezas e jogava-se, dançava-se o *maxixe* e o *samba*, o som da sanfona do Felix, acabando muitas vezes o *chinfrim* em grossa bebedeira, pancadarias e tiros que alarmavam o lugarejo adormecido. Ultimamente, depois que, por medida de economia, fora o Governo obrigado a suprimir o pequeno destacamento policial da vila, aquilo andava numa anarquia inacreditável. O *siô* Leite, da botica, rapaz lido e tempera de oposicionista, já tinha mandado duas ou três vezes dizer, na sua correspondência para os jornais da capital, que “era insustentável a situação do partido dominante” que “pactuava com o estado de depravação de costumes a que chegara aquela outrora próspera e florescente vila”. Nas entrelinhas da crônica se insinuava ser o responsável pelo triste estado de cousas o próprio chefe, o coronel Sigismundo, delegado e presidente da Câmara, que, no dizer dos oposicionistas, fazia vista grossa aos escândalos da gente do Borges, porque tinha parte no “barato” do jogo e gozava, por outro lado, das boas graças da Claudia, uma das filhas do velho comerciante...

## III

Depois da noite em que tia Angélica fora encontrar a filha na casa do Borges, em companhia do namorado, proibiu a moça o sair mesmo à janela, depois do escurecer. Era essa a medida extrema que a sua ideia lhe sugeria e redobrou de cuidados e vigilância, procurando evitar novos encontros entre os dois ventoinhas... Joana, a começo, quis revoltar-se, mas, diante da resolução e da energia que encontrou

em sua mãe, submeteu-se e chorou... Assim correram, lúgubres e sombrios, os primeiros dias. A casinha, antes alegre e festiva, revestiu-se de um ar pesado de luto. Mãe e filha quase não se falavam. De manhã cedo, a velha ia para o rio encher as vasilhas e, de volta, fazia o café e aprontava o almoço. Joanhina deixava-se ficar deitada até tarde, não cuidava de si, nem da casa.

Andava pela sala e pela alcova, às vezes só de saia e camisa, despenteada, os chinelos a se arrastarem molemente, em gestos vagos de indolência e melancolia... O rosto se lhe tornava, dia a dia, mais encovado, amarelo, com enormes olheiras denunciativas de longas e dolorosas insônias. Tia Angélica recordava-se com saudade dos bons tempos de há pouco, antes daquele maldito namoro quando Joanhina era a alegria da casa, sempre lépida, disposta ao trabalho e risonha, indo da cozinha ao coradouro, da horta à mesa de engomar, a cantarolar, na sua voz fresca e argentina, velhas toadas e modinhas de sua predileção. De noite, na cama larga onde dormiam juntas, cada uma voltava-se para o seu lado e, a não ser a “benção” que ela nunca deixou de pedir, depois da reza, nenhuma outra palavra a velha conseguia ouvir-lhe. Seis dias assim se passaram, até que tia Angélica soube, na venda do Felix, que o moço tinha saído de madrugada para a cidade, donde deveria regressar para os estudos. Foi um alívio, uma satisfação para a pobre mulher. Chegando em casa, esteve vai-não-vai a dizer logo tudo à Joanhina. Mas receando alguma loucura por parte da moça, sobreteve-se no seu primeiro impulso...

Até a hora do jantar ensaiou por diversas vezes encetar uma conversa, no correr da qual lhe pudesse contar o que se passara... A sua experiência da vida lhe tinha sugerido o pensamento de que cedo a filha esqueceria aquele namorico e só a ausência do rapaz bastaria a minorar-lhe a dor...

Mesmo assim não se sentia com coragem de falar-lhe... Já tardinha, viu a moça dirigir-se, na sua atitude de cisma, toda tristeza e doçura, para a varanda e conservar-se ali, de pé, apoiada ao tear, junto da janela que se abria para os fundos da casa... Era bonita e ao mesmo tempo lastimável assim, naquela postura lânguida de dolorosa mártir de amor... De porte altivo, cheia de formas, apesar do seu emagrecimento de há dias, Joanhina era um belo tipo de mestiça, quase branca, de um moreno pálido, olhos negros em que nadavam os fluidos misteriosos

de um grande sonho sensual... Ficou ali por muito tempo como esquecida de si e de tudo mais... A tarde suave descia sobre a paisagem que ela fitava tristemente, os braços estendidos sobre o paiol que fazia base à janela. Um trecho de várzea, batida, das últimas reverberações solares, se estendia ao longe. Nos “paratudais” da outra banda rolinhas e sana-cocais gritavam anunciando a noite. O rio fazia-se sentir pelo murmúrio da correnteza frouxa e pela frescura úmida que vinha, por vezes, na viração, refrigerando o ar pesado de calor. Para o nascente o céu parecia vestir-se das cores sombrias da viuvez, enquanto o ocaso, que lhe ficava em frente, era de uma cor de pérola, achamalotado, com laivos purpurinos... As laranjeiras pareciam petrificadas, tão paradas, sem um bulício, recortando no espaço os seus ramos frondosos de folhas lanceoladas... Joanhina chorava para si só, baixinho, em soluços curtos e convulsivos... Sentia-se mole, inerte, uma folha seca levada pelo vento forte do destino...

No seu íntimo, comparava aquele fim do dia luminoso de verão com o epílogo magoado e infeliz do seu amor... Sentindo passos atrás de si, voltou-se e viu tia Angélica ao pé dela, que a fitava, num longo olhar compadecido... Só então uma reação do seu amor filial lhe fez ver o quanto de injusta havia sido para com a velha mãe. Não se conteve e, ao vê-la ali, junto de si, pobre, suja, esmolambada, ao fim de uma vida de miséria e dedicação por sua causa, caiu-lhe soluçante nos braços!

– Perdoe, minha mãe... Juro-lhe que entre nós não houve nada... Não me odeie por causa de um amor que eu não desejei, e que não posso mais evitar!...

– Eu bem dizia... Eu bem dizia... Sempre confiei em você, minha filha... Mas é preciso esquecer essa loucura... Esquecer quem já se esqueceu de você...

– Nunca, minha mãe! Ele não se esquecerá de mim...

– E si eu lhe disser que ele já foi embora, sem ao menos lhe dizer adeus?

– Não é verdade!

– Pode perguntar a quem quiser... Foi hoje cedo para a cidade. Eu sempre disse que ele não merecia você... queria só passar o seu tempo à sua custa...

Joanhina, ao contrário do que temia a velha, não chorou, não gritou, não teve um assomo de dor, ante aquela súbita narrativa. A

mágoa que lhe veio foi tão grande que ela se sentiu impotente para extravasá-la em prantos ou em rudes imprecações.

Há sofrimentos que se cristalizam no coração, em vez de se diluírem em caudais de lágrimas e são os mais doloridos. O de Joaquina era um desses...

#### IV

Uma semana após, vendo a filha mais calma e conformada, tia Angélica se dispôs a abordá-la acerca de um assunto que há tempos a vinha preocupando. Chegando da rua, deu com a moça de joelhos na alcova, diante de um registro de Nossa Senhora das Dores... Ela rezava e chorava e bem difícil fora dizer em qual dos rostos – no da Virgem das Sete espadas ou no da pobre menina – haveria expressão mais angustiada... A mãe esperou que ela acabasse e chamou-a para a varanda. Ela, no seu andar de autômato, seguiu e sentando-se a um *mochó*, viu que a velha se acocorava no chão junto aos seus pés... E enquanto tirava uma baforada do cachimbo, tia Angélica começou:

– Joaquina... Há muitos dias eu quero lhe falar sobre um negócio que me está a dar voltas no miolo. Você é moça, bonita, e sabe que eu já não vou longe, pois estes meus achaques de velha podem me levar de uma hora para outra. O meu maior pesar, si morrer, é deixar você desamparada. Nós nada temos a não ser esta casa que assim mesmo está, como você sabe, comprometida com o *nho Quim*, desde que precisei tomar-lhe aquele dinheiro para levantar as paredes do oitão, quase em ruína... Depois, com aquela moléstia que você teve, precisei mais dinheiro e ele me deu, sem papel, sem juro, para eu pagar quando puder... Não lembra?

– Sim, mamãe, e que tem isso?

– Tem que ele... Homem! Para que estar com rodeios? Ele gosta de você... E disse-me ainda hoje que...

– Mas, mamãe, exclamou a moça, aterrada, *nho Quim* é um velho e, além do mais, é um homem muito rico para que eu possa olhar para ele...

– Não é isso, Joaquina... Está claro que ele não quer você para sua mulher... Nem ele está em idade para isso! Mas...

– Então para que me quer ele, minha mãe?

– O' minha filha, não se zangue assim... Olhe depois do que sucedeu... enfim... você vê que falada como está, na língua deste povo, será bem difícil casar...

– E nem eu quero, nem penso nisso, minha mãe...

– Depois não é só o casamento que faz a gente feliz... Eu fui bem feliz com seu pai... que nunca foi meu marido.

– E a senhora é que vem me propor essa vergonha? E por quê, então, se opunha ao meu namoro com o Juquina? Forte noção da honra tem a senhora, minha mãe?

– Mas, minha filha, o caso é muito diverso. Aquele bigorilhas não tem assento na vida, queria lhe perder e depois quem lhe ia manter, quando você fosse abandonada por ele? O *nho Quim*, não; é homem sério, morador velho da vila, rico, lhe quer muito bem, e depois isto será feito com toda a cautela, nem é preciso que ninguém saiba...

– E ele o que propõe a preço do meu corpo, perguntou Joaquina, com os lábios trêmulos, refranzidos de ironia.

– Tudo, filha... Perdoa a nossa dívida. Dá-lhe uma boa mesada. Melhora a nossa casa. Prometeu-me até comprar para você o terreno todo que foi do Major Antenor... Não vê, minha flor, que ele está doidinho por você...

– Minha mãe!

– Pensa bem o que você faz, Joaquina. Ele é velho, é, mas que importa, si você não vai casar com ele? Você já está com 18 anos e não tem experiência da vida... Na sua idade eu já conhecia muito melhor os homens e o mundo... Aceite, Joaquina, que está nisso a sua felicidade... Aceite. Deixa que sua mãe morra tranquila, ao ver você bem amparada e por um homem de bem como é aquele!

A moça nada retrucou. Chorava. O seu rosto fizera-se de pálido que era habitualmente, rubro como uma flor de romã... Compreendera toda a trama ignóbil tecida em volta da sua pessoa pela cobiça daquele velho e pela convivência criminoso de sua mãe. Sentia asco, um engulho lhe vinha ao pensar no miserável que, a peso de dinheiro, queria possuí-la.

E foi com a voz lenta, surda, ainda entrecortada de lágrimas, que ela disse à velha, que, ansiosa, lhe perscrutava a fisionomia agoniada:

– Sim, minha mãe... Aceito. Pode dizer ao velho que venha quando quiser...

– Eu sempre tive você como menina muito ajuizada... Essas “cabeçadas” de criança não valem nada. Você tem boa “sina”, Joaquina, e há de ser feliz. Vou dizer ao *nho Quim* que venha hoje mesmo e imagina como ele não vai ficar satisfeito...

V

– Já vem ele aí, e como vem chibante e todo pelintra o velhote!... Parece até, mal comparando, um noivo, no dia do casamento... Joaquina tinha acabado de trocar a roupa quando a mãe pronunciou, em voz alta, na porta da rua, aquelas palavras.

Vestira o seu melhor traje, o vestido branco de filó, que ocupara pela festa do Natal, no dia em que pela primeira vez vira Juquinha. Pusera os brincos de coral, presente de seu padrinho, o Major Leôncio; calçara os sapatos brancos de entrada rasa, que lhe deixavam à mostra os pezinhos e o começo da perna bem torneada; ataviara-se, como há tempo não o fazia, com grande satisfação para tia Angélica que via em tudo aquilo provas de submissão com que a menina se conformava com os seus desejos... Ouvindo a mãe anunciar a aproximação de *nho Quim*, ela saiu para o terreiro e disse:

– Mamãe... Quando ele chegar diz que vou esperá-lo lá embaixo, perto da cachoeira...

– E por que não aqui, Joaquina?

– Tenho vergonha...

Pareceu à tia Angélica tão notável aquele pejo da parte da filha que não quis sequer insistir. Sorriu-se, maliciosa, ao vê-la que se afastava, a passos rápidos, já quase a altura do laranjal... *Nho Quim*, avisado, depois de largar o chapéu e o chicote sobre a mesa, acompanhou, de longe, a moça... Já quase ao chegar ao rio conseguiu alcançá-la...

– Pare aí, Joaquina... Não vá tão longe, que me custa alcançar... Olhe que sou velho e cansado...

A moça entreparou, meio a sorrir, afetando uma naturalidade muito em contraste com a tormenta em que se lhe debatia o espírito... O tom de voz do velho irritou-lhe mais a sensibilidade já exasperada. A passos estudados e com uma ternura na fala, *nho Quim* acercava-se dela, estendendo-lhe a mão, num gesto carinhoso.

– Sei quanto foi boa e razoável no reconhecer os sentimentos que

por você nutro há muito tempo... Mas eu quero convencê-la de que o que tenho aqui no coração pela menina é um amor tão puro, tão grande, que não contém nada de vergonhoso aceitá-lo. Espero que com o tempo...

– Não é preciso... Creio no que me diz. Eu é que não posso, não devo amá-lo... Para que lhe enganar? As mulheres como eu amam uma só vez na vida...

– Não importa, filha. Mais tarde, conhecendo-nos melhor, você gostará de mim. Agora você é ainda muito criança e essa cabecinha está cheia de caraminholas de romances. A vida é muito diferente do que se lê nos livros, Joaquina!

Estendera os braços, procurando enlaçá-la, mas, num assomo, Joaquina esquivou-se-lhe, dizendo:

– Não... ainda não...

Haviam chegado à beira do salto. A beleza do local, a solenidade grave da hora do crepúsculo, a sublime expressão que se via no rosto suave da torturada virgem, nada disso agia sobre a alma do cúvido velho, presa apenas da sua explosão de rude animalidade.

A moça debruçara-se sobre a grande pedra que servia de anteparo às águas que dali, num arrojado ímpeto, se precipitavam em vórtices iriados, ao fundo do abismo.

*Nho Quim*, desgostando-lhe o prolongamento daquela situação que lhe parecia ridícula, tentou, de novo, abraçá-la. Uma reação formidável invadiu-lhe o corpo e a alma, a um só tempo. Todo o seu sangue de mestiça, o seu sangue ardente de sertaneja, em que palpitava e se enfuriava a revolta de várias gerações de sofrendores, se inflamou, num incêndio de pejo, e rugiu, num vendaval de cólera, ao contacto asqueroso daquele homem que pretendia possuí-la. Nela se encarnaram, naquele instante, todas as vítimas imbeles da violência brutal, índias preadas, pobres negras cativas, em seus areais solitários, doces e infelizes criaturas que, nos eitos e nas senzalas, nos “engenhos” e nas cidades, a sanha do branco, ambicioso e lascivo, sacrificara sem piedade, atirando-as, ao depois, míseros farrapos humanos, às ignomínias da crápula e do hospital... *Nho Quim*, já antelibando o seu triunfo, segurava-lhe um dos pulsos, enquanto, num gesto simiesco, lhe enrodilhava o busto com outro braço, procurando-lhe a boca... Escapando-se do nauseante enlace, Joana, o olhar em fogo, os lábios

lívidos, toda tremura e repulsão, aturdimiento e desespero, gritou-lhe, como a reação secular da sua raça humilde e vilipendiada:

– Nunca! Ninguém me compra! Sou “dele” e de mais ninguém!

E falseando os pés, na alucinação que a empolgava, transpôs, numa aura de loucura, em que vira a única salvação possível, a pequena distância que a separava da morte e da libertação...

Precipitara-se no abismo!

(Fonte: Revista *Feira Literária* - Publicação Mensal Laureada pela Academia Brasileira de Letras. Direção de Herculano Vieira. São Paulo, v. VIII – Agosto de 1929, p. 101 a 128)

## UBALDO MONTEIRO DA SILVA

---

Nasceu em Várzea Grande-MT, em 16 de maio de 1916. Formou-se militar, pelo Curso de Formação de Oficiais da Polícia do Rio de Janeiro, diplomando-se no ano de 1943. Foi eleito Deputado Estadual, legislatura 1959-1963, retornando na mesma condição no período 1964-1966. Durante o período de exceção, negou-se a candidatar a qualquer cargo, mesmo conclamado pela população. Dirigiu penitenciárias estaduais, sendo que na Polícia Militar fundou o Curso de Formação de Oficiais e anos mais tarde dirigiu a mesma escola. Foi professor do mesmo curso por seis anos, na década de 1950, tendo sido preceptor de grande número de ilustres mato-grossenses. A Polícia Militar, sediada em Cuiabá, constituiu um importante museu que guarda a memória da mesma Instituição, que levou seu nome. Sua produção intelectual é vasta e diversificada, seja na área da História, seja na de Literatura. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, onde ocupou a Cadeira nº 27. Faleceu em Várzea Grande-MT, aos 29 de maio de 2004.

## A Garrafada

Bastião era um caboclo semianalfabeto, mas, “vivaldino”.

Aos seus quarenta e dois anos de idade, aprendera na escola da vida muita coisa interessante, mormente os truques, as artimanhas e tudo aquilo que lhe fora necessário saber para “defender-se” nos momentos de aperturas. Certo, não aprendera quase nada nos livros, porém, era inteligente e impunha-se pela presença, o que o fazia respeitado entre seus iguais. Criado no ambiente do Beco, onde a sordícia era companheira inseparável da malandragem, tornou-se um profissional dos negócios escusos. Era um espertalhão, sem jamais furtar ou roubar nada de ninguém.

Para completar sua “educação”, quando se tornou homem maduro, Bastião aperfeiçoou-se em tendas de congás, passando a crer no baixo espiritismo e nos ensinamentos do velho livro de São Cipriano, que soletrava com frequência. Daí, para o ofício de curandeiro, não foi muito, pois ia-lhe vocação, e o ambiente em que vivia lhe facilitava aquela espécie de “negócio”.

Consultado, receitava raízes, cascas e, mais amiúde, a garrafada, sendo esta preparada pelo preto Tote, seu comparsa na “célebre carreira” que abraçara. Muitas vezes acertara em seus prognósticos, o que lhe fez ir adquirindo fama.

Dona Rola e Dona Benta eram duas mulatas com mais de trinta anos, que, além de primas, sempre foram amicíssimas.

Onde ia uma, lá estava a outra. Viviam ali, no Beco cuiabano, ambas participando do cotidiano naquele ambiente prosaico.

Dona Benta e sua prima tinham grande confiança no caboclão e, quando alguém morria após uma “consulta”, era fatal o diálogo entre ambas:

– Pois é, o Ditão já estava morto dentro da roupa; aí é que foi se lembra de consulta...

– É, esses paiãos pensa que Bastião é Deus prá curá morto.

– Num sei não, Benta, mas milagre num tem na terra. Bastião cura, mas não ressuscita.

E então, registravam o fato, tendo sempre uma desculpa para cada fracasso na carreira do curandeiro.

Bastião era sempre digno de defesa da gente mais simples, mesmo

quando falhava e, cada vez mais respeitado, vendia sua bugiganga medicinal a quantos o consultavam. E assim ia vivendo, sustentando-se, sem maiores trabalhos.

Às sextas-feiras, ia para uma tenda de conga e, com outro chefe de terreiro, oferecia uma sessão, quando combinavam algumas consultas para o dia seguinte.

Durante muito tempo, Bastião levou a vidinha de curandeiro, “empurrando” garrafadas até mesmo em gente boa que, por um ou outro motivo, ia procurá-lo. Aí, Bastião abria os olhos e “metia a faca na barriga” do consulente grã-fino. O curandeiro andava bem informado a respeito de seus “clientes”.

Dona Rola e Dona Benta não regateavam elogios aos “trabalhos” de Bastião e acompanhavam suas atividades, quase convictas da sua santificação. E das duas, quem mais se interessava pelas “consultas” do Bastião era Dona Rola, que acompanhava os trabalhos do mandingueiro e conhecia o segredo das garrafadas.

– Onde foi, Rola, indagava D. Benta.

– Eu tava no Bastião.

– Diabo, que todo dia vai no Bastião, demora lá um tempão e num gosta que eu falo co’ele sozinha.

– Num é isso, Benta; eu ajudo Caboclão nas consultas. Ele me pede e eu num posso negá, né?

Dona Rola mentia, pois, na verdade, mantinha um namorico com o curandeiro e facilmente se enciumava dele. Ela gostava de Bastião, mas tinha verdadeira adoração por sua prima, que a queria afastada do malandro, pois este, entre outros “predicados”, tinha fala de conquistador. Seja por ciúme ou por mais cuidados que tivesse, assim agia Dona Rola.

Entretanto, como tudo passa, com mais rapidez extinguem-se as fases destinadas aos negócios escusos. Edifícios de sólidos alicerces tombam com o tempo. Como não desmoronar, a curto prazo, uma frágil construção?

Foi o que aconteceu. As atividades do curandeiro tiveram fim.

Certo dia, Dona Benta amanheceu doente, com fortes dores na barriga e empachação. A vizinha pediu à Dona Rola que levasse Dona Benta à Santa Casa de Misericórdia, pois o seu estado inspirava cuidados. Apressada, Dona Rola atalhou:

– Nada disso, Bastião tá aí mesmo... É que ele vai tratá dela. Para que Doutor? Morre gente todo dia nessa tar de Santa Casa... Ora, gente, eu tenho confiança é no Bastião.

– Eu sei, Rola, mas há caso que num resolve cô garrafada.

– Ora, dexa de bobage, Santa. O que manda é a fé – e eu tenho.

Discutiram, mas os argumentos de Dona Rola eram mais fortes. O curandeiro entrou em ação e diagnosticou:

– É nada não... Nó na tripa; tô costumado curá gente assim. Vai tomá uma garrafada e vai fica boa. É meio copo d'água do produto, de duas em duas horas... E só ocê tê fé, viu, Benta?

Falou, Benzeu e saiu.

Depois da meia-noite, Dona Rola caiu no sono. Ao clarear o dia, Dona Benta estava morta no seu catre.

Aí, então, foi um berreiro danado; Dona Rola ficou alucinada, descrente de tudo, pois julgou ser coisa à toa a doença de sua prima querida. Era sofrer demais vê-la ali mortinha, gelada, sem sua última palavra de despedida.

Não! Aquilo era demais – inacreditável.

Desesperada, em lágrimas, deu a louca na Rola, que foi contando à toda gente a estória das garrafadas nas quais, segundo o relato, entravam às vezes até escamas de cobra e couro de sapo, de mistura com a raizama, folhas e cascas de árvores.

No dia seguinte, ninguém mais teve notícias de Bastião.

O homem sumiu de Cuiabá, pairando um mistério quanto ao destino que tomou, pois nunca mais se ouviu falar do célebre curandeiro.

(Fonte: MONTEIRO, U. *Cuiabaninhos* (contos), 1978, p. 6-9. Cadernos Cuiabanos, 6).

## JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO

---

Nasceu em Cuiabá-MT, no dia 23 de março 1931. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Distrito Federal, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Atuou, como médico, em vários hospitais e Instituições. Publicou diversos artigos em periódicos regionais, e deixou diversos livros de literatura e no campo da memória histórica de Mato Grosso. Presidiu a Academia Mato-Grossense de Letras e ocupou a cadeira nº31. Faleceu em Cuiabá-MT, no dia 29 de dezembro de 2006.

## Verdades e Mentiras

Já disse que o meu compadre Arysinho era um menino grande, arteiro, brincalhão, mas, como toda criança, de grande coração – com todas as virtudes e defeitos desta qualidade. Às vezes, cedia a tentações, fossem elas engarrafadas, de roupa ou mesmo em pelo. Mentir, nunca! Mas, como bom pescador e exímio caçador, contava lá os seus casos.

Certa noite, na grande roda que se formava na calçada do Bugre – meu vizinho e tio da minha mulher – contavam-se estórias de Mato Grosso. Foi quando o “seu” Mariano – um velho vivido, que já havia sido seringueiro no norte do Estado, poaieiro lá pelas bandas do Jauru, caçador de jacarés no Pantanal de Cáceres e mais coisas por esse mundão afora, criado por Deus – contou que as traíras dos rios da Bacia Amazônica eram tão grandes que, para escamá-las, usava-se um machado afiado. Foi o que bastou para caírem em cima do bom velhinho, com todo tipo de caçadas. O mais gozador foi o compadre Aryzinho que, entre gargalhadas, dizia ao “seu” Mariano:

– Êta velho caprichoso! Mas, eu mereço, fui um menino danado, mereço mesmo, eu sondava a minha madrinha tomar banho... fiquei merecedor de ouvir essas dessas. Imagine só lampinar traíra com machado, à moda aroeira!

Pois bem, apesar de toda malhação, o caso contado pelo velho era verdadeiro: as traíras do Nortão atingem grandes tamanhos, diferentemente das vivedoras na Bacia do Paraguai, que são peixes pequenos.

Um pouco mais tarde foi a vez de um concunhado meu contar que um irmão dele, o Dr. Gaby, teve uma novilha guacha – criada na mamadeira e, por isso, muito mansa – que havia se habituado a dormir na rede. Esse caso não gerou, no momento, grandes protestos porque quem o havia contado, sendo médico e homem merecedor de todo o respeito, passou-o de segunda mão, ouvido do seu próprio irmão, dono do balançante animal. Todos nós ficamos apenas engolindo o riso, evitando uma explosão. Mas, em uma reunião posterior e mais formal, um jantar de casamento, quase houve briga na família do concunhado, quando o suposto proprietário da novilha dorminhoca e redeira, a meu pedido, se recusou a confirmar a estória perante várias pessoas que a tinham ouvido naquela noite, à porta da rua.

Mas, voltemos à inspirada reunião que estava sendo relatada. Bastou

um simples cafezinho com bolo de queijo para que o compadre contasse dois casos seguidos. Ambos, no dizer dele, ocorridos com o Marcelino Mendes, um amigo nosso – fazendeiro, hábil e correto comprador de gado, homem forte, alegre e cativante – que pilotava o seu próprio avião. Gabando a força do nosso amigo, o compadre me saiu com esta:

– Uma vez, eu estava no avião com o Marcelino, decolávamos de Corumbá e quase nos arrebetamos, pois ele, não controlando a sua força, puxou tão fortemente o manche, ao arremeter, que o guidão saiu na mão dele!... Felizmente, quando já embicávamos para o solo, ele conseguiu consertar o aparelho e subir novamente.

Como prêmio por esta peça, o compadre recebeu de volta boa parte das gozações que havia feito com o velho Mariano. Mesmo assim, ele insistiu no assunto.

– Vocês não acreditam? Pois eu vi o Marcelino, de outra feita, apartando uma boiada, quando caiu no brete um enorme toro, de umas cinquenta arrobas. Ninguém conseguia fazer o bichão levantar. O trabalho foi paralisado e tentaram de tudo: ferrão de arraia, ferro em brasa, choque elétrico, quebrar rabo, xingar mãe etc. e nada! Foi quando o forte comprador disse:

– Saíam todos, deixem para mim.

Em seguida, debruçou-se sobre a borda do aparador, pegou o touro por uma das orelhas e puxou para cima.

– Levantou o bichão? Perguntaram, em coro.

– Não... mas saiu com a orelha dele na mão! Finalizou o Aryzinho.

E não havia dúvidas – caprichoso mesmo era o compadre.

(Fonte: MONTEIRO, J. A. N. G. *Histórias do Velho Mato Grosso*, 1996)

## VERA IOLANDA RANDAZZO

---

Nasceu em Caxias do Sul-RS, em 21 de setembro de 1927. Seus estudos fundamental e médio foram realizados no Grupo Escolar Municipal de Criuva - RS e no Colégio Nossa Senhora da Conceição, de Porto Alegre - RS, e o superior incompleto em História, na UFMT. Veio para Mato Grosso em 1955. Ocupou os cargos de Oficial Administrativa da Biblioteca do Arquivo Público de Mato Grosso; Professora primária interina em Rosário Oeste, Diretora do Arquivo Público de Mato Grosso; Técnica em arquivística, pela Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso; Organizadora do Instituto Memória do Poder Legislativo, em seus primórdios; Membro da Comissão de Estudos de Fronteira, para exame de questões de limites entre os estados de Mato Grosso e Goiás; Autora de diversos textos estampados em jornais e livros. É sócia fundadora da Sociedade Amigos de Rondon, sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, sócia correspondente da Academia Paulistana de História, membro da Ordem dos Bandeirantes de São Paulo. Na Academia Mato-Grossense de Letras ocupa a Cadeira nº 19.

### Pagmejera, Pajmagera!

Era uma vez um pequeno Menino de olhos levemente oblíquos que morava na grande casa campesina de seu avô, pois seus pais tinham morrido e ele era, então, o enlevo do velho.

O Menino sem mãe tinha, porém, uma porção de tias com longos vestidos e luzidios cabelos atados em coques. Todas as noites acendiam uma lamparina e imploravam à Virgem que protegesse o sobrinho.

A casa, feita de adobes escuros, ficava na sesmaria do Morro Redondo e tinha na frente uma frondosa mangueira que dava sombra para descanso de jovens morenos, em suas lides diárias.

Muitas vezes o menino, ao lado do avô, seguia com o olhar atento o arriscado trabalho dos tios que domavam os ligeiros corcéis, famosos em toda aquela vasta região.

Depois, quando o avô tomava guaraná ralado, que uma das tias trazia, tinindo com a colherinha de prata, o Menino brincava de domador e amansava os bezerros que depois montava para ir nas roças vizinhas. Então, em alegres algazaras com os primos, atirava-se do alto de um barranco e nadava vigorosamente nas plácidas águas do Itibirai.

Mas, uma noite em que o Menino dormia na alva rede que sua madrinha tecera com as próprias mãos, muito em silêncio, um Maniô saiu das lendas antigas de sua doce Mãe, acercou-se dele e sussurrou:

*“Serás o orgulho da tua Pátria e da Humanidade!*

*Tua presença, tua perfeita distinção, teus amplos conhecimentos e tua valentia te destacarão sempre dos demais companheiros.*

*Unirás tua vida a uma empresa considerada impossível e saberás realizá-la com perfeição acima do esperado.*

*Serás dotado de imensa energia vital e terás também uma voz de admirável ressonância, pois que serás um grande condutor de homens e ideias.*

*De tua descendência materna, princesas das raças terenas e guanás, filhas dos outrora senhores absolutos da terra em que nasceste, raça hoje perseguida e à beira do aniquilamento final, tu, filho dileto, foste escolhido para protegê-las e redimi-las.*

*Teu coração puro e nobre saberá compreender e encontrar meios para que os teus outros irmãos, os civilizados, possam ver a desumanidade que praticam com o simples e nobre povo indígena.*

*Terás, como todos os grandes, inimigos que dificultarão os teus trabalhos, farão surgir obstáculos e sobre ti levantarão calúnias, mas passarás incólume sobre tudo, já que tens no sangue que herdaste de teus antepassados, a chama da persistência e da honestidade.*

*Amarás uma meiga moça que fará do teu lar um pedaço de céu e o encherá de crianças e te esperará sorrindo cada vez que voltares. Durante as tuas ausências, será a guardiã incomparável da tua casa e da tua felicidade.*

*Viverás quase um século. Vai filho e luta pela paz dos teus irmãos”*

E assim falando, o espírito do sonho afastou-se, pois eis que chegava a rósea claridade matinal.

Passaram mais alguns dias suaves e calmos, mas num entardecer, quando o avô e o Menino estavam recolhendo o gado, um cavaleiro chegou. Era o tio paterno que, após muitos diálogos feitos à distância e através de amigos comuns, tinha afinal conseguido permissão para levar o Menino aos Centros do Saber.

O avô fitou tristemente as campinas pontilhadas de bois gordos, que sempre tinha pensado serem suficientes para criar o filho de sua filha, e depois pousou a mão calosa sobre a cabeça do seu neto. Tinha afinal compreendido que o Menino tinha uma inteligência invulgar que não poderia se coadunar em ambiente de simples vaqueiros. E deixou-o partir.

Assim, entre lágrimas de saudade, o pequeno órfão partiu daquele rincão paradisíaco, deixando a grande casa e o plácido Itibiraiá; deixando os campos verdejantes onde os tios e primos, centauros alados cortavam o vento, deixando as doces tias com os negros olhos mais escuros pela dor da partida; deixando o avô com o rosto pregueado de amargura, fitando a estrada vazia...

Foram passando os anos e o Menino ultrapassou todos os mestres que o tio contratou para que lhe ensinassem Matemática e Geografia, Línguas e Ciências e chegou, assim, o dia em que, transformado num jovem altaneiro e de olhar audacioso, seguiu para outras plagas, descendo pelo rio Cuiabá. Foi para a cidade mais linda do mundo, onde o mar beija amorosamente a areia mais alva que as nuvens e onde poderia encontrar mil divertimentos que, porém, jamais o tentaram.

Todo dedicado aos estudos, não olvidava nunca as palavras que seu pai dissera ao irmão quando pressentira a morte, antes mesmo do

nascimento do único filho – “*Se eu não viver, e se a criança que nascer for homem, leve-o para a cidade, para que estude e, assim, possa servir a nossa Terra*”.

E com o tempo, o jovem estudante ficou um valoroso Militar e recebeu incumbências arriscadas e difíceis que cumpria sem nunca medir sacrifícios.

Desenrolou gigantescos carretéis de fios e ligou florestas e montanhas, sertões e pantanais com o litoral onde estava o Governo de sua Pátria.

E percorreu milhares de quilômetros de fronteiras onde sempre resolvia litígios e afastava mal-entendidos.

E às vezes era chamado para pacificar revoluções e em toda parte usava somente a justiça, a bondade, a retidão e a disciplina.

Mas, acima de tudo, dedicou-se com afinco, sem esmorecer nunca um só instante, à grande campanha de salvar os seus irmãos indígenas da incúria, do abandono, das injustiças das atrocidades e da usurpação dos seus direitos.

E por meio da bondade e da persistência chegou mesmo aos mais ferozes que viviam em tribos longínquas e levou-lhes a Esperança, a Fé e a Caridade.

A sua bandeira levava o lema: *Morrer, se necessário for, matar nunca.*

E reis e chefes estrangeiros vinham de longe, atravessando mares e oceano para conhecerem o Harmonizador, o Pacificador dos Sertões.

Por isso, hoje, quando o vento tange as liras dos rios por onde ele navegava, murmura suavemente:

– *Cândido Mariano da Silva Rondon!*

E as cachoeiras que ele descobriu e batizou, ao caírem em catadupas sonoras cantam:

– *Cândido Mariano da Silva Rondon!*

E os pássaros, em revoadas alegres pelas matas e serras:

– *Rondon, Rondon!*

E os índios, de cujo sangue descendia, do norte ao sul dos sertões brasileiros, unidos na saudade, relembram seus feitos e cantam sua vida:

– *Pagmejera! Pagmejera!*

(Fonte: RANDAZZO, V. *Pagmejera! Pagmejera*, 1969)

## LOUREMBERGUE ALVES

---

Nasceu em Alto Paraguai-MT, em 18 de julho de 1957. Graduado em História, pela Universidade Federal de Mato Grosso, e Mestre em História pela Universidade de Cuiabá – Unic. Foi professor na Universidade de Cuiabá – Unic. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, na categoria de sócio efetivo, tendo assumido a Vice-Presidência da instituição na gestão 2000-2002. Cientista político, colabora nos jornais de Cuiabá, participando também dos debates televisivos de Mato Grosso. Na Academia Mato-Grossense de Letras, ocupa a Cadeira nº 6.

### O Caminho da Felicidade

Foi difícil acordar naquela manhã. Bem mais ainda levantar-se. Quase sem força, ele se pôs de pé. Suas mãos ainda se escoravam à beirada da cama, e foi desse modo que ele passou a caminhar. Seus passos eram curtos, dosados e meio desequilibrados. Continuar era uma dificuldade, mas chegou ao banheiro. Passou um tempo por ali. Depois do vaso, foi até a pia, abriu a torneira e, com as mãos abertas, jogou água no rosto. Voltou a olhar a si próprio no espelho preso à parede. Tinha a aparência horrível. Isto sem falar na dor que tomava conta de todo o seu corpo, e uma tontura que lhe minava a força restante. “*Oh, Deus, preciso chegar até a sacada!*” – falou consigo mesmo. “*Era muito triste não poder contar com alguém no instante em que mais se precisa de ajuda*” – resmungou.

O apartamento lhe parecia estranho e diferente. Não era o mesmo, com o qual estava acostumado a caminhar por seus corredores e cômodos, ainda que estivesse de luz apagada. Tinha que chegar à sacada. “*Mas ela estava muito longe!*” – fizera questão de se lembrar. E ele já se encontrava muito cansado. Sentiu seus pulmões fraquejarem. Respirou fundo. O oxigênio não chegou até eles. Voltou a respirar. “*Nada!*” Ficou parado no meio da porta. Mais dois ou três passos, chegaria à outra porta, e, em seguida, cruzaria a entrada do escritório e alcançaria a sala – parada obrigatória. Depois, claro, seguiria em linha reta, abriria passagem, separando as duas metades de vidro, e, enfim, “*Oh! Lá estava ela*” – balbuciou.

A alegria por ver a sacada lhe deu algumas gotas de ânimo, e, por milagre, alcançou o parapeito. “*Ufa!*” Levantou a cabeça, e percebeu a beleza da claridade. O Sol se mostrava majestoso com o seu verde-azulado. Ainda que os olhos o confundam como sendo de cor amarela. Mas não é. Embora um montão de gente diga que é. “*Pode?*” “*Claro que pode.*” “*Mas...*” Um interlocutor invisível o interrompeu:

– Esta é uma conversa para físicos e astrônomos, não para quem sequer sabe o porquê continua de pé.

Neste exato instante se lembrou de que se encontrava no 12º andar. “*É perigoso*” – reconheceu. “*Bastante*” – era preciso enfatizar. Tudo à sua volta, parecia rodar. “*Novamente a tontura!*” Resolveu sentar-se na preguiçosa. Arrastou-se até ela, e, assim que chegou perto, mais perto,

deixou-se escorregar todo o corpo na cadeira. Esparramou-se nela, para dizer a verdade.

Seu esforço foi anormal. A sua cabeça dava mostra de estar muito pesada. *‘Põe pesada nisto!’*. *‘Por que será?’*

– Vem dizer que não sabe? – ironizou o interlocutor invisível.

– Não.

– A bebedeira de ontem, lembra-se?

Estranho tal indagação. Estaria a pensar consigo mesmo. *‘Bebedeira!’*

– Pelo que sei, não bebo.

– Tem certeza? - Voltou a insistir o interlocutor. Sempre com muito sarcástico.

– Claro – resolvendo-se entrar no jogo de palavras.

– Então, como se explica aquele papelão na casa da Neuza?

– Hein - Sentiu-se surpreso.

– Não se lembra?

Ele, porém, não se deu por vencido.

– Ontem, não saí.

– Sei

– Fui para cama logo depois do jogo – Voltou-se a insistir.

Uma pausa. Tempo para novamente levar a mão direita à cabeça.

– Que jogo! Você assistiu?

Ele, agora, dominava a situação, ou presumia que a dominava. *‘Parecia pelada’*. Nova pausa. Desta vez para ver o que responderia a pessoa invisível. Como não falou nada, ele continuou.

– Não jogam nada, e ganham uma fortuna – Tomou fôlego, antes de continuar – Os caras não são profissionais.

Sua reclamação fazia sentido. Pelo menos para ele próprio. *‘Culparam o gramado’*. Criticou os jogadores de seu clube de futebol. E os torcedores! Que comportamento!

– Coitado do árbitro. Levou toda culpa. Sobrou para a pobre da sua genitora - Pausa, antes de prosseguir - Só faltaram culpar a torcida.

– Não tente desviar de assunto – voltava à carga o seu interlocutor, pegando-o de *‘calças curtas’*.

– Hein.

– Falávamos sobre a sua bebedeira.

– Não bebo, já disse.

– Então, por que você tentou brigar com a Ritinha.

– Não conheço nenhuma Ritinha.

– Tem certeza?

– Não sei do que você está falando.

– É sempre assim. Foi a bebida.

– Não posso culpar a bebedeira. Não bebo.

– Sei. Só socialmente?

Neste instante, ele repetiu o antigo movimento, levando à mão a sua cabeça. A dor o incomodava bastante. Não sabia mais o que fazer, nem mesmo para rebater as acusações de seu interlocutor. *‘Este é um dos sintomas da ressaca’*. Permaneceu calado. Pois nada havia o que dizer.

– Pobre do fígado! É o mais sacrificado.

– Não sei do que está falando

Tentou-se uma reação, mas logo se arrependeu. Arrependeu-se porque a pessoa com quem falava, achou no direito de continuar:

– O corpo acumula enzimas, e estas acabam por bagunçar o metabolismo e interferem até no sistema nervoso. Daí a dor de cabeça.

– Bebedeira, ressaca e dor de cabeça. Não entendo do que está dizendo.

– Falo de ressaca. Você quer parar a dor de cabeça? Tome muita água. Uma aspirina pode funcionar. Ah! Café e Coca-Cola, também. É muito bom se alimentar bem.

– Falou a voz da razão.

– Pode caçar. Estou tentando te ajudar. A ressaca atacou você, não a mim.

Um silêncio sepulcral. Foi, então, que avistou algumas garrafas de bebida à esquerda, bem no canto. Nunca as tinha visto. *‘Quem as tinha posto ali?’* Questão de difícil resposta, embora ele desconfiasse quem seria. *‘Só poderia ser o antigo morador’*. *‘Mas houve um morador anterior?’* Esta outra pergunta lhe deixou ainda mais confuso. Pois jamais existiu um antes dele, e pessoa alguma havia estado ali. Há muito, não recebia visitas. Até mesmo seus filhos, fazia um tempão que não apareciam. E se eles tivessem vindo não poderiam ter deixados àquelas garrafas. *‘Eles, assim como eu, não bebem’* – chegou, afinal, a dizer. *‘Maravilha!’* – balbuciou. Não estaria enganado, portanto. *‘Será?’* Ele indagava a si próprio. *‘Isto é ruim ou bom?’* Sentiu-se incapaz de res-

ponder também a esta segunda pergunta. Encontrava-se perdido. Esta era a verdade.

Foi, então, que se lembrou de uma das lições de Freud: “*o homem é guiado por pensamentos dos quais nem sempre tem conhecimento ou controle*”. Pensamentos que não podem ser barrados. Nem pela própria pessoa que está a pensar, e que, de acordo com Nietzsche, “*pensa continuamente, mas não o sabe*”, assim como acontece com todos, apenas a parte menor do que foi pensado torna-se consciente, materializado em palavras. “*Vejam, por exemplo, o meu caso. Estou convencido de que alguém falou comigo agora pouco*”. Falávamos e respondemos um ao outro. Pelo menos quando ele achou conveniente. Ainda que não esteja convencido de que não seja a sua consciência. Ou teria sido a inconsciência? Não saberia responder. O certo é que, como bem disse Freud, “*a qualidade de ser consciente permanece sendo a única luz que ilumina o nosso caminho e nos conduz através da obscuridade da vida mental*”.

– Você, por acaso, é um profissional da psicanálise? – Resolveu questioná-lo a pessoa invisível.

– Claro que não. Por que perguntas? - E não dando tempo para que ele se manifestasse, e não parasse mais de falar, ele completou: Ah, não precisa me dizer. Já sei. Você ia me dizer que o que acabei de falar não tem nada a ver com o que eu estava dizendo, mas...

– Pare! - Cortou-o a pessoa invisível.

– Parar que nada. A psicanálise afirma que a ideia incidente é consciente, mas ela indica a aproximação de uma ideia inconsciente...

– Lá vem você. Sempre com velhas táticas, justamente para me fazer esquecer o que ia te dizer...

– Ah! O esquecimento de uma palavra do discurso consciente aponta para a necessidade de se afastar de uma representação inconsciente...

– Já chega!

– O quê.

– Você está exagerando.

—Não exagero nada.

– Quer saber! Chega de lero-lero. Você é psicanalista? Não é. Então, voltemos ao nosso papo anterior.

– Que papo?

– Está dando de esquecido, agora! Trata-se de mais uma de suas

escapulidas, valendo-se do esquecimento. É bom lembrar que Nietzsche tematiza o esquecimento como atividade de digestão.

– Está dando de sabichão, agora!

– Estou me valendo de suas próprias armas.

–Minhas!...

– Brincadeira. A propósito, já sarou?

– Claro que não. Você não está vendo o meu estado lastimável?

– Já te falei. Tem que se alimentar. Mas, antes, jogue fora seus ressentimentos.

– Não entendi a piada.

– Não é piada. O filósofo diz que o homem ressentido nada digere, tudo guarda, incapaz de exteriorizar sua agressividade e de liberar-se para o novo.

– Ah, agora és o entendido em Genealogia da Moral!

– Apenas quero te mostrar que não é apenas você o ledor aqui.

– Entendi. Está me desafiando?

– Nada disso!

– Não?

– Claro que não. Você não está bem de saúde. Já esqueceu?

– Como posso me esquecer!

– Não se desespere.

– Por quê?

– A doença arranca o homem de sua rotina. É neste instante que o EU subterrâneo fala.

– Onde você viu isso?

– Não sabia?

– Hein

–É. A doença rompe com a repetição de gestos e hábitos do cotidiano. Oportunidade para o ócio, para a ativação do esquecimento e para a expressão do EU. É isso que nos ensina o filósofo.

–Vamos parar – gritou.

–Está apelando?

–Nada disso – pronunciou de maneira mais civilizada.

– Você não é filósofo, nem psicanalista. Muito menos eu sou. Acho melhor mudarmos de assunto.

Novo silêncio. Com muito esforço, conseguiu levantar a cabeça, e, depois de bastante pelear, retraiu as pálpebras, o que lhe possibilitou

abrir os olhos. Foi, então, que viu a abóbada celeste na sua mais viva cor. As nuvens estavam esbranquiçadas. O Sol continuava majestoso. *“Belezura!”* Teve que abaixar a cabeça. Não aguentou a claridade. A cabeça voltava a doer, e doía bem mais do que antes. A aspirina não foi suficiente. A diarreia ameaçava voltar. *“Era só o que faltava!”* *“Não teria forças para alcançar o banheiro mais próximo”*. O mais perto seria o do lavabo, que se localizava depois da cozinha e da lavanderia, distante mais ou menos quatro metros dali. *“Não chegaria a tempo”* – falou com seus botões. *“Como faz falta uma companhia?”* Mas esta foi uma opção dele próprio. Preferiu ficar solteiro, embora contando sempre com namoradas. Não ao mesmo tempo, e de uma vez só (risos). Elas, contudo, eram basicamente para o final de semana. Dispensou até a secretária. Pois colocou na cabeça de que faria todo o serviço de casa, e vinha neste particular tendo um desempenho formidável. *“Não me encontro sozinho”*. Dizia sempre isto aos amigos e filhos, quando estes lhe perguntavam sobre o seu viver só. *“Sempre ao meu lado estão os cachorros, e diante das minhas vistas os livros – cheios de vidas – e de minhas mãos, as teclas do notebook”* – acrescentava-se enfaticamente. Mas, naquele dia, não sei a razão, o destino resolveu lhe pregar uma peça. *“E, olhem, que peça!”* Como bem cantou Renato Russo:

*“Eu nem sei por que  
Me sinto assim,  
Vem de repente  
Um anjo triste perto de mim”*  
(Via Láctea – Legião Urbana)

Provocou-lhe uma dor terrível por todo o corpo, a começar pela cabeça, porém sem causa aparente, pois ontem se sentia o mais feliz dos homens. E, hoje, estranhamente, ele foi nocauteado. Encontrava-se muitíssimo mal. Mas não saberia dizer qual dor sentia. Não era a de tristeza, nem a de existir, tampouco a de moral. Era, portanto, uma dor sem essência, e que o derrubou, sem piedade, mesmo tendo chegado de mansinho, e se instalou por inteira no seu corpo, dilacerando tudo por dentro. *“O que fazer?”* Perguntava a si próprio, sem, contudo, encontrar a resposta devida. Voltava-se, desse modo, ao início da canção de Renato Russo:

“Quando tudo está perdido  
Sempre existe um caminho  
Quando tudo está perdido  
Sempre existe uma luz ...”

Uma luz cortou os céus. Foi seguida de um, dois e mais trovões. Os cachorros não paravam de latir. Acordando, por fim, o homem que se encontrava à sacada, esparramado na preguiçosa. Dormia tranquilamente. Podia ouvir ao longe seus roncões, e, por vezes, ouvi-lo pronunciar alguns nomes. Sonhara! Ao abrir os olhos, encontrou um livro aberto a sua frente. Era o de Freud. Pôs-se a ler um dos trechos, os quais dizia o seguinte: *“Cada um tem de descobrir a sua maneira particular de ser feliz. Este é, definitivamente, um caminho solitário”*. O importante, claro, é não jogar a toalha diante dos problemas.

(Fonte: ALVES, L. *Texto inédito*, 2016)

## MARTA COCCO

---

Nasceu em Pinhal Grande (RS), em 18/09/1966. Graduiu-se em Letras, pela Faculdade de Ciências e Letras Imaculada Conceição - Santa Maria - RS (1987) e em Zootecnia, pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM (1992). Mudou-se para Mato Grosso em março de 1992, residindo por cinco anos no município de Diamantino. Em 1997 mudou-se para Cuiabá. É Mestre em Estudo das Linguagens (UFMT) e Doutora em Letras e Linguística (UFG). Atualmente reside em Tangará da Serra, é professora de Literaturas da Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso e pesquisadora dos grupos: Literatura e ensino (UNEMAT/CNPq) e Literatura infantojuvenil: poesia e prosa (UNEMAT/CNPq). Autora de livros de poemas, de contos, de crítica literária e de livros infantis. Na AML ocupa a Cadeira nº 18.

## O REGRESSO

*A brisa se mistura aos cheiros das lembranças.  
É como se eu estivesse regressando.  
Posso brincar lá fora?  
(Fabrício Carpinejar)*

— Onde é que é pra ele ir, Bem?  
— No banco de trás, naturalmente.

Foram longas quatro horas de viagem. Os primeiros cem quilômetros, em absoluta mudez. Nenhuma palavra, apenas expressões no rosto, interjeições e suspiros. Num determinado momento o pai e a mãe se olharam, ao mesmo tempo. Você está chorando, Bem? Sim, e você rindo, qual é a graça, pode me dizer? Eu digo, mas primeiro fala por que você está chorando. Não, fala você primeiro. O homem entendeu que precisava, que era sim a vez de ele falar, que ela não falaria de jeito nenhum. Eu estou lembrando das travessuras desse nosso garotão aí. Ele já fez tanta arte, tanta danadeza... Lembra do dia em que quase pôs fogo na casa?

— Lembro como se fosse hoje, disse a mãe, enxugando o rosto.

“Quem te ensinou a ligar o fogão, a fritar ovo? Meu Deus, que loucura! Não vi você acordar, estava lavando roupa... Eu tava com fome, mamãe. E eu já tenho quatro anos, já sou grande, né?”

Os dois concordaram que desde pequeno o garoto tinha aquela cisma de ser independente...

— E quando a Inezinha estava lá em casa e os dois reviraram o quartinho dos fundos, mexeram em tanta coisa pra fazerem uma poção mágica? A poção foi inspirada na história de um livro. Tinha uma tal de bruxa que transformava tudo em sapo e eles queriam fazer isso com as formigas do quintal, lembra? Meia caixa de sabão em pó já tinha sido usada quando você deu flagrante na brincadeira, não foi?

O pai foi lembrando de cada cena. Era muito calmo e ponderado. Naquele dia ensinara às crianças que aquilo era produto de limpeza, que era útil para lavar roupas, que custava dinheiro, portanto não poderia ser desperdiçado e, o mais grave, se ingerido, eles poderiam passar muito mal a ponto de terem de ir ao hospital e fazer injeções. Lembrou que ao falar assim as duas crianças se olharam assustadas. Ficaram imóveis

por alguns instantes, mas foi ele virar as costas e Lorenzo despejou o restante do sabão na poção mágica.

— Você sempre dizia que eu era mole com ele, né Bem? Ele justificou que precisava terminar a experiência, lembra? Eu achei razoável a justificativa, você foi mais durona. (Nessa hora o pai pensou, mas não falou: você proibiu que ele brincasse com os carrinhos na calçada por um bocadinho de dias. Como gostava daqueles carrinhos...) e emendou o assunto: quartinho dos fundos era pra nós. Ele chamava de “meu laboratório”. Olhou pra mulher. Agora é sua vez. Por que você estava chorando?

Deixa pra lá Bem, não quero falar... O pai ficou mudo por um tempo. Acho que esperando que ela... Mas ela não falou. Sua memória, entretanto, lembrou de cada detalhe de um incidente que, talvez, se pudesse voltar no tempo, modificaria.

Aos oito anos Lorenzo aprontou uma daquelas... Queria uma festa de aniversário para si, que fosse surpresa. Acho que surpresa para a mãe. Como ela nunca fazia festas, porque sujava muito, porque não suportava barulho, essas coisas todas e, como os colegas da vizinhança e da escola costumavam comemorar os aniversários com festinhas em casa, decidiu que teria a sua. Foi até a Dona Nenê e encomendou bolo. Quero de morango ou chocolate. Falou com os amigos e colegas. Decidiu que não chamaria nenhuma menina, as meninas estavam muito chatas com aqueles papinhos bestas de fazer pulseirinha, de não poder falar palavrão, um saco. Era para ser uma grande surpresa, mas, aos oito anos Lorenzo não tinha esperteza suficiente para contar com o inevitável encontro da sua mãe com a mãe do Marquinhos.

Que legal, vai ter festa do Lorenzo na sexta! Amanhã já vou providenciar o presente, me dá uma ideia de brinquedo, porque esses meninos ficam fulos da vida quando a gente dá roupa, não é mesmo?

Ai que situação! Lorenzo chegou em casa da escola e a mãe disparou: vá de casa em casa desconvidar todo mundo, fala a verdade, que você não consultou sua mãe para fazer a festa e não vai ter festa nenhuma. Vai na casa da Nenê e cancela o bolo também. Você se vire sozinho. Teve coragem de convidar, pois agora desconvide. O pai, mais calmo e ponderado, olhou para a mãe e acenou um “não faça isso” com a cabeça. E disse: eu tenho uma ideia melhor, se sua mãe concordar, acho que ficaria bom para todos: nós mantemos a festinha, mas você, durante este mês, ajudará a mamãe nas tarefinhas da casa. Levar o lixo, secar a louça, etc. Que tal?

Nada disso, esbravejou a mãe. Chega dessas suas ideias e bondades. Esse menino vai se criar de que jeito? Sempre aprontando uma atrás da outra? Vai desfazer os convites e não tem acordo. E assim foi.

O pai sequer cogitou que era essa a lembrança que invadia a cabeça da mãe. Deu uma olhada no retrovisor, viu que estava tudo em paz com o filho e voltou a falar, sentia que a mulher continuava triste e chorosa. Lembrou do episódio do emprego, quando Lorenzo completou dezesseis anos. Ele teve iniciativa, né Bem? Foi sozinho até a loja do Francisco, contou uma história triste, que estava sem graça de ser grande daquele jeito e ser sustentado pelo pai e pela mãe, que precisava trabalhar para juntar dinheiro e aos dezoito ter seu próprio carro. Quando o Francisco me ligou eu tive de achar graça. Mas aí ele aconselhou: deixa o garoto trabalhar, melhor do que se criar vagabundo. Você no começo estava contra, mas depois concordou, lembra? Desde que não prejudicasse os estudos.

A viagem chegava ao fim. Foram intermináveis quatro horas. Porque, entre outros, o pai dirigia devagar. Sempre. Finalmente chegaram ao destino. Abriram as portas do carro e, inevitavelmente, a lembrança dos vinte anos veio, simultânea, como avalanche, na cabeça de ambos, do pai e da mãe. A primeira internação de um jovem que era completamente saudável, cheio de energia, foi a maior das tantas surpresas que sucederam a vida desse garoto tão inteligente, amável, bem humorado e de um coração enorme. Uma virose das bravas. Evoluiu para pneumonia. O rapaz ficou quase sem imunidade, pegou uma infecção hospitalar, parece que uma bactéria se alojou no coração e aí... não houve antibiótico que desse conta.

Naquela tarde fria de junho, pai e mãe pegaram o filho do banco de trás do carro. A mãe pediu para segurar um pouco no colo. Chega bem, vamos logo com isso, disse o pai, tomando nas mãos a caixa com os restos mortais do filho. Havia mudado de cidade já fazia quatro anos e só agora puderam removê-lo.

O funcionário do cemitério fez todos os procedimentos. A mãe olhou em volta e falou apavorada: esqueci da coleção dos carrinhos que ele gosta tanto! E desatou num choro convulsivo. O pai, sempre calmo e esforçadamente ponderado desta vez, concordou: não tem problema, vamos buscar, eu volto contigo. Mas agora não precisa chorar mais, Bem, ele está de novo pertinho da gente.

(Fonte: COCCO, Marta Helena. Não Presta Pra Nada. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016)

## LUCIENE CARVALHO

---

Nasceu, em 1965, na cidade de Corumbá, hoje Mato Grosso do Sul. Fez seus primeiros estudos em sua cidade natal, mudando-se, com a família, para Cuiabá, em 1974. Já no ano seguinte, foi agraciada com o prêmio estadual de redação, outorgado por escolas públicas de Mato Grosso. De 1979 a 1981, cursou *Edificação* junto à Escola Técnica Federal de Mato Grosso (hoje IFMT). Em 1982 começou a cursar Serviço Social na Universidade Federal de Mato Grosso. Integrou a Diretoria do Diretório Central dos Estudantes (UFMT), de 1984. Obteve primeira colocação no Festival Livre de Arte e Música Popular da UFMT, de 1992, e no ano seguinte classificou-se em segundo lugar no mesmo Festival, com o poema *Crisálida*. Entre 2003 e 2005, coordenou o Núcleo de Cultura da Associação Mato-grossense dos Municípios (AMAM); entre os anos de 2005 e 2008 criou e dirigiu o Instituto Usina, ONG que desenvolve projetos culturais em Mato Grosso. Em 2008 recebeu o título de cidadã cuiabana pela Câmara de Vereadores. Ocupa a cadeira nº 31 da AML.

## Vale Transporte

As lentes dos óculos Jackie O. refletem o cumprimento ‘oi!!!’ e só então seu dia começava de verdade. A calça branca de lycra agarrava com vontade o quadril farto que se demorava na ferragem da roleta, enquanto mãos cegas fingiam procurar o vale-transporte nos escaninhos mais que conhecidos da bolsa curta de camelô. Aquele breve interlúdio matinal vinha dando alma nova à manhã dela; já não se preparava apenas para limpar os corredores intermináveis do Hospital Geral, já não se exasperava com clorofórmios e desinfetantes, já não se incomodava com o escarro do pai que se levantava para continuar o porre interrompido na noite anterior; já não lhe pesava a chegada dos 45 anos. Não! Acordava para ele, se vestia e maquiava para ele; o cobrador da linha 508. Tinha que ser pontual para pegar o ônibus certo e poder realizar aquela cena matinal: unhas pintadas com esmalte vermelho escondiam o contato com os corrosivos e descansavam por um minuto sobre a caixa de dinheiro. O cabelo alisado com chapinha no fim-de-semana exigia que ela se inclinasse em direção à bolsa para mostrar seu balanço, a língua umedecia o lábio roxo de cuiabana antiga e: Oi!!!

(Fonte: CARVALHO, Luciene. Conta-Gotas. Cuiabá: Instituto Usina, 2007)

## EDUARDO MAHON

---

Nasceu no Rio de Janeiro-RJ, no dia 12 de abril de 1977. Graduado em Direito, pela Universidade Federal de Mato Grosso (1999). Professor Universitário de Direito Processual Penal na Escola Superior do Ministério Público, na Escola Superior de Advocacia, na Escola Superior de Direito, na Universidade de Cuiabá, e também na Universidade de Várzea Grande e na União de Ensino de Diamantino. Advoga em Mato Grosso. Sócio da Academia Mato-Grossense de Letras, instituição que presidiu entre 2013 e 2015, onde ocupa a Cadeira nº 11. Poeta, cronista, contista, romancista, publicou pela Carlini & Caniato Editorial os seguintes livros: *Nevralgias* (coletâneas, 2013), *Doutor Funéreo e Outros Contos de Morte* (contos, 2014), *O Cambista* (romance), *Meia Palavra Vasta* (poesia, 2014), *Palavra de Amolar* (poesia, 2015), *Palavrazia* (poesia, 2015), *O Fantástico Encontro de Paul Zimmermann* (romance, 2016), *Contos Estranhos* (contos, 2017) e *O Homem do País que Não Existe* (conto/novela, 2017).

## A menina que roubava cores

Dizia-se que Estela era filha de um pintor. Mas o tal artista nunca deu as caras para assinar a certidão de nascimento daquela menina que não foi batizada. Aos três anos, a mãe percebeu o problema – não saía nenhuma palavra da boca da criança, nem som, nem grunhido, nem nada. Aflita, a mãe levou Estela ao médico que, após revirar a menina de ponta-cabeça, não encontrou problema algum nas cordas vocais ou anormalidade que a fizesse muda. Deve ser preguiça. Como assim? Preguiça, claro, há crianças que simplesmente demoram a falar e não se sabe a razão. E o jeito, doutor? O jeito, minha senhora, é esperar. Ela era uma mulher valente. Costurando para fora, criou a filha sozinha, sem dar satisfação aos curiosos de quem seria o pai. É um problema só meu, dizia à madrinha, uma beata da única igreja do lugarejo. É esquisito e pronto. Para mim não é, dindinha. É sim, minha filha, a criança vive acabrunhada pelos cantos; precisa de batismo, isso sim. Coitada, é apenas quieta demais. Chama o pai às falas! Olha aqui, dindinha, não falo quem é o pai nem com surra de marmeleiro. A velha carola desistiu, assim como declinaram da curiosidade as vizinhas fuxiqueiras que rondavam a pequena casa branca na qual moravam a mãe solteira com a filha estranha. O tempo não operou para que Estela falasse. Mantinha-se em casa e não fazia nada mais do que pintar aquarelas. A menina começou a ser hostilizada, sendo tomada por abobalhada. Aos sete anos, já mocinha, ela chegava no armazém com a lista escrita e saía da venda sempre com menos do que o dinheiro podia comprar. Penalizava-se a mãe ao ver Estela sofrer com a cisma do povo. Minha filha, você não quer contar para a mamãe por que você não fala?, perguntava sempre. A menina sorria com os olhos e mantinha-se tão serena quanto o cândido silêncio que cultivava. Mas de aparvalhada Estela não tinha nada. Sabia exatamente o que pensavam dela, quem a maldizia e por qual motivo. Decidiu-se pela vingança. Mas não uma reação beligerante que seria frustrada pela força. Não, isso seria chancelar o mexerico de que ela era uma espécie de forasteira indesejada. Estela deveria ser mais sutil e fatal. Depois de refletir no que faria, numa manhã enfiou a paleta que usava na bolsinha rosa e foi andar sem rumo pela aldeia. Por onde chegava, tirava o suporte de madeira que usava para pintar e o deixava tomando ar no balcão da mercearia, no altar da igreja, no banco da praça, enfim, por onde passasse durante a

ronda matinal. Aos poucos, os cidadãos foram percebendo que as cores ficavam menos nítidas, mais esmaecidas. A túnica do padre, os vestidos florais das mulheres, as fachadas coloridas dos grandes sobrados, até mesmo o verde das árvores que escoltavam qualquer transeunte pela avenida central do vilarejo. Todas as cores foram se empalidecendo até chegarem a um cinza esquálido. O alcaide, perplexo com o fenômeno, decretou estado de emergência e foi acordar o único juiz da comarca. As beatas armaram-se de fé. Entre uma e outra novena, excomungaram Estela com sua maldição de meninice. A mãe escondeu a menina na casa da madrinha por dois dias. Não adiantou. Quem a entregou foi o médico chamado às pressas para dar respostas ao inexplicável. De lá saiu sem saber a doença da menina, nem tampouco a diferença entre o azul e o amarelo e, com medo do que poderia mais acontecer à saúde pública, denunciou o paradeiro de Estela. Montaram guarda em frente à casa, com velas de luzes esbranquiçadas. Quem preparou a emboscada para a manhã seguinte, frustrou-se. Ao amanhecer, a menina foi visitada por um arco-íris que entrou pela janela do quarto. Pisando em cores, foi-se ela de braços dados com a mãe para um lugar aonde toda aquela gente para sempre desbotada jamais saberia o paradeiro.

Fonte: MAHON, Eduardo. *Contos Estranhos*. No prelo.

## Doutor Funéreo

O nome do octogenário era Funéreo. Mais conhecido como Doutor Funéreo. Uma curiosa predisposição para a morte estava tatuada na certidão de batismo. Sob os protestos de familiares, o pai havia registrado a criança com essa marca sinistra. Funéreo mesmo?, perguntou o tabelião. Sim, senhor. Escreva aí: fu-né-re-o, com acento agudo. No duro?, insistiu o recalcitrante notário. É certeza, meu senhor. Seja pelo nome, seja pelo destino, o menino cresceu assim – apreciando tudo o que se ligava à morte, unindo a preferência à própria personalidade. Não foi surpresa a medicina legal como profissão. Contrariando a praxe profissional, trocou o branco pelo negro, vestindo-se de luto. Aposentando-se, inaugurou um serviço funerário completo que oferecia o traslado e a maquiagem do defunto, venda de caixões, reservas em cemitérios, escolha de músicas

para velórios e jardinagem de covas. O negócio desandou por excesso de zelo e acabou morrendo. Funéreo não lamentou. Dedicou-se a outro infausto passatempo. Fissurado pela morte em todas as dimensões, lia os obituários dos jornais. Relacionava sobrenomes, datas e escrevia aos periódicos exigindo que incluíssem a causa da morte de cada homenageado. *Morreu de quê? Vossas Senhorias precisam entender que ao público leitor não se furta nada, mormente o mais relevante momento do ser humano que é o desfecho da vida*, protestava nas cartas. Dono de uma mente lúcida e pródiga de ciência, supunha o câncer fulminante de um, a pancreatite aguda do outro, tudo baseado no cruzamento das idades, textos, e espaço comprado ao jornal pela família. Animava-se para o velório ou enterro e, com mais frequência, comparecia às missas de sétimo dia. Naquele dia, leu o próprio nome como falecido. Não teve medo, porém. Soltou um sorriso que economizava há anos e disse de si para si: *será?* Consultou o necrólogo novamente e confirmou: Funéreo Castro de Almeida. Que se soubesse, havia apenas um. Nenhum outro infeliz portaria o funesto homônimo. Nascido no mesmo dia? Impossível! Era ele mesmo. Funesta coincidência? Não era provável. Todavia, para um homem de ciência, coincidência é coisa que não existe. Impressionado, aferiu a pressão na farmácia e a temperatura com um termômetro que guardava no criado-mudo. Acreditou gozar de perfeita saúde, mas não satisfeito, consultou o cardiologista, o psicólogo e até o dentista. O senhor está bem – foi o decreto unânime dos profissionais. Curiosamente, leu novamente o próprio nome no jornal do dia seguinte. E, assim sucessivamente, até se convencer de que havia algo errado. Temos aqui um caso de estudo, pensou. Coçou a cabeça, olhou o espelho, tomou o próprio pulso e decidiu tirar a prova dos nove. Ele que conhecia todas as mumunhas da morte não iria se deixar enganar por três patetas de jaleco branco. Precisava saber se estava, de fato, morto ou vivo. Tomou um ônibus, seguiu ao necrotério para consultar os registros pessoalmente. De fato, Funéreo Castro de Almeida havia se finado. Na pasta, a certidão de óbito dava conta de um infarto agudo do miocárdio. Eu sabia! Eu sabia!, comemorou em voz alta. Ao lado do nome, lia-se em que cemitério estaria ele enterrado. Lá chegando, consultou o administrador. Anotou na palma da mão a quadra, o bloco e o número do jazigo indicado. É parente?, quis saber o estranho. Funéreo não deu satisfação. Ao chegar, deparou-se com uma gaveta lavrada em mármore

com o nome dele. Não se deu por vencido. Com o auxílio de um coveiro venal, invadiu o cemitério à noite e arrombou o túmulo com um pé de cabra. Colheu uma amostra de cabelo do defunto e mandou a mecha de ambos os Funéreos a um laboratório para solucionar o que parecia ser impossível. Assim que recebeu o envelope com os resultados, dispensou o relatório e foi direto às conclusões: *o material é completamente compatível* – era o que estava escrito na última linha. Sentiu-se mal. Atacou-lhe a sudorese. Resolveu voltar ao cemitério. Lacrou novamente a gaveta. Dessa vez, com ele dentro. Morreu convicto.

(Fonte: MAHON, E. “*Doutor Funéreo e Outros Contos de Morte*, 2014)

## AGNALDO SILVA

---

Agnaldo Rodrigues da Silva é cacerense. Mestre e Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), com Pós-doutorado em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), onde foi Pró-Reitor de Ensino e Graduação, nos anos 2006-2010. Integra o Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres, Academia Brasileira de Literatura (ABRALI), em Curitiba/Paraná; Núcleo Internacional de Letras, em Curitiba/Paraná; Associação Brasileira da Literatura Comparada (ABRALIC); e a Associação Brasileira dos Professores de Literaturas Africanas (AFROLIC), em Porto Alegre/Rio Grande do Sul. Na Academia Mato-Grossense de Letras, ocupa a Cadeira nº 10.

## A Sibila

Cassandra entrou no templo e observou a figura de Apolo. O olhar entristecido do deus fez a pitonisa lembrar-se dos tempos difíceis que a humanidade enfrentaria e, então, ela pegou a pena e se colocou a descrever as futuras lágrimas de Pompeia, as previsões que aconteceriam alheias a sua vontade. Ela escrevia e riscava. Chorava e voltava a escrever. Não queria prever, mas era uma sibila, uma escolhida pelo deus do sol. Nada podia fazer, a não ser sentir aquela dor, ao ler no livro do tempo, o desespero dos outros.

Nas folhas, uma a uma, o choro da tinta rascunhava o futuro. A alma de Cassandra gemia, enquanto o vento zunia do lado de fora da caverna, como se o tempo gritasse desesperadamente pela elegia que a pitonisa escrevia. Página a página, a sibila repetia trêmula, baixinho, como a cochichar:

– O Vesúvio chorará, cuspirá fogo. Pompeia entrará em desespero!

Fechava os olhos do corpo, mas via com os da alma.

Fogo.

Brasa.

Cinza.

Morte.

A escolhida precisava cumprir o seu papel, cujo ofício era profetizar. As coisas deviam ser feitas de acordo com os rituais para os quais havia sido preparada.

– Se rasgasse as folhas nas quais profetizei? Colocasse fogo nelas? Guardassem-nas embaixo das pedras para que não fossem encontradas?

– Indagava Cassandra, aflita.

Flagelava-se solitária diante de visões que, às vezes, pareciam sem nexos. Mas ela sabia. Sim, a seguidora de Apolo sabia de tudo, pois ela enxergava com os olhos da alma, aqueles olhos famintos de futuro. Trouxe os olhos mais uma vez para obstruir as visões, quando uma tela com imagens límpidas abriu-se e acontecimentos futuros dançavam diante dela. Imagens desfilavam em sequências contínuas, às vezes descontínuas, criando confusões.

Imagens violentas, terríveis, temíveis.

Os papéis espalhavam-se pelo chão úmido, as lágrimas também

pingavam naquele chão de terra batida. Injustiça? Por acaso os deuses seriam injustos ao castigar cruelmente toda aquela gente? – Perguntava-se com indignação. As visões foram cessando, e, em soluços, com os olhos parados no tempo, Cassandra colocou um ponto final naquela premonição. Contrariada, juntou os escritos e depositou sobre o colo. Esses escritos continham o choro que a sufocava e a impedia de clamar a Zeus por clemência, porque sabia que no livro do destino, Pompeia estava fadada àquele desfecho terrível e cruel.

Levantou-se, com as folhas prendidas nas mãos.

Correu para fora.

O vento zunia forte.

Os cabelos de Cassandra voavam violentamente.

As roupas dançavam, tripudiando aquele corpo magro e esbelto.

Soltou gritos, apenas gritos. Eram vários gritos que exprimiam o sofrimento íntimo, uma forma de arrancar de si a dor de prever o futuro. Depois, ela começou a dançar no vácuo, iniciando o ritual da desgraça. Com gestos eufóricos, suspendeu os braços, abriu as mãos e soltou as folhas que prendia no conjunto dos dedos. Proferia palavras sagradas, enquanto os papéis espalhavam-se pela imensidão do mundo, distanciando-se, gradativamente, uns dos outros. Tudo foi ficando turvo, as brumas foram tomando conta do recinto, assim como acontecia em Avalon, no tempo de Merlin. Depois, não se podia ver mais nada. Apenas o tempo que passava e puxava para Pompeia o ponto final de uma história de glória e conquista.

Muito tempo passou. Cassandra foi morar no Olimpo. Porém, a profecia estava viva, habitava o ar, o tempo da história e do mito.

Naquela manhã, Pompeia acordou eufórica. Era dia de festa, por isso havia um clima de alegria, expectativas. Reis, rainhas, princesas, gladiadores, arenas. Tudo pronto para celebrar aquele 24 de agosto de 79, após o nascimento do Messias. Uma companhia de teatro, vinda de Roma, trazia uma representação singular, os gladiadores contagiavam-se pela arena repleta de público. Vida e morte, prisão e libertação, tudo era motivo de euforia naquele dia festivo.

De repente, um estrondo.

O espetáculo começava, a cidade desesperava-se em meio àquelas cenas de horror. O Vesúvio havia despertado após 900 anos. Acordou para cumprir o destino, cantado pela pitonisa há tanto tempo.

Fogo!  
Fumaça!  
Cinza!  
Pedacos de rocha!  
Magma, gases e poeira!

A edificação que durou tantos séculos foi destruída em poucas horas.

Não havia mais Pompeia, do mesmo modo que em outros tempos desaparecera Tróia. Não havia sobrado nada, nem Cassandra, muito menos a profecia.

Restaram apenas história e mito.

(Fonte: SILVA, A. R. *Mente Insana*, 2008, p. 41-43).

## Os Gatos da Rua Morta

Todas as noites eu acordava com o miado dos gatos. Nunca tive a coragem de me levantar e ir até a janela para verificar o que estava a acontecer, tudo mais parecia coisa de assombração que simples animais felinos que desfilavam abaixo do sobrado onde eu morava. O miado dos gatos tinha um quê de mistério, uma sofreguidão escondida que soava como um pedido de socorro, como pessoas desesperadas que gemem as dores da alma. Não eram todos os dias que os gatos soltavam seus miados, sempre que o faziam era nas sextas-feiras, contudo o mais curioso é que eu acordava com os miados. Havia sextas-feiras em que eu não dormia, ficava à espreita, deitado na cama à espera dos murmúrios, porém nada acontecia. Eles adivinhavam que tinha alguém à espera deles, que poderia descobrir o segredo que escondiam pelas noites escuras de nossa rua. Não nego que a situação metia-me medo, principalmente porque nunca gostei de gatos, sempre os achei falsos e imprevisíveis. Passava os dias já pensando na noite, como seria enfrentar mais uma vez o assombro dos miados dos gatos da Rua Morta. Morta rua. Ninguém por lá passava, nem pessoas, nem animais. Mas, os gatos são animais! De fato. Cheguei a pensar que fossem almas de gatos que por ali passavam nas noites frias, no entanto essa foi uma das mais ridículas ideias que tive ao longo de minha vida. Gatos, gatos, gatos da

rua morta... Apareçam! Gritei da janela. Era fim de tarde e o crepúsculo estava lindo, há muito tempo eu não via o pôr do sol, por isso me lembrei de minha infância, dos meus irmãos e dos meus pais. Não nego que também me lembrei do Teleco. Ele era o meu cachorrinho, meu melhor amigo, esteve comigo por quase dois anos e depois teve um fim muito misterioso. Eu e Teleco estávamos no quintal brincando, corríamos, pois ambos éramos levados. Apareceu um gato e Teleco correu atrás dele, entraram no bananal. Fui atrás e chamei pelo meu cachorrinho diversas vezes, mas ele nunca mais voltou. Sumiu o Teleco. Acho que o gato o devorou e depois fugiu. Maldito gato. Agora ele voltou para me buscar. Não, não, eu não vou deixar esse gato pegar-me. Quem sabe eu poderei encontrar o Teleco caso deixe esse gato preto me pegar, esta foi uma ideia de gênio. Não era apenas um gato que me atormentava noite afora, eram diversos miados de gatos diferentes. Malditos gatos, gatos da Rua Morta. Joguei um casaco no lombo e fui até a loja de fantasias, comprei uma de padre, cheguei em casa e a vesti, depois peguei um copo de água benta e rezei três vezes o Credo. Mas, eu não sei rezar. Inventei as palavras, não interessa só sei que rezei. Tirei a roupa, embebi com álcool e aticei fogo. Fiquei despido esperando os gatos. Eles não apareciam. *Apareçam gatos!* Malditos gatos. Gatos da Rua Morta. Tomei uma dose de água. Água benta não, foi de água destilada. Cochilei e peguei no sono. Lentamente fui despertando com os miados, miados leves, sonoros, assombrosos. Levantei e corajosamente corri até a janela. Lá estavam eles, os gatos. Eram milhares de gatos pretos peludos que andavam contornando o sobrado e eu os via pela janela dos fundos que dava acesso somente àquela rua morta. Tentei ver Teleco no meio dos gatos, não o vi. Bateram na porta. Abri. Era o negro gato. Pulou em cima do meu corpo, depois entrou outro gato, e outro e outro, eram milhares a invadir o meu espaço. Lamberam todo o meu corpo como se eu fosse carniça, depois saíram como se nada tivesse acontecido. Daí para frente, os miados cessaram, e nem mesmo os gatos pretos vinham mais quebrar a monotonia de minha solidão. Apareçam gatos! Malditos gatos. Os gatos da Rua Morta.

(Fonte: SILVA, A. R. *Mente Insana*, 2008, p. 41-43)

## CRÔNICAS

---

Nesta seção, apresentamos algumas produções de acadêmicos e acadêmicas que, por uma questão de organização da revista, denominamos crônicas, entendendo-as como um texto que conta um fato ou acontecimento com a intenção de comentá-lo. Nessa perspectiva, alguns textos se baseiam em fatos reais e são importantes registros históricos. Figuram aqui, também, episódios, descrições de paisagens, curiosidades, fatos pitorescos e costumes antigos. Alguns pertenciam originalmente a outros gêneros, como o artigo acadêmico, mas sofreram alterações a fim de comporem esta Revista.

## JOSÉ MAGNO DA SILVA PEREIRA

---

Nasceu em Cuiabá, no dia 15 de novembro de 1848. Professor de Língua Portuguesa do Liceu Cuiabano, nos idos de 1879/80. Jornalista crítico, contribuiu em diversos periódicos de Mato Grosso. Dirigiu o jornal *Província de Mato Grosso* e também, após a proclamação da República, os jornais *O Democrata* e o *Correio do Estado*. Em 1831, elegeu-se Deputado Provincial, fazendo parte da primeira Constituinte de Mato Grosso. Na administração pública, dirigiu a Tipografia Oficial, havendo sido um dos sócios fundadores do Centro Mato-Grossense de Letras, em 1921, embrião da Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu em Cuiabá-MT, aos 12 de maio de 1927, ocupando a Cadeira nº 18.

## As Garças

Rio acima. Pleno pantanal. De um lado e de outro, a campina de esmeraldas se estira por léguas e léguas.

De longe em longe, cintila ao sol a lâmina fulgente de uma baía ou de um braço do rio.

O rio é um monstro sem pernas, mas de mil braços que se estendem, como os tentáculos do polvo, abrindo clareiras na mata ou sulcos profundos no campo.

Nas corixas, aberturas que se prolongam por terra a dentro, aglomeram-se os camalotes, até que a enchente das águas dali se desagregue e forme, com eles, a infinita procissão flutuante.

A aguapé é o nelumbro dos egípcios é a ninfeácea que ostenta, sobre o verde de sua folhagem crespada, a flor singela e mimosa do nenúfar, o nosso lótus.

Mas, eis que a embarcação que nos transporta entra, mansa, num estirão comprido, em cujo fim parece terminar o rio.

Vencida, vagarosamente, a correnteza, ao dobrar a curva, demoradamente atingida, onde as águas rodopiam, alastra-se aos nossos olhos, como um enorme lençol desdobrado, uma praia de areias fulvas e faiscentes.

Sobre ela, como troncos derribados, dormem os hidrossaurios e, como se o fizessem medrosas de acordar os jacarés repelentes, as alvacentas garças, tímidas e lindas, pé ante pé, silenciosas, maricam à beira d'água.

A embarcação, porém, se aproxima e, de súbito, movido pela mesma força instintiva, o bando gentil, com estrépito, esvoaça e parte em revoada, pondo uma via láctea de asas no céu de ametista da tarde.

Mais além, alto e anoso cambará, por entre o verde escuro da mata ribeirinha, abre, solene, o pátio de ouro de sua copa florida. E o bando lindo das garças vem pousar na árvore em flor, derramando sobre o jalde das frondes a pureza imaculada da sua brancura...

Agora, em contínuas e rápidas cambiantes, a multidão alada e albente recama o manto roxo dos ipês.

(Fonte: *Revista AML, comemorativa do Jubileu de Diamante*, 1996, p. 175. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## ESTEVIÃO DE MENDONÇA

Nasceu em Santo Antônio da Barra, distrito de Barão de Melgaço-MT, no dia 25 de dezembro de 1869. Integrou o quadro dos sócios fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em 1919 e o do Centro Mato-Grossense de Letras, ancestral da Academia Mato-Grossense de Letras, no ano de 1921. Fundou, em 1896, o Colégio Leverger. Mesmo não tendo o título de bacharel em Direito, atuou como Advogado Provisionado, pertencendo aos quadros da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Mato Grosso. Teve importante colaboração nos periódicos nacionais e regionais, a exemplo do *Almanaque de Mato Grosso*, *Almanaque do Rio Grande do Sul*, *Almanaque Garnier*, além de participação no clássico *Álbum Graphico de Mato Grosso*. Em conjunto com Antônio Fernandes de Souza, fundou e dirigiu a revista *O Archivo*, no ano de 1906. Participou, como correspondente, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, dos Institutos Históricos de Alagoas, de São Paulo, do Sergipe, do Pará e do Paraná. Recebeu a Medalha Regnell da Real Academia de Ciências da Suécia. Na Academia Mato-Grossense de Letras, ocupa a Cadeira nº 11. Faleceu em Cuiabá-MT, no mesmo mês em que nasceu, em 2 de dezembro de 1949.

## Numa noite de Natal

Meu avô – o sargento-mor Nuno Anastácio Monteiro de Mendonça – era proprietário de uma chácara à margem esquerda do Rio Cuiabá, onde residia parte do ano. Dessa aprazível vivenda, situada a montante da hidráulica, nada mais resta, nem sequer vestígio dos alicerces. Do imenso tamarineiro que lhe sombreava a área do oitão, até as raízes morreram.

Construída pelo professor régio Zeferino Monteiro de Mendonça – meu bisavô – com o relativo conforto que a época colonial comportava, a casa principal de morada compreendia também acomodações para hóspedes, porque estava nos costumes do tempo exigir como prova de boas amizades a visita que se prolongava por semanas a fio.

Naquele pedaço de terra nada relembra o passado. Extinguiram-se os jasmineiros que cobriam as janelas que recebiam o sol do poente, coando a luz viva das tardes abrasadoras. Onde outrora floriam as laranjeiras, perfumando o ambiente, e os canaviais ocultavam o solo com folhagens densas, agora domina o mato rasteiro, ponteados de paineiras enfezadas.

Era ali, entretanto, que se reunia a melhor sociedade de antanho. As noites de S. João e de Natal, principalmente, marcavam, sob aqueles tetos, duas etapas de festas encantadoras, mas distintas.

As festas de S. João eram barulhentas, e abrangiam largos convites; a franqueza se impunha, no terreiro cantava-se o cururu e crepitavam fogueiras com os aplausos da petizada.

A noite de Natal tomava feição muito íntima. Além da família e parentes, então numerosos e unidos, apenas tomavam parte na comemoração os velhos amigos da casa. Dançava-se a quadrilha de lanceiros, e havia recitativos e jogos de prendas até meia noite. Quando o antigo relógio de armário terminava a pancada das 12 horas, todo ruído cessava.

Sobre o altar coberto de flores, armado de véspera, resplendia a imagem do Menino Jesus. Começava a missa.

Na madrugada de 25 de dezembro de 1864, concluída aquela cerimônia religiosa, minha avó recebia esta confidência estranha, que meu avô lhe fazia. No seu gabinete, poucas horas antes, havia ocorrido um acidente mau. Em torno da mesa de voltarete disputavam a partida – Leverger, padre Ferro e o capitão Cerqueira, testemunhas também do fato.

De repente, desprende-se da parede o augusto retrato do Imperador: péssimo agoiro. E rematou:

– É a guerra que vem. Conhecemos, Leverger e eu, os termos do *ultimatum* de Lopez, e por isso nossas apreensões são iguais. É a guerra.

A 1º de janeiro de 1965, ao levantar a bandeira da Tesouraria da Fazenda, veio ao chão, em pedaços o escudo imperial. Na tarde de 6, chegou a comunicação oficial da invasão paraguaia. Aquele vaticínio, porém, se tornou sabido de alguns, e entre os de minha gente, uma tradição de família.

Quando me toca, não aceito nem recuso: limito-me apenas a perfilar o conceito de Keyserling ao irracionalismo de Spengler: “o mundo concebido como maquinismo de relojoaria, é o enigma mais desesperador que se pode imaginar”.

(Fonte: *Revista do Centro Mato-Grossense de Letras*, 1930, p. 63-64. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## PHILOGONIO DE PAULA CORRÊA

---

Nasceu em Cuiabá, no dia 20 de dezembro de 1886. Realizou os estudos primário e secundário em sua terra natal. Logo que concluiu esse último nível de ensino, foi convidado para lecionar História no Liceu Cuiabano onde, por muitos anos, foi professor titular. Dirigiu o Liceu Cuiabano e a antiga Escola Normal e ocupou o cargo de Diretor da Instrução Pública, hoje equivalente a Secretário de Estado de Educação. Deixou inúmeros trabalhos escritos em diversos periódicos regionais e nacionais. Foi fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em 1919, e do Centro Mato-Grossense de Letras, em 1921. Ocupou a Cadeira nº 20 da Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu em Cuiabá, aos 13 de setembro de 1952.

## Espírito Cuiabano (Trabalho lido na “Hora Literária”)

Nós aqui, habitualmente, procuramos diminuir o valor do que é nosso.

A prata da casa, geralmente, nada vale.

Essa exagerada manifestação de modéstia, que pode ser também uma criminosa indiferença pelo nosso sucesso, tem dado lugar a que alguns adventícios menos avisados e crentes na sua pretendida superioridade, se tornem vítimas constantes da espontânea e oportuna verve com que o cuiabano responde as suas vaidosas intenciones.

Os plagiários, a que me referi por ocasião da nossa última Hora Literária, são do número desses.

O juiz enfatuado foi outro.

Furioso por não receber, em dia, os seus vencimentos no Tesouro do Estado, esbravejou contra todos e contra tudo que é nosso em concluindo, gritou: - “É melhor ser carroceiro em S. Paulo do que juiz em Mato Grosso”.

A isso o nosso Manoel Canavarros, sempre amável e delicado, contestou com fina ironia: - “Mas doutor, a lancha que vos conduziu até aqui, ainda faz carreira”.

Entretanto, os adventícios inteligentes e criteriosos, auscultam o sentir e o pensar da população, identificam-se com ela, tornando-se benquistos e acatados, chegando à conclusão que só tem de tolo, às vezes, a cara.

A esses não escapa despercebida a espirituosa bagagem com que a filosofia popular tem enriquecido a coleção de anedotas cuiabanas, coleção essa que, explorada por um regular cronista da imprensa dos grandes centros, daria apreciados volumes.

Para que elas, de todo, não se esperdicem, repetirei algumas aqui, esperando que alguém de mais aptidão faça, para o futuro, trabalho completo e perfeito.

Na vida do professorado na politicagem, que tanto interessa a empregados e contratantes dependentes do Tesouro, e na vida social, em geral, as anedotas são numerosas.

Aqui vão algumas.

Realizaram-se os exames do Liceu Cuiabano e pretendia um dos membros da banca examinadora de determinada matéria, conferir apro-

vação distinta a um dos alunos, tanto que a prova tivera falhas e que por isso o aluno poderia obter aprovação plena.

Mas tudo é relativo e ele distinguiu-se dos outros, alegou o partidário da nota 10 – e aludindo a dois indivíduos, do nosso meio, um de baixa estatura e o outro anão, concluiu: - “Pois perto do Marrão, o Francinha é gigante”.

\*\*\*

Reunira-se o Conselho Superior de Instrução para processar uma professora contra quem foram arguidas certas faltas.

Discutido o assunto, os membros do Conselho opinaram pela condenação da acusada e, assim, foi lavrado o parecer.

A professora pertencia, entretanto, à família de destaque, e vacilavam em assinar o laudo condenatório.

Se vocês estão resolvidos, assinem logo, diz um dos do tribunal julgador; mas se estão com medo de levar relhadas pela cara na viagem, eu também sei montar na garupa.

\*\*\*

Num exame de geografia, na E. Normal, a aluna, muito amiga de festas, de passeios e de galanteios e, por isso mesmo, má estudante.

O professor, lendo o ponto: - Diga-me lá, limites do México.

E a aluna embasbacada e procurando ler no mapa: ao norte... ao norte... ao norte... e não saía disso.

O professor, indignado, concluiu: - ao norte, retreta no jardim, a leste, no cinema, ao oeste namoro, e ao sul bomba.

As senhoras pensam que se casam mais facilmente aquelas que dançam com mais requebros nos bailes?

Estão enganadas; nos bailes são procuradas; mas, para casamento, vai se buscar, de preferência, quem não saiba dançar.

\*\*\*

Um outro aluno, no Liceu, merecia ser reprovado pelo seu exame. Como, entretanto, era filho de pai alcaide, a banca relutava.

Sai-se com esta um dos examinadores: - Se vocês querem salvar o doente, eu estou pronto, o pior é termos, mais tarde, necessidade de carregar defunto às costas.

\*\*\*

Fiscalizava eu, como diretor, os exames no Liceu e, ao passar em frente a uma das salas, previno a um dos examinadores que certo aluno, copiava a prova de um outro.

Não faz mal, respondeu ele que conhecia a ambos como nulos. Esses estão como um ébrio que foi levar um outro para casa: caem ambos e não se levantam.

\*\*\*

Interessava-me eu pela elevação do número de catedráticos no Liceu e insistia com um interino competente para que fizesse concurso da sua cadeira.

– Vocês o que querem é fazer curro-curro comigo, retrucou o professor duvidoso da boa vontade da congregação.

Quando resolvam, colocam o milho em ambas as mãos, e a pergunta: – quer de baixo ou quer de cima? Se o outro respondeu: “quero de baixo” acerta, porque lá está o milho, e se responde “quero o de cima”, acerta também.

Quando, entretanto, não querem, não põem milho em nenhuma das mãos e, em qualquer caso, o bolo canta.

\*\*\*

O siô Neco, pistão da banda de música do Livramento, tem de feio como de espirituoso.

Certa vez, em uma festa, estava ele no seu posto, junto à banda, quando uma mocinha espevitada e falante, e desejando divertir-se a sua custa, perguntou-lhe:

– Siô Neco, cara feia dói?

– Creio que não, pois V. Mcê não está gemendo.

\*\*\*

Em uma roda, falava-se animadamente a respeito do aumento de vencimentos.

– Eu não quero que aumentem os meus, diz um velho na matéria e prático, pois se assim for não faltará um bacharel para pôr-me fora do lugar.

O aumento foi feito, e o bacharel não faltou.

\*\*\*

Estranhava-se que alguém sem mérito político e perfeita nulidade intelectual fosse aproveitado para lugar de importância.

– Mas isso não foi recompensa feita a ele, explicaram. Vocês quando notarem cagado no pau alguém o colocou lá. E de que vale ter serviços e méritos? O indivíduo ficará como a vaca do Totó Pinto.

– Que história é essa?

– O Totó Pinto, ali na Varzinha, tem uma vaca muito mansa, boa de leite e que se presta a todo serviço. Abusam dela por isso. Às 4 e meia da madrugada ela é encangalhada e vai ao rio transportar água em latas de querosene; às 6 horas, tiram-lhe o leite e vai para o trabalho de engenho; às 14 transporta capim, com a boca bem amarrada para não comê-lo, e às 18 é novamente leiteada.

Em política, o indivíduo deve fazer como o indivíduo de pequena estatura que foi carregar um piano junto com outros mais altos. Ele gritava sempre: - força igual, ajudem rapaziada, mas sua cabeça nem encostava no pesado trambolho.

O pagamento, entretanto, foi igual para todos.

Eu ajudarei sempre a botar o bonde no trilho, mas, francamente, jamais ficarei... papudo.

É melhor isso do que meter-se a gente a tacar traque e este arre-bentar-nos na mão.

\*\*\*

Um bisonho secretário do Dr. Costa Marques pretendeu, instigado por alguns políticos, fazer com que o velho presidente se chegasse ao relho da sua vontade.

A demissão foi o resultado.

Este fez sorte de Massa Seca, comentaram:

– Como foi essa sorte?

O Massa Seca era um rapaz que, no Livramento, passava por muito ágil. Convenceram-no de que ele devia tourear, e o nosso homem saiu da arena.

O primeiro boi que veio à arena era bom a valer. Deu sorte de toureador e depois arranchou furibundo no meio da praça.

O nosso Massa Seca não teve dúvidas, foi desarranchá-lo, levantou-o pelas pernas, atirando-o fora da cerca.

Ele não mais voltou.

\*\*\*

O comandante Paraná, enérgico e disciplinador dirigente da nossa força pública, adquiriu, para a sua corporação, as duas primeiras metralhadoras pesadas que possuímos e, numa solene demonstração de força, na ocasião mesmo em que o partido político a que eu pertencia movia ao Dr. Costa Marques exagerada e tenaz oposição, fê-las passear, convenientemente municadas e guarnecidas, carregadas por possantes mulas, pelas principais ruas da cidade.

– O que é aquilo? Indaga um velho eleitor, descrente e desconfiado, a um grupo de curiosos postados à Praça da República.

– São duas metralhadoras; terríveis armas de guerra; cada uma dá 650 tiros por minuto e vale por 250 homens.

– E quantas vieram? Reinquiriu o velho que era um ardente partidário do Dr. Costa Marques.

– Vieram duas.

– Então, são mais 500 homens que daremos a Siô Pedro Celestino.

De fato, uma das metralhadoras atirou pela primeira vez no Aricá, contra as forças do próprio Paraná e a outra na Colônia de Miranda, contra as do Major Gomes.

(Fonte: CORRÊA, P. de P. *Revista do Centro Mato-Grossense de Letras*, 1930, p. 68-74. Trechos selecionados do artigo *Espírito Cuiabano*)

## ULISSES SERRA

---

Nasceu em Corumbá-MT (hoje MS), em 1º de setembro de 1906. Bacharel pela Faculdade de Direito de Petrópolis, porém não concluído. Voltou a Mato Grosso, fixando-se em Campo Grande, onde fundou o Sindicato dos Contadores, ocupando, na Assembleia Legislativa de Mato Grosso, o cargo de Deputado Classista. No período Vargas, foi nomeado membro do Conselho Administrativo do Estado de Mato Grosso, cargo que ocupou por um ano e meio, desvincilhando-se para assumir a função de Tabelião e Escrivão do 5º Ofício da Comarca de Campo Grande. No dia 30 de outubro de 1971, fundou a Academia de Letras e História de Campo Grande, tendo como cofundadores José Couto Vieira Pontes e Germano Barros de Sousa. Na AML ocupou a Cadeira nº 28. Faleceu no Rio de Janeiro-RJ, no dia 30 de junho de 1972.

## Motivos de um título

Casa Cavassa, curiosamente adentrando-se pelo rio, Estaleiro do Puccini, Ladeira do André Avelino e o Porto de D. Emília, belos recantos de Corumbá, à margem direita do Paraguai. Mais bela a chácara do Miguel Ferro, italiano bom, patriarcal, de longas barbas brancas, desvelado amigo do meu avô materno. Nela, um pequeno e tranquilo veio d'água serpeava carinhoso e murmurejante sob um tarumeiro, ora copado de lindas flores lilases, ora pojado de frutos escuros e trescalantes.

Ao pé da chácara, ao sul, a barranca íngreme e calcária cheia de águas-pombeiras, veludinhos, tunas e ariticunzeiros. À sombra de um seputá, justamente onde o arroio se engolfava na imensa caudal, eu, Augusto e Rodes, meus primos, e mais o bugrinho Quirino, ficávamos na deliciosa tarefa de pescar lambaris para os socós, colhereiros, baguaris e marrecas pantaneiras que a tia Catita trazia das encantadoras regiões do Taquari. Sua casa era pobre, porém engalanada de pássaros aquáticos, roseiras e do seu riso contagiante e franco. Além dos lambaris, pescávamos ferozes piranhas, pondo ao anzol até pedaços de pano encarnado. Encantava-me ver o vento fazer maretas, balançar a linha e sacudir as frondes, e sentir no rosto a sua morna carícia.

Largo, sereno, enfeitado de pássaros e de flores, o Paraguai rolava majestoso e plácido, belo como igual outro não vi. Carregava exuberantes vitórias-régias, brancas pela manhã, róseas ao sol-posto, e lentos camalotes, que exerciam sobre mim estranho fascínio. Cor verde-musgo, flor violácea e perfume suave, raízes longas, profundas, entrelaçadas e compactas. Vagavam docemente no dorso da corrente, parando nos remansos, sem pressa, com pena de deixar ribeiras amigas, temerosos da foz e do mar que os iriam despedaçar. O poeta corumbaense Pedro Paulo de Medeiros assim os descreveu:

*Verdes, ao léu, silenciosos,  
Ei-los a esmo passando,  
Lembram barcos vagarosos  
Sentidas mágoas levando.  
Insisto num desconforto:*

– *Que destino levais?*  
– *Remoto! Ao nosso porto*  
*não se volta nunca mais!*

Da nascente à embocadura o Paraguai é homogêneo. Coloração das águas, barrancas, fauna alada e plantas aquáticas são curiosamente iguais e não me pareceu nunca um acidente geográfico a separar dois povos, mas uma gigantesca espinha dorsal a uni-los sempre. Minha infância parece que vaga nas suas praias. É que se não tive nela atrações do asfalto, tive as desse rio, mergulhando e flutuando nas suas águas, de permeio com vitórias-régias e camalotes.

Adolescente galguei os altiplanos da serra de Maracaju e aqui me fiquei indiferente aos cantos de sereia que por vezes ouvi soar lá fora. A cidade me foi aconchegante. Deu-me muito, ofereceu mais. Meu primeiro clube de futebol, meus idílios, minhas excursões pelas estâncias vizinhas, a cata buliçosa das guaviras, a minha gente generosa e acolhedora, a Rua 14, os troles puxados a dois cavalos com japonês na boleia, as batalhas de confetes e serpentinas são laços que me prenderam à terra galharda e dadivosa.

Se eu morrer alhures, onde quer que seja, morrerei um exilado e um proscrito de mim mesmo. Como sucedia aos antigos egípcios, minha alma, aflita e errante, esvoaçaria pelo Infinito sem nunca encontrar abrigo. Aqui não morreria de todo.

Ouviria o passo e a voz dos meus amigos, o gorjeio dos pássaros que amo, o farfalhar das frondes que conheço e o bater do coração da minha casa.

Camalotes dos verdes e infindáveis pantanais de Corumbá e guavirais desses dilatados chapadões, eis o motivo do título desta coletânea de crônicas perdidas em revistas e jornais. Evocam pessoas e coisas, árvores, riachos, pedaços de rua, naves de igreja, sussurros do Prosa e do Segredo, que são dolentes confidências que sei interpretar. Tudo se transforma em fragmentos da minha própria alma.

(Fonte: SERRA, U. *Camalotes e Guavirais*, 1971)

## MARIA BENEDITA DESCHMAPS RODRIGUES (DUNGA RODRIGUES)

---

Nasceu em Cuiabá-MT, no 15 de julho de 1908. Os primeiros estudos foram cursados junto ao tradicional Asilo Santa Rita, como externa, e em seguida na Escola Modelo Barão de Melgaço. O ensino médio foi no Liceu Cuiabano. Diplomou-se em piano e harmonia pelo Conservatório Musical de Mato Grosso e pelo Conservatório Brasileiro de Música (RJ), com certificado registrado junto ao Instituto Villa Lobos. Diplomou-se contadora pela Escola Técnica de Comércio de Cuiabá. Lecionou piano durante muitos anos no Conservatório Mato-grossense de Música e no Conservatório Musical de Mato Grosso, atuando como pesquisadora na Universidade Federal de Mato Grosso, onde foi admitida como Agente Didático no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da mesma instituição. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, Cadeira nº 39. Publicou diversas obras que retratam a cultura e a vivência do povo mato-grossense, suas lendas e musicalidade. Faleceu na cidade litorânea de Santos-SP, no dia 8 de janeiro de 2001. Seu corpo foi cremado e as cinzas trazidas para Cuiabá e depositadas no Cemitério do Porto de Cuiabá, ao lado de seu pai, Firmo José Rodrigues.

## Mulheres de Fibra

Cuiabá está perdendo a sua fala típica, na mescla de novos elementos que, de repente, implantam o seu falar, as suas maneiras e, tudo, de forma tão rápida que, daqui a pouco, o que nos era habitual se torna arcaico da noite para o dia.

Os *ditos* que entremeavam as conversas já sumiram. Os mais velhos vão desaparecendo e os jovens já nascem em *outra*.

Em conversa diária, comum era, ao se referir a alguém obstinado, firme para levar tudo até o final, chamá-lo de *gente de tutano*. *Tutano na medula* era sinônimo de coragem, ousadia, era ter peito para levar tudo adiante. Uma pessoa realizada, enfim.

Conhecemos, no passado, três senhoras de tutano: realizadoras, cheias de iniciativa que poderiam, ombro a ombro, competir com os homens.

A Usina do Aricá é considerada como a primeira a ser instalada na zona do Rio Abaixo e uma das últimas a encerrar as suas atividades. Não se registrou a data fiel de sua fundação, por carência de documentos, mas a data inscrita no pátio do edifício principal traz o número 1894, o que se pode presumir, seja ela bem mais antiga e esta talvez marque uma provável restauração. Ignoram-se os primeiros proprietários. Sabemos que, a partir de 1904, estavam na direção dona Maria Fontes, viúva de Manoel Marques, oriundo de Livramento. Foi político militante e homem de empreendimentos. Ao falecer, a sua esposa, dona Maria Fontes tomou a direção da usina, administrando-a com eficiência e sabedoria. Mulher de pulso forte, energia e muito sociável, de uma beleza incomum, certa vez, ao se dirigir ao presidente Antônio Cezário de Figueiredo para reivindicar algo, e ao se mostrar emocionada, de olhos marejados, provocou nele, mais tarde, o seguinte comentário: *Como não render às lágrimas de uma senhora tão bonita?*

A outra, dona Galvão Barros, em circunstâncias semelhantes, tomou as rédeas da Usina Conceição, quando faleceu o marido, João Paes de Barros. Donana, ou mãe Donana, como era mais conhecida e adotando esse apelido, para não ser chamada de avó, ficou viúva aos quarenta anos de idade. Segundo as informações de Lenine Póvoas, que fez um estudo sobre as usinas açucareiras do Rio Abaixo, a citada usina foi uma das primeiras a instalar nesta região o negócio de açúcar e aguardente

em moldes industrializados. Seu fundador foi o comendador José Joaquim Paes de Barros, pai de João e de Antônio, o Totó Paes, político de evidências em Mato Grosso.

O seu maquinário era todo importado da Alemanha.

Luzia de Paes Figueiredo, proporcionando os dados de sua avó, apelidada pelos netos de Mãe Donana, donde se depreende os sintomas de sua vaidade. Sempre bem trajada, frequentadora de festas palacianas, cultivava o bom gosto no vestir e aos escolher as joias.

Nascida a 6 de abril de 1885, indo morar na usina. Teve dez filhos e enviuvou em 1906, quando começou a dirigir a empresa. Donana tinha personalidade forte e jocosa ao mesmo tempo. O seu espírito crítico era bastante aguçado. Frequentava as festas religiosas e profanas, mantinha, nas touradas, camarote privativo, onde eu apreciava os lances da arena em companhia das minhas tias. É importante lembrar que, para tal divertimento, exigiam chapéu e luvas contemplando a *toilette*.

No século passado [XIX], quando era verdadeira façanha visitar a Europa, ela visitou nesse continente vários países, numa longa estada, de quase dois anos, viajando também para a Argentina e Uruguai, periodicamente. Um vezo interessante ela cultivava: quando preocupada, começava a cantar. Com pulso forte, soube fazer progredir a usina, enquanto a dirigia. Faleceu no dia 9 de agosto de 1944.

A terceira personagem foi Maria Roberta da Silva, minha tia avó, casada com Antônio Faustino da Silva, oficial do exército. Moravam no sítio da Glória, que mais tarde ficou conhecida como Chácara do Suíço, às margens do rio Cuiabá, rio acima. Era um sítio de grande proporção, onde, além da criação de gado e agricultura, possuíam um engenho para fabricação de aguardente e rapadura.

A bem dizer, tudo sob a direção de Maria Roberta, que tirou o seu diploma ginásial na mesma turma do Senador Azeredo, uma façanha para a época, como consta do livro de atas do Liceu Cuiabano.

O marido vinha para a cidade, em cumprimento aos deveres militares, depois estendia a sua estada em digressões políticas com amigos e correligionários, pois isto era o seu fraco. Ao retornar, encontrava o sítio na mais perfeita ordem, caminhando sob as vistas da mulher, que também cuidava da sua ninhada: 12 filhos saudáveis e peraltas. O marido se empolgou tanto com a política que resolveu se desligar do exército,

para candidatar-se a deputado. Na época, havia a incompatibilidade entre as duas atividades: milícia e polícia.

Enviou um ofício pedindo o seu desligamento, mas logo foi vítima de insidiosa maleita, que o levou à sepultura.

Maria Roberta não vacilou. Vendeu o sítio, arrebanhou a prole e tocou para a Capital Federal.

Com a proteção e orientação do grande político, Dr. João Carlos Pereira Leite, considerado o “Pai dos Pobres”, deputado federal, ela se muniu de toda papelada e pediu ao Ministério da Guerra a anulação do desligamento e o seu retorno à ativa post-morte.

Conseguiu, o marido foi revertido e já com promoção de capitão ou major e, ao receber todos os atrasados, comprou uma vila de 12 casas, assegurando o futuro de cada filho.

O surto de gripe espanhola que assolou o Rio, logo após a primeira guerra mundial, levou-lhe quatro filhos.

Os remédios eram ineficazes para um mal desconhecido que chegou de surpresa e em proporções dilatadas.

Uma passagem em que se mede a maneira paterna do deputado João Carlos. Na peleja para ganhar a causa do marido, Maria Roberta perambulou pelo Senado e Câmara dos Deputados, perambulou acompanhando o processo e, muito bonita e vaidosa, não abdicava dos brincos de brilhantes e chapéu de pluma, em vigor na época. Foi quando o Dr. João Carlos advertiu-a: *Minha filha, uma viúva necessitada não usa estes supérfluos para evidenciar as suas pretensões de penúria*. Ela acatou imediatamente este conselho, que nos foi contado de sua voz.

Faleceu no Rio de Janeiro, com mais de 90 anos de idade.

No começo da epidemia, a ciência já não estava apta para sustar a avalanche de doentes, e a morte desfaleceu a população da cidade.

(Fonte: RODRIGUES, D; MÜLLER, M. de A. *Cuiabá ao longo de cem anos*, 1995, p. 181-184)

## NATALINO FERREIRA MENDES

---

Nasceu aos 3 de janeiro de 1924, na cidade de Cáceres-MT. No âmbito profissional, exerceu os seguintes cargos: Auxiliar-protocolista do Tesouro do Estado de Mato Grosso; Diretor e professor do *Instituto 11 de Março*, curso primário, particular, em Cáceres-MT; Diretor e professor de Português do *Colégio Estadual Onze de Março* (Cáceres-MT); Secretário de Administração, de Desenvolvimento Social e Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal de Cáceres. Pertenceu a diversas instituições, como Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres-MT, como sócio efetivo, sendo Presidente de Honra dessa última Instituição. Na Academia Mato-Grossense de Letras ocupou a Cadeira nº 15. Faleceu em Cáceres, aos 23 de dezembro de 2011.

## Memórias do Tio Luiz

### I

#### Bandas civis de música

Havia em Cáceres, conta tio Luiz, a querida São Luiz, duas bandas de música civis. Uma do mestre João Rosa de Lima, residente na velha casa que havia na esquina da rua 13 de junho com a Padre Casimiro; outra, do mestre José Fernandes, que morava na rua Boa Vista, perto da casa da Panela. José Fernandes fazia, também, representações de “Congada” que ele mesmo coordenava e ensaiava.

As duas bandas coexistiam, tocando nas festas locais. Imagino hoje – diz o tio – a dificuldade e a abnegação daqueles maestros e seus músicos para manterem as filarmônicas, tal era a falta de recursos com que lutavam. Os instrumentos, é claro, não eram dos melhores. Apresentavam problemas, mas a força de vontade e o idealismo daquela gente mantinham unidos os grupos musicais. Cada figurante e os maestros tinham seus afazeres particulares e aproveitavam as folgas semanais para os ensaios.

Se acontecia haver uma função cinematográfica ou festa de última hora, era mister convocar os músicos esparsos pela cidade e periferia. À falta de meios mais eficazes de comunicação, usava-se o bombo da fanfarra. À porta da casa da música fazia-se percutir o instrumento. Era o sinal de reunir. Quem não ouvia diretamente o chamado era avisado por outra pessoa que o escutava... e o sistema era eficiente. Na hora certa, à noite, todos estavam a postos para apresentação na festa.

Naqueles tempos, lembra o tio, os frequentadores de cinema e teatro tinham que levar de casa suas cadeiras e trazê-las de volta após o espetáculo ou no dia seguinte. E conclui: transportei muitas cadeiras na cabeça para meu pai que gostava das apresentações teatrais e de cinema.

### II

#### Minhas escolas primárias

Meu primeiro professor foi o Sr. João Gualberto, filho do Major Vicente Pinto de Araújo. Sua escolinha funcionava numa antiga casa que havia na praça da Matriz, hoje Rio Branco, esquina com a rua Comandante Balduino. Do outro lado da rua, era o Colégio das Irmãs Azuis, chegadas

a São Luiz de Cáceres por volta de 1906. Na escola das Freiras além das matérias curriculares, ministravam-se aulas de trabalhos manuais e de música (piano). O tio nunca se esqueceu dos ensaios musicais do colégio ao lado, que escutava de entremeio com as lições do professor Gualberto. A disciplina era rígida, mas a atenção nem sempre a ela obedecia e se distraía com as notas musicais da escola vizinha.

Mais tarde, recorda o tio, quando homem feito, no Rio de Janeiro, ia ao teatro ouvir música, muitas vezes se surpreendeu com trechos bem conhecidos que ouvira nos ensaios das aprendizes de música do Colégio das Irmãs.

Naqueles tempos, as escolas primavam por ensinar a seus alunos os métodos da boa letra. Havia os famosos cadernos de caligrafia e nos fins de semana os concursos para ver quais eram os melhores na formação das letras. Para dar mais seriedade ao certame, os cadernos dos concorrentes eram enviados a uma comissão julgadora formada por pessoas de fora da escola. No caso, eram os empregados da casa comercial do Cel. João Ferreira Mendes, dotadas de excelente caligrafia. O resultado vinha na segunda-feira seguinte, com a respectiva classificação, que ia para o quadro de honra.

Depois, continua o tio, passei para a escola de Barbosa, a célebre Escola Luso-brasileira, do advogado provisionado Clemente Barbosa, de nacionalidade portuguesa, radicado em Cáceres, onde constituiu família. O seu educandário era à rua Riachuelo, esquina com a praça da ponte branca, no bairro da Cavallhada. Finalmente, passei para o Grupo Escolar “Costa Marques” (hoje Esperidião Marques), inaugurado nesta cidade em 1912, sob a direção do professor José Rizzo, completando nesse estabelecimento a minha formação primária com a qual fui, mais tarde, após o serviço militar, para o Rio de Janeiro tentar a vida, como se diz. Com a base elementar, que levei comigo, e muito esforço próprio, venci naquela cidade.

### III

#### Empresa teatral de Alzira Leão

Lembra-se, tio Luiz, que os irmãos Dulce (Humberto, Thomaz e José) trouxeram para Cáceres a artista Alzira Leão que se encontrava em Mato Grosso. Aqui passou cerca de dois meses dando espetáculos no salão do antigo armazém da casa comercial do Cel. João Ferreira

Mendes, desativada em virtude do seu falecimento em 1911.

Nesse salão funcionaram, sucessivamente, o cinema “Fênix” e o Esporte Clube Mato Grosso. Demolido o prédio, foi no local construído o atual Centro Municipal de Cultura (rua Comandante Balduino com a Gen. Antonio Maria).

Nessa ocasião tio Luiz assistiu à peça “Morgadinha de Valflor”. A Morgadinha era representada por Margarida Max, mais tarde famosa nos grandes centros do País. Conta ele que, sendo empregado da Casa Dulce (caixeiro), fazia-se, também, de porteiro-tesoureiro da Empresa Teatral em apreço. Um dia foi incumbido de acompanhar a artista Max e sua colega Rosa Cadete na visita que ambas quiseram fazer ao “zoológico” da Casa Dulce, no quintal desta, onde se encontrava uma enorme onça pintada enjaulada.

Várias peças foram apresentadas pela Companhia, em nossa cidade, entre as quais, recorda o tio, a Tomada da Bastilha, São Paulo Futuro e outras.

#### IV

Tio Luiz lembra-se do primeiro telegrafista da Estação de Cáceres – Sr. Frutuoso Mendes, integrante da Comissão Rondon. Frutuoso veio de Cuiabá. A Estação Telegráfica foi instalada no velho casarão que havia na esquina da rua Padre Casimiro com a Avenida 7 de Setembro, onde é hoje o Hospital São Luiz.

Fala, com saudade, dos tipos populares que, embora humildes, ficaram na memória da cidade. Quem aqui não conhecia o Antonio Clavícula, cuja alcunha “clavícula” lhe foi posta em virtude do sinal que trazia no ombro, proveniente de cutilada de facão que recebera numa contenda? Clavícula era acendedor de lampiões de rua – o lampareiro. Antes, havia o velho Venâncio, que exercia o ofício de empalhador de cadeira e lampareiro. Embora surdo, era exímio tocador de sino da Matriz. Morava numa casinha à Avenida 7 de Setembro.

(Fonte: Fragmentos de memória registrados em inédito intitulado de *Pingos da nossa história: Cáceres-MT*)

## FRANCISCO LEAL DE QUEIROZ

---

Nasceu na cidade de Paranaíba-MT (hoje MS), no dia 8 de janeiro de 1927. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito, Rio de Janeiro. No campo profissional, ocupou o cargo de Promotor de Justiça de Paranaíba, tendo também eleito Deputado Estadual por Mato Grosso, reelegendo-se por duas vezes. Prefeito Municipal de Três Lagoas/MS, Secretário do Interior e de Justiça do MT; Representante de Mato Grosso do Sul em Brasília/DF. Secretário de Justiça e também de Segurança Pública de MS. Procurador do Ministério Público Especial Junto ao Tribunal de Contas, MS. Sua produção intelectual é vasta e reconhecida, no campo literário e histórico. Vincula-se a diversas instituições, como o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (Ex-Presidente) e Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Na AML ocupa a Cadeira nº 30.

## Cochilos e Reflexões

Paranaíba, MT. – Embriagado da quietude provinciana, própria e tão característica desta lendária Santana de Paranaíba, de onde o consagrado patrono de uma das catedrais do “*petit trianon*” nacional recolheu o enredo da imortal novela que tem o título de INOCÊNCIA, e universalmente conhecida à vista das incontáveis traduções, é o articulista levado a contemplar uma tela de tolerante simetria entre o ontem e o hoje, encenando aqueles mesmos quadros que impressionaram os preceptores da humanidade, nos limiares da civilização. Crê-se, em juízo apressado, que se está delirando com aquarelas do passado, quando este retrospecto nada mais exprime que um despretensioso correr d’olhos no índice do pretérito, em busca dos capítulos comparativos do homem do presente e o homem primitivo.

Nos mais elementares princípios das chamadas ciências de relação, encontramos notícia de que a necessidade foi o móvel do agrupamento humano. Necessidade de expansão, necessidade de conquista, necessidade de subsistência e, sobretudo, necessidade de defesa. E esta contingência se veio avolumando de modo tal até nós, que o homem de hoje é o mais covarde e mais escravo que o de todos os tempos, pouco a pouco foi ele se abdicando de direitos inerentes a sua própria individualidade em benefício do grupo, sob cuja legenda confiou a continuidade da sua permanência no seio dos semelhantes. Receoso de se tornar presa do criado ou alimentar-se da carne do irmão, divorciou-se de muitas fascinações que a vida lhe poderia favorecer. Com medo de ser atacado, em defesa inventou a flecha, hoje substituída pelas máquinas mais modernas que o gênero humano concebeu. A indolência, própria da sua natureza, insinuou a criação da eletricidade e da mecânica.

Protegido por fortalezas cada vez mais sólidas e inexpugnáveis é que se apresenta.

Antes, errava pelas desertas florestas, descia o curso dos rios sobre o dorso de pinheiros, sem que trouxesse consigo armas nem mapas. E, assim eram os brutos, os selvagens...

Não profanava o deus alheio, acatava as mulheres do clan. E assim, eram os pagãos, os bígamos...

Hoje, que uma boa soma da humanidade ouviu lições e mestres, leu os decálogos de virtudes, aconselhou o próximo na prática do bem,

com que quadro nos deparamos na tela? Este, simplesmente. Uma cidade com toda a sua vida paralisada porque faltou a energia elétrica; os escritórios de portas cerradas porque a companhia de transportes coletivos fez greve; um parlamentar na fábrica de armamentos, porque vai haver sessão no Congresso; o escolar deixa de comparecer à aula porque a governanta não pôde conduzi-lo...

Assim é que vive o homem da era atômica, temendo mesmo a si próprio. É o mais covarde e o mais escravo que o de todos os tempos!

(Fonte: Jornal *Gazeta do Comércio*. Três Lagoas, 7 de agosto de 1949)

## ANTÓNIO DE ARRUDA

---

Nasceu em Cuiabá-MT, no dia 29 de agosto de 1911. Bacharel em Direito, pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em Washington, se aperfeiçoou em Política e Estratégia, na Escola Superior de Guerra e Colégio Interamericano de Defesa. Iniciou a carreira docente como professor da Escola Regimental do 16º BC, antes de iniciar seus estudos superiores no Rio de Janeiro. Retornando a Cuiabá já bacharel, ingressou no Ministério Público como Promotor de Justiça, chegando ao posto de Procurador Geral do Estado. Incorporou-se ao Tribunal de Justiça, em 1945, como Procurador Geral, tendo mais tarde sido nomeado Desembargador, chegando a Presidir, por duas vezes, o Egrégio Tribunal de Justiça. No âmbito da Justiça Eleitoral, ingressou como Juiz, passou a Vice-Presidente e mais tarde Presidente do TRE-MT. Presidiu também o Conselho Regional da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de Mato Grosso. Professor e fundador da Faculdade de Direito de Cuiabá, mais tarde incorporada à Universidade Federal de Mato Grosso. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Federação das Academias de Letras do Brasil, instituição que veio a presidir. Na Academia Mato-Grossense de Letras, ocupou a Cadeira nº 11. Faleceu no Rio de Janeiro-RJ, no dia 25 de novembro de 2002, sendo seu corpo trasladado para Cuiabá, onde foi velado no salão nobre do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso.

## Tradições

Fala-se nas tradições que morreram. Nas festas do Divino, longas e suntuosas, em que todos tomavam parte – desde a arraia-miúda, nas esmolas e nos almoços em casa do festeiro, até os filhos de famílias ricas que se arruinavam nos leilões. Nas cavalladas e touradas, belos torneios de elegância e destreza.

Os saudosistas choram a falta dessas festas. Não tendo aderido ao cinema nem ao futebol, acham que elas não encontraram substitutos. Para esses, perdeu Cuiabá o velho encanto, e alguns, no seu furor, chegam até a apontar os responsáveis pela extinção das nossas festividades tradicionais.

Exageros, sem dúvida. Pelo menos, quanto às touradas, lembro-me bem como foi. Eu havia atrasado um pouco, e atravessara rapidamente as ruas já desertas do centro, atraído pelo barulho inconfundível que vinha do Campo d’Ourique. Aboletei-me como pude num galinheiro, pronto também a participar da grande atração, que naquele momento estava perdendo os espectadores. Na arena, um enorme touro preto exibia as suas forças, negando-se, porém, a enfrentar o cavalo do toureador. Este insistia, mas o touro era irredutível. Diante disso, era natural que a turba exigisse que o toureador apeasse. De fato, milhares de vozes eram como que uma só, em surdina:

– *Apeia, Jovino! Apêe... êia!*

Jovino acedeu. Apanhou a garrocha e saiu a enfrentar o enigma preto, que, desta vez, sim, aceitou o desafio. Mas, com tal ímpeto, que o toureador, em dois segundos estava jogando a uns trinta metros de distância.

Foi um momento de surpresa e expectativa. Jovino começava a ser o afeiçoado predileto do público. Já em ano anterior, ainda como capinha, dissera não haver então boi que o derrubasse, e cumpriu a promessa. De modo que, quando foi necessário substituir Dionísio, o seu nome surgiu sem contestação. Agora, estava ele ali sendo carregado para fora, com a clavícula quebrada.

A desolação era geral. A música cessara; todos estavam compungidos. Logo, porém, os mais impacientes entraram a exigir a continuação do espetáculo. Ninguém tinha ido ali para ver dois ou três touros. Vozes começaram a insuflar os capinhas, que não se mostravam, entretanto, muito encorajados de enfrentar a fera.

– *Encosta capinha! Encosta!*

Mandar é fácil, mas eles é que não queriam ir na onda. Nesse intervalo, as discussões e comentários brotaram de todos os lados, aqui fora. Um filho do empresário parou por ali, num grupo, falando alto e gesticulando:

*Está aí. Falavam do boi mafro. E agora? Que adianta boi sem Laranjal? Que é do toureador, que é dos capinbas?*

Alguém ali perto ponderou que com Paulo a coisa seria outra.

– *Paulo sim, é que era toureador. Não caía nunca.*

– *Por que?, retrucou um outro. Não caía? Já vi Paulo sujar casa três vezes seguidas...*

Mas, alguns rapazes de uma república ofereceram alto lance a Domingão, que saiu gingando atrás do touro, até então invicto. Cada vez que este fazia menção de investir, Domingão ladeava, correndo. O medo era-lhe visível. Vaias tremendas perturbaram-no ainda mais.

– *Sai, Domingão! Esse boi não é para você, Domingão!*

Afinal, não podendo mais consigo, o rapaz esgueirou-se por um grupo de máscaras que, num canto, contemplavam a cena, com indiferença.

Outro capinha, Sangue de Mandioca, resolveu acabar com aquela indecisão. Agitou a sua bandeira quase no focinho do boi que, enfurecido, avançou. Pobre Sangue de Mandioca! Como poderia resistir, ele, o mais fraco de todos? Outros também que tentaram não tiveram melhor sorte, e saíram mais ou menos esmagados.

Eis, porém, que um máscara, o João Papa, atravessou lentamente o campo, em procura do touro. Seria possível? Era. E o mais importante é que conseguiu bater a sua vareta na testa do boi, desviando-se com elegância.

Foi um triunfo! A plateia tomou a si encorajá-lo, e ele repetiu a façanha várias vezes, já agora eleito capinha, pois que o obrigaram a tirar a máscara. Deram-lhe então a garrocha enfeitada que o toureador usava nos seus grandes momentos. E, ainda desta vez, saiu-se bem. Muitos anos de arena lhe haviam dado ligeireza extraordinária em medir forças com o boi. Aflorava-lhe apenas a lança e desviava-se. O touro, por mais que fizesse, não poderia pegar uma sombra que se lhe dançava na frente. Daí, a razão daquela vitória, quando até o orgulhoso e valente Josino baqueara – vitória talvez nascida do acaso, quanto à primeira investida, e ajudada depois pelo estímulo da plateia.

O certo é que aquelas foram as últimas touradas. Quiseram ressuscitá-las mais tarde, sem resultado. Estavam mortas. Mataram-nas aquele famoso touro preto e o João Papa. Um com a sua ferocidade destruída; outro com a promoção rápida de máscara a toureador, o que poderia ser muito bonito, naquela hora de entusiasmo, mas, desmoralizador para uma festa tão aristocrática e ciosa das suas convenções.

(Fonte: ARRUDA, A. *No limiar dos 90 anos*, 2001)

## LUIS-PHILIPPE PEREIRA LEITE

---

Nasceu em Cuiabá-MT, no dia 12 de dezembro de 1916. Deixou Cuiabá aos 4 de julho de 1934, descendo o rio Cuiabá, de lancha, até Corumbá, de onde embarcou para Bauru-SP sob os trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. De lá, reembarcou para São Paulo, ainda sob os trilhos da ferrovia Companhia Paulista, chegando ao Rio de Janeiro, em 1934. O sonho de se tornar militar foi aos poucos sendo abandonado, optando para cursar Direito na Faculdade de Niterói, onde permaneceu por 5 longos anos. Enquanto estudava, resolveu trabalhar no Ministério da Justiça como extranumerário mensalista, nomeação que se deveu a Filinto Müller, então Chefe de Polícia na capital federal, o Rio de Janeiro. Em seu retorno a Cuiabá, em março de 1941, foi nomeado, a 27 de março, Oficial de Gabinete do Secretário Geral do Governo Júlio Müller, João Ponce de Arruda, tendo também ocupado o cargo de Procurador Fiscal do Estado. Em 1945, foi nomeado pelo Interventor Júlio Müller para elaborar um projeto de Constituição para o Estado de Mato Grosso. Após este trabalho, Luis-Philippe foi convidado a assumir a Secretaria de Justiça, no lugar do Dr. Amarílio Novis. Declinou do honroso convite para se manter nas funções de Procurador Fiscal. Deputado Constituinte, em 1946, colaborou de forma inequívoca na elaboração da Carta Constitucional de Mato Grosso de 1947. Foi nomeado, em outubro de 1947, para o cargo de Procurador Geral do Estado, no governo Arnaldo Estevão de Figueiredo, tomando assento no Tribunal de Justiça estadual. Na década de 1950, sua visão sofreu avaria e ele ficou cego. Ocupou a Cadeira nº 11 da Academia Mato-Grossense de Letras. Faleceu em Ribeirão Preto-SP, no dia 4 de fevereiro de 1999. Seu corpo trasladado para Cuiabá, onde foi enterrado com todas as honras.

## As Três Graças

No passado, o Areão foi célebre pela reza que ali acontecia no dia de Santa Cruz, ou seja, 3 de maio de cada ano. O povo ali se aglomerava para a oração anual, e com o tempo surgiram as barraquinhas para a venda de comes e bebes e, por último, as discussões e as brigas se amiudaram, a ponto de as autoridades determinarem providências para a sua paralisação.

Hoje, graças à arte de Leo do Pincel, mudou a feição da praça com o monumento *Três Graças*, que homenageia a mulher cuiabana de três gerações, na pessoa da Senhora Nhalu, da professora Zulmira Canavarros e da professora Guilhermina de Figueiredo.

A primeira, conheci quando ainda era muito pequeno e contava com meus 6 anos. Morávamos na mesma Rua Barão de Melgaço. Ela era desposada pelo jornalista Emílio do Espírito Santos Rodrigues Calháo. Senhora distinta, bem vestida, verdadeira dona de casa, cuidadosamente mantida pela doméstica Auta. Dona Nhalu residia em frente do esquadrão da cavalaria do governo que cederia, mais tarde, lugar à residência dos governadores. A sua casa era senhoril, tendo a sala de visitas três janelas com sacadas em colunas de cimento, conforme o costume do começo do século (XIX). Era bem mobiliada, tendo no centro um conjunto de estofado em forma sextavada que permitia a manutenção, em seu interior, de um arbusto plantado em uma lata grande com terra. O piano, que ela executava nas horas vagas, completava o conjunto. A varanda, que tinha o comprimento da frente da casa, ostentava, num dos seus cantos, a rede branca, na qual Dona Nhalu embalava lentamente, quando recebia amigos, ou quando estava só com a sua filha Mili. Cercavam-se ainda os outros filhos Ulisses, Alcebíades e Amarílio, enquanto solteiros. Anita já era casada com Joaquim Frederico de Matos e era minha vizinha do outro lado da rua. Ela passara pelo dissabor de, no ano de 1909, perder três filhos, ainda pequenos, com intervalos de pouco mais de quinze dias, acometidos de triste epidemia de Crupe. Somente escapou Ana Luiza, apelidada de Pequinina, muito chegada aos da casa. Mais tarde, ela se casaria com o Capitão cuiabano João Tarciso Bueno, que participou da FEB, sendo ferido em campo de batalha na Itália, na manhã de 11 de dezembro de 1944, e encontrado desfalecido à margem de um riacho, pelo seu ordenança Sérgio Pereira, natural de Três Corações, servindo no 6º RJ, em Minas Gerais.

Zulmira Canavarros, casada com Danglas Canavarros, era exímia musicista e, nos tempos do cinema mudo, a pianista do Cine Teatro Cuiabá. Compunha músicas e hinos para solenidades especiais, celebrando pracinhas da FEB, o aniversário da Cidade, os acontecimentos cívicos. Ensaiaava a nossa mocidade para a declamação, a representação teatral, recepcionava os artistas que vinham de fora e, na sua casa, esteve certa ocasião com Procópio Ferreira, que ali foi recebido com homenagem especial, pelo casal. Grande animadora de todos os acontecimentos, trajava-se com simplicidade, de branco sempre bem limpo, mangas compridas e sempre de tênis para proteção da unha encravada e de calos nos pés. Seu nome está perpetuado na rua que fazia esquina com Marechal Floriano, casa em que ela residia.

Guilhermina de Figueiredo pertence à geração mais moderna. Grande professora de português. Ensinava piano e a arte de declamação. Escrevia e falava com muita elegância e descendia de família ilustre, na qual se destacaram, como mestre da língua pátria, os professores Antônio Cesário de Figueiredo Neto e Benedito de Figueiredo, este último remanescente dos filhos de João Lourenço de Figueiredo e sua esposa Dona Francisca Isabel de Figueiredo. Vestia-se com elegância e, durante muito tempo, a organista-mor da catedral metropolitana, mantendo a linha das cuiabanas grandes maestras do órgão, como Giorgia Armindo, falecida quase centenária, Azélia Mamoré de Mello, e a conhecida Poná.

Leo do Pincel imortalizou estas extraordinárias figuras do mundo feminino cuiabano, marcando três gerações de valores e de musicistas de categoria, da querida Cuiabá de sempre.

(Fonte: LEITE, L. P. P. *Revista do IHGMT*, 1989, p. 111-113.  
<http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## FRANCISCO ALEXANDRE FERREIRA MENDES

---

Nasceu em Cuiabá-MT, aos 25 de junho de 1897. Foi professor e diretor em várias instituições de ensino cuiabanas, dentre as quais a tradicional Escola Normal Pedro Celestino. Na vida pública, atuou como Secretário Particular do governador Fenelon Müller, em 1935, e como Diretor de Instrução Pública (hoje Secretário de Estado de Educação). Fundou e foi primeiro administrador do Departamento de Educação e Cultura do Estado. Sócio efetivo e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, no período de 1971 a 1976, e na Academia Mato-Grossense de Letras ocupou a Cadeira nº 15. Escreveu em vários jornais da capital e também do Rio de Janeiro, além de livros que versam sobre a cultura mato-grossense. Pela sua significativa contribuição à cultura e educação mato-grossenses, seu nome foi outorgado a uma das mais importantes escolas públicas estaduais de Mato Grosso, situada no Bairro Boa Esperança.

## A Onça de Frei José

A palavra lenda, segundo os clássicos, aplica-se a toda narrativa não autêntica, “que é, ou se dá por fundada, pelo menos em parte, sobre a realidade dos fatos”.

Na sua verdadeira significação, no seu sentido etimológico porém, lenda vem de *ler*, como legenda vem do latim *legere*, o que deve ser lido. Originou-se a lenda, do estudo da biografia dos santos e bem-aventurados, na credence do povo na realidade dos seus milagres, na virtuosidade da sua vida.

Na sequência do tempo, porém, muitas vezes, a autenticidade dos fatos e dos milagres da vida dos santos varões do universo foram sofrendo alterações nas exposições escritas e orais dos povos, de que resultou o sentido fabuloso da expressão lenda, aplicada às narrações, quase sempre de fundo essencialmente religioso, encerrando verdades morais, como nos revelam inúmeras histórias cosmogônicas.

E a palavra lenda estendendo-se significativamente a todos os acontecimentos narrados, transmutou-se em algo de sobrenatural e maravilhoso, a que a imaginação popular, completando-a, deu-lhes feição mitológica de verdadeiras ficções.

A lenda tem ainda uma força psicológica emotiva, muitas vezes supersticiosa, evocando em cada um de nós cenas recordativas da existência, revivendo, na saudade, o passado, que bom ou mau, está sempre na nossa lembrança, alimentando a sinceridade, a singeleza do nosso coração.

Se as lendas têm esse sentido místico, elas entretanto se entrelaçam e se interpenetram através dos tempos, confundindo-se com o sentido da verdadeira história, de que é o folclore a expressão viva e original do povo, transmitida oralmente às gerações na tradição, que por sua vez é assim como uma espécie de Evangelho necessário ao enriquecimento e perpetuação dos efeitos da imaginação popular.

Entre as lendas propriamente cuiabanas, está a que intitulamos “A onça do Frei José”, que enflora a memória da vida do santo varão italiano Frei José Maria de Macerata, que há mais de cem anos passados honrou e dignificou o sacerdócio católico, como segundo Prelado da Província, enaltecendo a sociedade nascente da terra do oeste do Brasil.

Nomeado por Decreto Imperial de 29 de Agosto de 1823, Prelado da província de Mato Grosso, assumiu a direção da Prelazia a 27 de Maio do

ano seguinte, demora decorrente das dificuldades de comunicação, que na época se faziam exclusivamente por terra, com as tropas cargueiras.

Quem foi este varão, cuja vida aureolada de santidade, findara no último quartel do ano de 1864, e foi sepultado no consistório da Matriz do Senhor Bom Jesus de Cuiabá?

Pertencia Frei José Maria de Macerata, narram as crônicas religiosas, à Ordem de São Francisco de Assis, e veio a Mato Grosso em fins de Agosto de 1819, residindo em Diamantino, e em Cuiabá, onde permaneceu por espaço de vinte e sete anos. Aqui viera chefiando os primeiros missionários franciscanos em Mato Grosso, com o fim de trabalhar na catequese do silvícola.

Não se limitara, todavia, a ação de Frei José Maria de Macerata, na catequese do selvagem, indo também semear no terreno da educação e da cultura da infância e da juventude de Cuiabá, de que resultou para a terra farta benemerência, colhida e entesourada no celeiro da intelectualidade e do coração cuiabano. O que caracterizou a alma e o coração de Frei Macerata, na simplicidade de sua cogula de missionário de Cristo, foi a sua extrema bondade, personificada nas virtudes que lhe exornavam a vida, toda ela devotada ao bem e à caridade, sublimando-se em doçura e amor para com os desvalidos da fortuna, tornando-se “o pai da pobreza, o amparo dos desprotegidos da sorte”. Sua humildade realçava o carinho com que amparava os que lhe estendiam as mãos súplicas. A feição edificante da santidade de Frei José Macerata, ficou marcante através dos halos de taumaturgia que lhe engrinaldaram a memória, perpetuados na história da sua vida, nas ações e milagres que praticou e que, nos domínios tradicionais do folclore mato-grossense, ficou assinalado em páginas magníficas, reveladoras, como acentuou José de Mesquita, na sua obra *Um Taumaturgo do Sertão*, “do seu domínio sobre o espírito dos homens, fatos extra-comuns, reveladores da santidade”.

Entre os inúmeros episódios da sua vida missionária, um ficou memorável na recordação da gente cuiabana. O fato que, posto muitas vezes ouvido nos serões do solar paterno no tempo distante da meninice, já o descreveu José de Mesquita nas páginas da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ei-lo na sua interessante excentricidade.

Viajando certa vez pelo longínquo sertão nortista de Diamantino, evangelizando nos aldeamentos dos índios Parecis, uma onça pintada abatera à noite, no pouso, o animal que lhe servia de cargueiro. Na

conjuntura difícil em que se vira, ao ter conhecimento do acontecido, dirigiu-se Frei José Maria de Macerata na antemanhã do fato, em companhia do seu camarada e guia nos sertões, para o local do sucesso, indo encontrar a onça devorando a carne do infeliz muar.

Aproxima-se resolutamente da fera e com a maior naturalidade, ante o pasmo e o medo do guia tropeiro camarada, intima a onça a acompanhá-lo ao rancho do pouso. Calmamente, a fera abandona o repasto e segue o capuchinho, e junto à barraca, na madrugada, que ainda tingia de sangue o horizonte sertanejo do norte mato-grossense, ordenou Frei José ao camarada, que arreasse a onça e sobre o dorso colocasse a cangalha e a carga, que deveria conduzir, em lugar da alimária que matara.

Obedeceu-lhe o arrieiro, não sem demonstrar pavor à ordem e momentos depois, pelos meandros sinuosos e areentos da trilha do planalto dos Parecis, durante muito tempo, a silhueta exótica de dois homens tangendo uma onça cargueira, cruzou o charravascal nortista, alcançando, ao atingir o sol o meio-dia, a miseranda morada de velho sitiante, à margem de borbulhante manadeiro próximo ao caminho do arraial de Nossa Senhora da Conceição do Alto Paraguai, Diamantino.

Assombrado, viu o morador chegar-lhe ao terreiro a estranha cavalgadura. Ao descarregar o original cargueiro, dissera o arrieiro, “Matemos esta bicha, para que não faça mal a outro viajante...”. Negou o santo a vingança ao camarada, que voltando à estaca em que amarrara a onça, soltou-a na meia tarde, que descia merencória e triste paisagem, embrenhando-se a onça na mata, coleando o corpo luzidio entre os troncos, levando certamente, no dorso cansado, sinais do encilhamento.

Numerosos outros episódios da vida de Frei José Maria de Macerata ficaram nas crônicas do passado da terra cuiabana. Na sacristia da Matriz do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, por muito tempo, as flores, que enfeitaram o túmulo de Frei José Maria de Macerata, sempre viçosas na policromia da variedade vegetal continuaram exalando doce perfume, embalsamando o ambiente.

Páginas que tanto honram a tradição e o espírito da nossa gente. Na delicadeza do fato, há, por certo, uma nota bem calculada, que dá à memória de Frei José Maria de Macerata uma edificante auréola de canonicidade, elevando e nobilitando o sacerdócio e a religião católica.

(Fonte: MENDES, F. A. F. *Folclore mato-grossense*. 1977, p. 49-51)

## LENINE DE CAMPOS PÓVOAS

---

Nascido em Cuiabá no dia 4 de julho de 1921. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, turma de 1945. Em sua carreira docente, pode ser destacada sua atuação junto à Escola Técnica de Comércio de Cuiabá, e como professor titular da cadeira de Direito Penal do Departamento de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso. Na política, foi eleito Deputado Estadual em Mato Grosso por duas legislaturas 1947/1950 (Constituinte) e 1951/1954. Ocupou também os cargos de Ministro (hoje Conselheiro) do Tribunal de Contas do Estado, Vice-Governador, pelo voto direto, eleito em 3 de outubro de 1965; Secretário de Administração do Estado no Governo José Fragelli, tendo sido o primeiro a ocupar essa Secretaria; Presidente da Fundação Cultural de Mato Grosso, no governo José Garcia Neto, inaugurando essa função, hoje transformada em Secretaria de Estado de Cultura; Chefe da Casa Civil do governo estadual, em 1990; Diretor Superintendente da Cia. Mato-Grossense de Mineração – Metamat. Integrou, na categoria de sócio efetivo, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, onde ofereceu riquíssima contribuição; na Academia Mato-Grossense de Letras, instituição que presidiu, ocupou a Cadeira nº 33. Faleceu em Cuiabá, aos 29 de janeiro de 2007.

## Fundação Cultural de Mato Grosso

Logo ao assumir o Governo do Estado, preocupou-se o Dr. José Garcia Neto com a criação de um órgão que tivesse a missão precípua de incentivar o movimento cultural em Mato Grosso.

Visando a esse objetivo foi que enviou Mensagem à Assembleia Legislativa, da qual resultou a Lei n. 3.632, de 20 de junho de 1975, que autorizou o Governo a instituir a FUNDAÇÃO CULTURAL DE MATO GROSSO.

A 2 de outubro de 1975, em solenidade realizada no Palácio Paia-guás, foi instalada a entidade da qual tenho a honra de ser seu primeiro Presidente.

A árdua missão de implantá-la começou na elaboração dos seus Estatutos, expedidos pelo Decreto nº 126, de 31 de julho de 1975, no trabalho de seu registro como pessoa jurídica e na sua própria instalação física.

Destinou-lhe o governo estadual todo o histórico prédio do Palácio da Instrução, construído em 1913, na Praça da República, em Cuiabá, ultimamente ocupado pelas Secretarias do Interior e Justiça e da Segurança Pública e pelas Procuradorias de Justiça e do Estado.

A dificuldade de instalações para órgãos públicos em Cuiabá entrouv sobremaneira o nosso trabalho. Só a muito custo as Secretarias do Interior e Justiça e da Segurança Pública deixaram o antigo “Palácio da Instrução”, liberando todo seu pavimento térreo que foi recuperado, tendo sido, inclusive, removidas as divisórias de madeira ali colocadas, para que pudéssemos restituir o prédio às características de sua arquitetura primitiva.

No pavimento térreo reinstalamos a Biblioteca Pública do Estado, integrada ao patrimônio da Fundação. Não dispondo antes de instalações condignas, sem possuir salas especiais para suas diversas seções, nem mesmo um salão especial para leitura, e vivendo em contínuas mudanças, a Biblioteca dispõe agora de instalações que teve nos sessenta e quatro anos de sua existência, com uma sala para Diretoria, uma para serviços técnicos, uma para leitura de periódicos, uma para pesquisa em grupo, uma para leitura individual e três salões para o seu acervo. Foi organizado o fichário de livros, através do qual os consulentes solicitarão as obras, sendo vedado o acesso do público aos salões do acervo.

O setor das artes plásticas também mereceu da Fundação um apoio especial. Organizamos uma Pinacoteca, pequena exposição permanente de obras dos principais pintores e escultores mato-grossenses, aberta ao público e especialmente aos forasteiros que nos visitam, para que tenham uma ideia do nível cultural a que já atingiu o nosso povo.

Destinamos dois salões do prédio sede da Entidade a exposições, tendo a Fundação patrocinado, em abril deste ano, o “I Salão Jovem Arte Mato-grossense”, que, com o comparecimento de cerca de 80 jovens artistas que ali tiveram sua primeira oportunidade, marcou grande sucesso. Além disso, patrocinou a Entidade, neste ano, a exposição da aplaudida pintora corumbaense Hebe Lacerda Albaneze, estando no momento apresentando uma excelente “Exposição Retrospectiva” do consagrado artista conterrâneo João Pedro de Arruda.

Ainda no terreno das artes plásticas instalou a Fundação o seu “Atelier Livre”, onde são estimuladas as vocações para a pintura, sob a orientação da pintora Dalva Maria de Barros.

Temos a intenção de, tão logo disponhamos do espaço físico necessário, instalarmos, no pavimento superior do prédio, um Museu Histórico e um Museu de História Natural, para o que já estão sendo tomadas providências preliminares. Deste último constituirá núcleo central o “Museu das Monções”, da CODEMAT, que será transferido à Fundação.

Programa ainda a Fundação Cultural instalar, em convênio com a Arquidiocese de Cuiabá, um “Museu de Arte Sacra”, no magnífico edifício do Seminário da Conceição, no qual serão expostos o que ainda se puder salvar do acervo de arte sacra desta região do Estado, os altares barrocos da Catedral que foi demolida e tudo aquilo que pertenceu ao Arcebispo D. Aquino Corrêa.

Mas, ao mesmo tempo em que realiza programas desse porte, não descarta a Fundação, malgrado a escassez de seus recursos, do apoio a todas as manifestações da cultura.

No setor do Folclore patrocinou a Entidade a exibição, em Brasília, de um Grupo Folclórico local e a apresentação, em Campo Grande, Corumbá e Cuiabá do Grupo Folclórico Gaúcho do Projeto Rondon, ambas com absoluto sucesso.

Editou a Fundação uma das obras mais reclamadas pelos meios culturais: uma “Bibliografia Mato-grossense”, trabalho realizado por um grupo de colaboradores e destinado ainda a nova edição, devidamente revista e ampliada.

Em convênio com o Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso estamos editando um livro de séria e extraordinária pesquisa intitulado “AS ARTES PLÁSTICAS EM MATO GROSSO, NOS SÉCULOS XVIII E XIX”, de autoria de Carlos Francisco Moura e em convênio com a Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Cuiabá, e mais cinco “Cadernos Cuiabanos”, de estudos sobre história, teatro, folclore, música e iconografia.

Concomitantemente com essas atividades, promoveu a Fundação nesse primeiro ano de atividades, em convênio com a representação de Mato Grosso do Instituto Nacional do Livro, três cursos de Auxiliares de Biblioteca, nos quais receberam certificados 50 candidatos que os frequentaram, não só funcionários públicos estaduais e municipais como também empregados em empresas e mesmo particulares.

Além disso patrocinou a entidade um Curso de Desenho, sob a orientação do artista Clóvis Irigaray, frequentado por mais de setenta jovens.

Promoveu também a Fundação o lançamento, em Cuiabá, do livro “Cultura, Literatura e Língua Nacional”, das professoras campo-grandenses Maria da Glória Rosa e Albana Xavier Nogueira, ao mesmo tempo em que patrocinava duas exposições, na Universidade Federal de Mato Grosso, do grupo vocal “Conjunto Luzazul”, da cidade de Campo Grande.

Dando apoio e estímulo às atividades teatrais, patrocinou a apresentação, em várias cidades do Estado, da peça “Quadro do Tempo”, por um elenco da Associação Mato-grossense de Estudantes, e a peça “A Moreninha”, pelo Grupo Teatral Moçambique, do SESI.

Foi também firmado convênio com o Instituto Nacional do Teatro para a apresentação, em Campo Grande e Cuiabá, de grandes Companhias Teatrais do Rio e de São Paulo, tão logo estejam concluídas as obras de reforma do Cine-Teatro Cuiabá. A recente exibição em várias cidades do Estado, do “Teatro Barra” do Rio de Janeiro, já foi início dessa programação.

Na medida de suas possibilidades atuais, deu a Fundação Cultural apoio à Academia Mato-Grossense de Letras para seu normal funcionamento e para publicação de sua Revista há tantos anos paralisada, assim como auxílio às suas congêneres de Campo Grande e de Corumbá, para edição de obras de seus membros.

Foi elaborado pela Fundação um anteprojeto de lei que, enviado

pelo Exmo Sr. Governador do Estado à Assembleia, foi convertido na Lei n. 3.774, de 20 de setembro de 1976, a qual permitirá à Entidade o Tombamento dos Bens que integram o patrimônio histórico e artístico de Mato Grosso, visando a sua preservação para as gerações futuras.

Entre outras, essas foram as atividades mais salientes que marcaram este primeiro ano de existência da Fundação Cultural de Mato Grosso, não obstante o tempo e os recursos absorvidos na luta própria de estruturação e instalação física de uma entidade em fase de implantação.

(Fonte: PÓVOAS, L. C. *Revista do IHGMT*, 1955-1976, p. 161-164. <http://academiadeletrasmt.com.br/revista-aml/revista-aml>)

## NILZA QUEIRÓZ FREIRE

---

Nasceu em Cuiabá-MT, no dia 1º de julho de 1932. Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, instituição onde atuou na área financeira, e onde se aposentou. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, onde ocupou, por muitos anos, os cargos de Secretária e Tesoureira. Sua produção intelectual é voltada para a cultura e a educação de Mato Grosso. Ingressou na Academia Mato-Grossense de Letras em 25 de novembro de 1993, ocupando a Cadeira nº 14. Foi a primeira mulher a ser eleita Presidente da Instituição.

## Crendice

É a crença absurda ou ridícula, que habitava nossa mente de crenças e continua morando na cabeça de muitos adultos. Vamos conferir:

Mês de agosto, conhecido como mês do desgosto.

Quando falecia mais de uma pessoa, quem transmitia a notícia, ao enumerar os que se foram, dizia: “morreram fulano, beltrano... três com um cachorro” – caso contrário, acreditava-se que o próximo seria o novidadeiro.

Ao contar uma mentira, sabendo que esse procedimento não é boa prática, o mentiroso, temente a Deus, fazia, sorrateiramente, uma figa (com a mão fechada, voltada para trás, entrelaçava o polegar entre o indicador e o dedo médio), usada supersticiosamente como preservativo de malefícios.

Evitava-se comer bananinha gêmea, porque, se viesse a ter parto, os filhos seriam gêmeos também.

Toda mistura de fruta daria cólica.

Se evitasse padre fora do seu ambiente eclesiástico, benzia-se três vezes, a fim de se evitar azar.

Ao experimentar o anel de uma amiga, soprava-se a preciosa joia, para não se acabar com a amizade.

Pelo mesmo motivo de destruir a amizade, não se oferecia lenço como presente, a ninguém! Para namorado – em pensamento, porque o romance não teria como prosseguir.

Aliás, para namorada a lembrança devia ser acompanhada de uma moeda, a fim de se evitar má sorte.

Nas festas juninas, à meia-noite, costumava-se procurar sua imagem no espelho d'água; se não conseguisse enxergá-la, estaria com dias contados.

A noiva com seu vestido de gala, somente poderia ver o noivo, no altar; qualquer curiosidade de ambos, rompendo essa crença, seria mau presságio.

Mulher que se casa com ex-padre virava mula-sem-cabeça.

Não cortar unha aos domingos, para não passar vergonha.

Não pular ninguém que esteja deitado no chão, e se distraidamente, isso acontecer, deverá desfazer o ato, isto é, despular; se não for consertado, quem pulou não crescerá.

Comer farofa de ovo e, em seguida tomar chá-mate, estará se arriscando à congestão.

Quem se deixar varrer o pé, não se casará,  
Pendurar sapato no armador, para estancar chuva,  
Se alguém deixar sapato ou chinelo de bruços, deverá inverter a  
posição, porque seu dono estará ameaçado de morte,  
Evitar passar sob escada; quem insistir ficará no clube dos solteirões,  
Varrer sua casa, após a saída de uma visita, faz com que esta nunca  
mais volte,  
Colocar vassoura de cabeça para baixo, atrás da porta, a fim de  
correr com visita indesejável,  
Vestir roupa nova no primeiro dia do ano, prevendo felicidade  
para o ano todo,  
Ao entrar no cemitério, pisar com o pé direito e sair o esquerdo,  
desejando, para si, longa vida,  
No dia de São José, 19 de março, fazer um saquinho de tecido e  
nele colocar seus rendimentos recebidos do seu trabalho, a fim de não  
lhe faltar dinheiro para as despesas,  
Durante as festividades de Natal e Ano Novo, visitar sete presépios;  
colher de lá uma pitomba ou uma pedrinha – simpatia para se casar,  
Ao se dirigir a uma festa dançante, colocar um galhinho de atrativo  
sob sua roupa, a fim de atrair o sexo oposto e não “fazer crochê” (ficar  
sem dançar) no baile,  
Surrar criança raivosa com a planta fedegoso, para acalmar seu gênio,  
Colocar uma folha verde na testa do bebê, corta o soluço,  
Não visitar o recém-nascido antes do sétimo dia evita quebranto,  
Ao se levantar, assentar primeiro o pé direito, caso contrário o dia  
será azarado,  
Na festa de casamento, a noiva deverá jogar o buquê para ser dispu-  
tado entre as solteiras; a que conseguir segurá-lo será a próxima noiva.  
De todas as crendices, as mais exercitadas são aquelas relacionadas  
com o casamento. As mulheres, principalmente na adolescência, desejam  
saber algo sobre o príncipe encantado, de forma que, acreditando ou  
não, elas não desprezam a brincadeira.  
Quando se tornam adultas e mais instruídas, vão excluindo de suas  
vidas toda a fantasia que não tem fundamento, como verdade.  
A crendice fica no passado, lembrando-se da ficção que embalou  
a mocidade, da qual se sente muita saudade.

(Fonte: FREIRE, N. Q. *Crônicas da Cidade Verde*, 2003)

## OCTAYDE JORGE DA SILVA

---

Nasceu em Cuiabá-MT, no dia 3 de fevereiro de 1926. De Cuiabá, foi para Porto Alegre-RS, fez os preparatórios, ingressando na Academia Militar de Agulhas Negras. Aperfeiçoou-se na ADESG. Na carreira militar, atuou junto à Escola Regimental do 18º RI, em Porto Alegre, instituição que chegou a dirigir. Comandou o 16º Batalhão de Caçadores, em Cuiabá, e o 2º Batalhão de Fronteira, em Cáceres. Ocupou o cargo de Delegado do Imposto de Renda de Mato Grosso. Declinou do cargo ao ser convidado a assumir a Secretaria Estadual de Educação e Cultura. Sua produção literária é vasta e rica, seja pelos artigos publicados em diversos jornais e revistas, mas também pelos livros voltados para a História de Mato Grosso. O campus de Cuiabá do atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, leva seu nome. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, onde ocupou a Cadeira nº 8. Faleceu em Cuiabá-MT, aos 18 de janeiro de 1991, aos 65 anos.

## A Prainha veio buscá-lo!...

Em dias de festa – a festa para ele era procissão e missa solene – ele calçava o miolim branco...encardido... borrado de alcaide... que lhe empetecava as meias frouxas no tornozelo... calcanhares fora do lugar... deslocados para um lado, caídas sobre o tênis... tipo meia soquete! Enfim foló... Fora disso... roupa de dia de semana: miolim marrão... calças sempre as mesmas, grandonas nas pernas... um pale-tó – blusa- camisa, tipo pijama, cobrindo-lhe o busto... atarracado... pescoço grosso... meio torto... como a denunciar-lhe o desvio na coluna!...

Se os pés eram pequenos... as mãos, ainda mais!... roliças, meio-fechadas, mais para côncavas do que, para espalmadas!... Talvez, porque carregassem sempre os livrinhos... os livrinhos de missa, capa preta, contando aquele ritual todo... os catecismos... e os folhetos que continham as orações avulsas!

Se sabia ler os livros, não sei!... sei que os trazia, juntos a si... juntos ao peito, todos eles!... E mais: aquela coleção de santinhos... postais... figuras pintadas dos santos, muitas delas até bonitas, coloridas!... E toda vez que dava o nome ao santo da figura... beijava-o num estalido gostoso, que misturava fé com respeito... exibição de devoto...

Era tatibitate!... Falava enrolado, misturando as palavras qual crianças... ainda que a idade beirasse aos quarenta.

As crianças gostavam dele... daquela conversa irresponsável... ingênua... infantil... dengosa...

Não ofendia a ninguém! Era devoto de Nossa Senhora!... qual delas, não sei. Mas, ao referir-se a elas, seja a das Graças, das Dores, da Conceição, ou do Rosário, da Boa-Morte, a Auxiliadora ou da Glória... num olhar de hipotenusa, buscava o céu e benzia-se... e colocava as mãos juntas, postas... como se redimir... a pedir perdão... por ter falado o que não devia, por ter pensado o que não podia!...

Coitado... perdão, por quê?... Jamais faria ele mal a ninguém. O que falasse ou fizesse, teria sempre a compreensão de todos... Não queria mal a ninguém...

Explodia, em contentamento, quando lhe davam atenção e conversavam com ele nos feitos das Nossas Senhoras!... Contudo, zangava-se,

gritava... e vociferava contra os que, na maldade da incompreensão, atropelavam quem já andava trôpego... arrastando uma das pernas... coxo, que era!

Vi-o, algumas vezes, em histeria, espumando a sua saliva: haviam-lhe batido em suas mãos e derrubado os livros... companhias dele nas procissões, nas visitas às Igrejas e com quem conversava nas esquinas... e creio, em casa, antes de dormir...

Parava sempre na esquina da Praça da República, onde começa a rua de Baixo. Era ali que ficava, até as nove horas da noite, após deixar a Catedral, depois de reza, uma vez que missa, naquele tempo, só se fazia pela manhã. Descia por aquela calçada larga, vendo as noites estreladas e ouvindo o barulho que o vento fazia nas folhas das palmeiras... uma fila enorme delas, baloiçando, sussurrando, mostrando que estavam ali!...

Então, detinha-se e penso que fazia um sermão, onde Nossa Senhora e Jesus Cristo, na sua maneira pitoresca, engraçada de dizer as cousas o que provocava risos e zombarias... eram as personagens, por excelência, da pregação...

Depois... como chegou, saía... Sem importunar ninguém... Ia dormir.

Um dia, dormindo, sonhara com o seu passado... A terra... já não lhe era bela, risonha!... a farda dos alunos do Colégio dos Padres, cousa de que ele gostava tanto – calça, túnica, camisa branca, gravata, cinto largo e quepe preto... havia sido abolida!... As meninas... já não mais brincavam de roda, de amarelinha ou de jogar sete marias, nem os meninos de pegadô, de corcoveia ou de barata-voa, as crianças preferiam dançar o rock ou curtir um som, a ouvir as estórias piedosas, sobre os milagres das rosas de Santa Terezinha, que o gordinho escuro contava todo embevecido.

O mundo mudara... os anos 60 trouxeram a contestação, a rebel-dia!... os 70... o desamor... a violência.

A Prainha... sua companheira de tantos anos... havia desaparecido: o progresso a matara. Ele fora o seu mais folclórico morador!... Então, pensou... e continuou a dormir!... Reviveu... no sonho... os ditosos dias em que passaram juntos – ele e a sua Prainha... que agora morta... de longe, o chamava, para continuarem o convívio... em outros lugares. Aqui... já não havia mais lugar... para eles!...

Ficar... teria de mudar de nome e de jeito!... Passaria a ser considerado Excepcional... e ele queria continuar a ser o que era...

Daí... resolveu não acordar mais!... Deu as mãos à prainha e, com ela, fugiu... foi-se embora! Só assim não mudou... e continuou a ser Antônio Peteté!...

(Fonte: SILVA, O. B. da. In: BORGES, Fernando Tadeu (Org.)  
*Tempos idos Tempos vividos*: crônicas do Cel. Octayde Jorge da Silva, 2013)

## AMINI HADAD CAMPOS

---

Nasceu em Cuiabá, aos 17 de fevereiro de 1974. Bacharel em Direito, Mestre em Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ. Doutoranda em Direitos Humanos pela Universidade Católica – UCSF (Argentina). Especialista em Direito Civil, Processo Civil, Direito Penal, Processo Penal, Direito Administrativo, Constitucional e Tributário – Universidade Cândido Mendes - RJ. Graduada. Profissionalmente, ocupou os cargos de Juíza de Direito do Poder Judiciário do Estado de Mato Grosso, Professora e Orientadora de Cursos de Pós-Graduação, palestrante na temática de Direitos Humanos e Sistemas de Justiça no Brasil, coordenadora de Direitos Humanos da Escola da Magistratura do Estado de Mato Grosso. Membro da Comissão de Direitos Humanos da AMB, da Academia Mato-Grossense de Letras (AML), onde ocupa a Cadeira n. 39, e da Academia Mato-Grossense de Magistrados (AMA). Diretora Cultural da Academia Mato-Grossense de Magistrados – AMA. Membro da Associação Internacional de Juízas (International Association of Women Judges – IAWJ) e da Associação Nacional de Magistradas. Membro da Associação Juízes para a Democracia – AJD. Associada e Presidente do Conselho Administrativo da Associação Mato-Grossense de Magistrados – AMAM. Autora de Projetos Nacionais na temática de Gênero, tais como Condição da Mulher, Violência Doméstica e Lei Maria da Penha. Sua produção literária se circunscreve às áreas do Direito e Literária, em periódicos e em livros.

## Pesadelos d'Alma?

O ser humano é uma criatura sem igual. Capaz de realizar as mais belas obras sentidas, em nostalgia, na arquitetura parisiense, como nos arranha céus que, surpreendentemente, estruturam as civilizações modernas. Mas, há outro lado, obscuro e destrutivo na constituição humana. Dominação, hierarquização das existências, exploração, subjugação, destruição e desumanidade se apoderam dos corações.

Muitos teóricos justificam esse contrato injusto, tal como em Hobbes, Locke e Rousseau. Outros pensadores, tal como em Maquiavel, intitularam mecanismos hábeis ao prevalecer, ainda que essa medida a ser alcançada detivesse instrumentos não altruístas.

Tentativas da compreensão da liberdade foram dadas por outros grandes filósofos e nomes nos mais diversos tempos, acalcanhados em uma pretensão coletiva, onde a virtude não mais proclamava as regras da pretensão de um indivíduo ideal. Assim, outros liberais reconstruíram um pensar de dominação, incapaz de, verdadeiramente, corresponder à harmonia prescrita pelo divino.

Kant, diante do céu estrelado e da lei moral, estrutura uma perspectiva mecânica de liberdade, calcada na percepção positiva do coletivo, retirando a virtude como centro dos valores máximos, fomentando, assim, outros grandes teóricos, desde o pensar utilitário de Bentham e existencial de Sartre aos neo-contratualistas (Rawls, Habermas), com uma retomada do pensar clássico de Aristóteles e Platão (Finnis). Dos naturalistas aos artificialistas, as respostas são escassas, apesar da complexidade diante da multidão de culturas, costumes, organizações sociais, religiões e leis. Por mais incongruente (diversidade como hábil à majoração do conhecimento) que isso possa parecer, esse dado multifacetário traz ainda outros malefícios terríveis como consequência da intolerância, insensatez psíquica e completa aversão à consciência.

Favelas e castelos se entrelaçam em uma musicalidade perversa, em todos os espaços do mundo. Famintos, silenciam ao aguardar pelo último suspiro de vida. Mulheres são sentenciadas à morte, apedrejadas pela iniquidade de uma castração social obtusa. Muitas já nascem mortas socialmente, porque são excluídas como potência da divindade, em criatura.

Todos nós estamos, à percepção mestra, desviados do nascedouro

de harmonia apeteçido. A Lei de Darwin mostra outra versão de sua existência, não pela força, mas pela estrutura corrompida, incapaz de *ser natural*, pela própria disfuncionalidade gerada ao todo.

Ao mesmo tempo, humanos seres “sem alma” divagam pela noite como criaturas bizarras, doentes emocionalmente, perturbadas, simbolismos de uma morte prévia ocorrida.

Horizontes?

Enquanto a divindade proclama a sua áurea em arco-íris de plenitude existencial, insistimos em caminhar na escuridão de nossa própria iniquidade, incapazes de perceber a verdadeira razão de nossas existências.

Destino?

Há algo prévio em nossos passos. Os nossos laços são estabelecidos independentemente de escolhas calcadas em nossas racionalidades. O início de nossa existência ou o fim dela nos remete ao desconhecido e, portanto, metafísico, em razão da ineficácia da racionalidade do possível. Nesta razão, alguns dão um último suspiro, enquanto que outros tantos descobrem a ânsia do respirar, do necessitar, do desvendar e do existir.

Ciclos?

Vale-nos o sonho de um tempo ainda por vir ou o pesadelo da história vivida: passado e presente. A esperança do sentir pleno, do viver em plenitude, sem armas, sem névoas de dor e do desamor do abandono. Horizontes projetados da harmonia plena na magnífica criação, sem distinção de sexo, raça, origem, nacionalidade ou qualquer pretensa possibilidade de hierarquização existencial. A totalidade do Ser Humano, na completude da conjugação das expressões do Feminino e do Masculino...

Não mais isolados, tal como antes, mas igualmente responsáveis pela máxima experiência da existência: Homens e Mulheres. Essa conjugação projeta-nos melhores, em esperança. Sem subjugação ou exploração. As diversidades não justificam qualquer inferioridade. Ao contrário, pertencem à completude do TODO. Exatamente por isso, o binômio se mantém: não nascemos de um só.

Se essa é a experiência da vida, como não conseguimos caminhar nessa projeção de igualdade? Se há em cada um de nós um cromossomo-pai e outro cromossomo-mãe, em igual proporção, não deveria ser natural essa proporcionalidade aos povos?

Durante séculos, foram extirpadas as oportunidades do livre pensar

e agir, da participação equânime à efetiva construção social. Utilizaram argumentos sórdidos para nos fazer acreditar que não somos seres humanos igualmente relevantes. Assim, povos dominaram outros povos. Nações são destruídas e corrompidas.

Mais sórdido ainda foram as destruições relacionais entre homens e mulheres. Fizeram teorizar que as mulheres não poderiam tomar decisões e conduzir as suas próprias vidas, almejando espaços equivalentes em iguais funções sociais. Como se houvesse uma deformidade latente em suas constituições.

Fizeram de tal forma, que ainda atualmente e diante dos séculos longínquos, muitas mulheres, de capacidade e competência infinitas, acreditaram e procederam com as referidas justificativas em suas vidas. Enterram-se vivas sem perceber a absurda estória conduzida por outros que não por elas mesmas. Outras seguem como objetos sexuais, propriedades, coisas que podem ser adquiridas, compradas e, assim, descartadas. São bilhões de dólares fomentando o tráfico de meninas e mulheres no mundo.

Mesmo diante dessas realidades, alguns tentam impingir mácula à expressão da igualdade harmônica. Mas, os sonhos permanecem em nossos horizontes e fortalecem as nossas almas, como se ocorresse um renascimento diante das dificuldades experimentadas.

O custo da discriminação deturpa a educação das gerações futuras, instiga a violência e legitima a exclusão social, descaracterizando, pois, a própria dignidade humana.

A superação da concepção de espaços pré-destinados é outra questão de suma importância para se vencer as distinções discriminatórias secularmente prescritas. Portanto, somos todos chamados à construção de um novo tempo, capaz de nos retirar da letargia de um pesadelo doentio e destruidor.

Possamos meditar sobre a Gênese, sua finalidade solidária e sua concepção de irmandade, antes de assistirmos à morte de nós mesmos, diante da solidão bruna cativada em nossa desumanidade assistida, em famílias e lares comuns.

Acordemos do pesadelo insano e, como se fosse sonho, façamos um amanhã de novas realidades. Tal como nas palavras magníficas de Hannah Arendt, possamos expressar: “Consoladora, inclina-te suavemente para o meu coração. Dá-me, silenciosa, alívio para a dor. Coloca tua sombra sobre tudo por demais brilhante. Deixa-me teu silêncio, teu

abrandamento refrescante. Deixa-me embrulhar em tua escuridão tudo o que é mau. Quando a claridade doer com novas visões. Dá-me a força para seguir adiante com firmeza” (Por Amor ao Mundo).

E, finalizo, com um anseio de superação dos nossos Pesadelos d’alma, perturbadores e ilusórios, perfazendo, assim, em realidade, uma nova gênese, em Divindade... Por horizontes mais nobres.

(Fonte: CAMPOS, A. H. *Revista Comemorativa dos 90 anos*, 2012)

## OLGA MARIA CASTRILLON-MENDES

---

Olga Maria Castrillon-Mendes é natural de Cáceres (24/01/1955). Professora de Literatura do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, dos Programas de Pós-Graduação em Estudos Literários/UNEMAT/Tangará da Serra e do PROFLETRAS/UNEMAT/Cáceres. Doutora em Teoria e História Literária/UNICAMP, com Pós-Doutoramento em Literaturas Comparadas de Língua Portuguesa/USP. Liga-se às pesquisas sobre a literatura brasileira produzida em Mato Grosso, possuindo vários artigos em periódicos e capítulos de livro no tema. É sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC e da Academia Mato-Grossense de Letras/AML (Cadeira Nº 15). Autora de *Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso* (Cuiabá: EdUFMT, 2013) e co-organizadora dos títulos *Literatura, tradição, religiosidades e Literatura, política e religiosidades* (Cáceres: EdUNEMAT, 2014), em parceria com a Universidade de Aveiro/Portugal.

## O Monumento, O Poema, A Memória

No momento em que se comemoram os 95 anos de existência da Academia Mato-Grossense de Letras (1921-2016), esta reflexão recai sobre dois espaços da memória cacerense: o simbólico monumento representativo do Tratado de Madri, de 1750, e o poema *Marco do Jauru*, de Natalino Ferreira Mendes. Ambos enfeixam uma rede de significações em que a história e a literatura engendram processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias.

As comunidades têm necessidade de perpetuação dos monumentos, dos nomes, dos lugares. Em Cáceres, o imponente Marco é um desses lugares em constante artesanato. Por ser o único ainda existente, do acordo firmado entre Portugal e Espanha, no século XVIII, foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1977, tendo sido trasladado da foz do Jauru para a Praça da Matriz, hoje Barão do Rio Branco, em 1880. Concebido por Alexandre de Gusmão, o estadista brasileiro responsável pela negociação do Tratado de Limites de 1750, exprime, através das legendas gravadas no seu formato quadrangular, a conquista dos ideais e da diplomacia, da justiça e da paz, firmadas entre as duas potências ibéricas, possuidoras de terras na América. Esse fato deixa vestígios da memória na literatura de Ferreira Mendes e o significado histórico faz do Marco importante espaço de revisão da história e da memória pelos discursos que construíram o sentido de Mato Grosso no cenário brasileiro e internacional. Funda uma identidade particular e os sentidos específicos do colonialismo, lugar possível de investigação dos processos de formação do povo.

Pela força reguladora das circunstâncias ou pelas transformações de mentalidades do mundo contemporâneo, o monumento tem sido constantemente reinventado em prosa e em versos. Nesse sentido, estes comentários interpõem dois discursos: o histórico e o literário. O primeiro relê o monumento; o outro abre espaço para a evocação telúrica. Assim, entram na composição das formas que a linguagem acumula, através dos tempos, pelas possibilidades inventivas.

O poema “*Marco do Jauru*” faz parte da obra *Anhuma do Pantanal: poesia da terra*, de Natalino Ferreira Mendes, publicada em 1993, em uma coletânea poética que reúne, em seis partes, os *binos* dedicados à terra natal. São temas que remetem à história e à memória expressas em

estruturas fixas, dos sonetos, e em versos livres das canções e místicas. O mote condutor é o grito da anhumã, pássaro que denuncia a aproximação do homem no cenário silencioso do pantanal. Simbolicamente, na/pela ave, o poeta constitui o tecido dos significantes que compõem a obra à medida que o jogo das palavras é o teatro dos acontecimentos aflorados pela língua. Desta forma, são sequências temporais de uma bicentenária paisagem cantada por preciosidades rítmicas que buscam conservar a memória do povo e a intensidade da emoção.

O “gigante impotente que jaz na praça principal” adquire estatuto do poético à medida que lança mão de recursos estilísticos para transmitir emoção e sentimentos pelo valor simbólico e pelas imagens. Como um lugar de memória, não há quem não se curve diante da sua beleza emotiva e sentidos históricos coagulados, como assevera o poeta.

Aos que passam impressiona  
Pela forma e pela história  
Do seu conjunto assoma  
Todo um passado de glória (MENDES, 1993, p. 27)

O conjunto orgânico da peça substitui a “sensação” pelo conhecimento de um real histórico duradouro. No frescor da espontaneidade do olhar, não se dá como expressão acabada, mas impõe uma *impressão* evocativa nas formas concentradas, idealmente entendida como símbolo do espaço universal. A articulação plástica-expressiva exalta o aparato faustoso do mármore e (re)vela a ideia do solene.

Mesmo que os versos carreguem visível convicção dogmática, a carga emotiva de uma afirmação de verdade poética orienta a superação individual que se cola ao coletivo na descoberta da dimensão de uma trajetória infinita de experiências e de reinvenções. Estas mesmas que fizeram parte da concepção do ideal de união entre os povos líderes do passado conseguiram manter, mesmo que por algum tempo, relações diplomáticas e de amizade “disciplinando a expansão / dos dois reinos colossais / que se valem da ocasião / dos parentescos reais” (ibidem). Relações de diplomacia num mundo que se construía sob o signo da “vitória nas contendidas”, atestando a supremacia do poder e a apologia ao sentimento pátrio.

São registros componentes de imagens de/sobre diferentes aspectos culturais e político-econômicos de uma região. Comporta, também,

o inusitado desejo de conhecer o desconhecido, recuperar e remontar o cenário do tempo/espço da memória, permitindo a recriação dos acontecimentos da língua na história.

Desta forma, o Marco celebra a conquista e o espírito de concórdia entre os interesses coloniais, como se vê na gravação em uma das faces do monumento: “*justitia et pax osculatae sunt*”, princípios silenciosos que conduziram os destinos políticos da América colonial. A razão e a justiça, a paz e a civilização se inscrevem nas quatro partes do monumento. A esses princípios, o poeta canta perante a posição do astro-rei:

Na face, que o sul contempla,  
Desse Marco de Fronteira,  
Há um lema que acalenta  
Esta terra brasileira:  
- “Justiça e Paz se oscularam”  
Nestas plagas sem rivais...” (ibidem, p. 27).

Assentado entre outros monumentos históricos, a Catedral e o rio Paraguai, os preceitos perenizados nas placas do Marco, determinam a construção da ideia do “outro”, produzindo um recorte específico do discurso europeu sobre o Brasil em seu sentido dominante, marcado pela relação entre a Europa e a América. Significa dizer que a delimitação de Mato Grosso liga-se ao sentido do político e das relações de poder que traçaram os limites da soberania portuguesa pelos balizamentos dos rios Paraguai (e seus afluentes) e Guaporé. Os textos daí resultantes oferecem o lugar da constituição do espaço de memória em que um povo em processo de expansão territorial entra em contato com outros povos já estabelecidos e de culturas diferentes, fruto das relações de força e de sentido em que se constroem as identidades e os sentidos de alteridade.

Cáceres, como outros municípios que formam a vasta fronteira oeste, é parte do contexto que firmou a posição de Portugal no ocidente de Mato Grosso. Surge de um planejamento estratégico ditado por princípios legais e de administração nos trópicos. À margem oriental do caudaloso rio Paraguai, ergueu-se uma povoação que serviu de entreposto entre Cuiabá e Vila Bela, a capital. Esse fato configura a estratégia de solidificação de posses e de povoamento que vai caracterizar o espaço de

movimento dos atos gerados pela prática humana e pela proliferação de outros dizeres. Forma de colonização que determina o processo colonial de apropriação.

Assim, constrói-se o lugar das (im)possibilidades, sinalizadas pelos interesses políticos e de administração, definindo uma região ainda indefinida pela vastidão dos rios e sangradouros naturais que dão origem ao Pantanal. O movimento desses (des)limites geram os aglomerados populacionais às margens dos rios e faz surgir Mato Grosso no discurso do acontecimento da fronteira, produzindo variados sentidos surgidos em condições de produção de uma relação colonial.

Casar, nessa relação, o pensamento jurídico colonial com o sentimento, o coração com o entendimento, leva-nos ao encontro da Poesia – a vibração do que de mais incontaminado habita o espírito humano. Aí, parece-nos residir grande parte da força telúrica firmada entre o lema da Justiça e da Paz que se instala no passado tornado presente pelos novos sentidos que se instauram.

Trazer, enfim, estas reflexões no momento de comemoração da quase centenária Casa Barão de Melgaço, é uma forma de ritualizar a memória vista e imprimir um convite para desvendar a riqueza e complexidade do nosso patrimônio cultural.

(Fonte: MENDES, O. M. C. *Texto inédito*, 2016)

## YASMIN JAMIL NADAF

---

Nasceu em Cuiabá, no dia 22 de maio de 1961. Pós-Doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005); Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual Paulista/Assis (2001); e, Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual Paulista/Assis (1993). Entre os seus livros listam-se *Sob o signo de uma flor: estudo da revista A Violeta, publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes - 1916 a 1950* (1993); e *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso - séculos XIX e XX* (2002). Possui um acervo singular nas áreas de letras e humanas, distribuído entre obras raras, periódicos e livros dos séculos XIX ao atual. O acervo acha-se listado no Site [www.yasminnadaf.com.br](http://www.yasminnadaf.com.br). Na Academia Mato-Grossense de Letras, ocupa a Cadeira nº 38.

## A Propósito de Machado de Assis na Literatura de Mato Grosso (Primeira metade do século XX)

O lugar de destaque consagrado a Machado de Assis (RJ, 1839-1908) nas letras ocidentais é inquestionável, tornando-se necessária a demarcação do seu espaço na vida literária mato-grossense.

Da leitura de catálogos bibliográficos, periódicos e obras literárias de Mato Grosso, extraímos textos que mostram a dimensão do escritor carioca na literatura da região, notadamente na primeira metade do século XX. São escritos e acontecimentos que norteiam a admiração do público leitor e dos intelectuais da época que dele receberam uma grande influência estética.

Em prosa, os textos críticos sobre Machado que reunimos no livro *Machado de Assis em Mato Grosso. Textos críticos da primeira metade do século XX* (Rio de Janeiro: Lidador, 2006) – bem como os demais escritos de natureza diversa – dão conta do alcance de suas palavras e da recepção dos seus ensinamentos estéticos e filosóficos, como veremos resumidamente adiante. Antes, porém, apontaremos um fato curioso a respeito da popularidade desse escritor no solo mato-grossense.

Trata-se da fundação em Cuiabá, a capital do estado, do Grêmio Literário Machado de Assis, em 1940, ano seguinte ao centenário de nascimento do escritor carioca, amplamente comemorado no Brasil, como podemos observar em periódicos de várias cidades brasileiras.

Passados três anos, uma agremiação similar instalou-se na cidade de Campo Grande, hoje capital de Mato Grosso do Sul, e, na época, o segundo maior pólo regional.

As associações de caráter literário foram uma presença constante em Mato Grosso, na primeira metade do novecentos, enriquecendo o cenário cultural. Entre elas, relacionamos o Grêmio Literário Júlia Lopes, que surgiu em 1916, com a peculiaridade de congregar apenas senhoras e senhoritas; o Grêmio Castro Alves, de 1925; o Grêmio Literário José de Mesquita (escritor mato-grossense), de 1936; o Grêmio Literário Álvares de Azevedo, de 1937; e o Grêmio Literário Dom Aquino Corrêa (também escritor mato-grossense), de 1940. Tais agremiações, incluindo-se o Grêmio Literário Machado de Assis, tiveram vida efêmera, excetuando-se a agremiação feminina – que desapareceu na década de 1950 – e eram

constituídas por alunos e professores das escolas secundárias, reunidos sob a direção de uma figura intelectual de renome na região.

No período em questão, fundou-se a Academia Mato-grossense de Letras, em 1921, acompanhando a um modismo quase que obrigatório, ditado pelas unidades da Federação. Nos moldes das matrizes francesa e brasileira, a entidade tornou-se hegemônica em relação às associações congêneres, perpetuando-se até a atualidade com o seu primordial objetivo de imortalidade das letras.

A estas associações atribuímos o grande fomento da literatura em Mato Grosso. Além de editarem jornais ou revistas, elas organizavam os famosos “saraus lítero-musicais”, realizavam conferências, e abrigavam, ainda, bibliotecas ou pequenos acervos que facilitavam o acesso às obras literárias. Uma prova positiva de suas existências reside nos textos reproduzidos no livro *Machado de Assis em Mato Grosso. Textos críticos da primeira metade do século XX*, escritos pelos seus associados, para serem publicados nos periódicos das entidades às quais se vinculavam. Alguns foram lidos em reuniões de caráter literário antes de serem impressos.

Nesse efervescente clima cultural os homens e as mulheres de letras de Mato Grosso leram os clássicos da literatura universal, dentre os quais os romances, os contos, as crônicas, o teatro e a poesia de Machado de Assis. Deste conjunto literário extraíram lições do escritor-mestre que inseriram em seus próprios discursos, onde fomos buscar alguns fragmentos a título de ilustração.

Inicialmente, sublinhamos com uma passagem de José de Mesquita – um dos responsáveis pelo maior volume da produção literária no estado – quando ele confessa ter aderido, para o êxito de sua criação, à fórmula de união do “útil” com o “fútil” para a confecção de suas crônicas folhetinescas, fórmula esta ditada por Machado. Ao inaugurar a coluna “Cavacos quinzenais”, no jornal *A Cruz*, e que resultou na publicação de uma série de crônicas assinadas com o pseudônimo de Marciano, no período de 1922 a 1925, o escritor revelou:

“Ficam assim esclarecidos os fins e os moldes deste “Cavaco” que o seu autor pretende fazer quinzenal e só o não será quando circunstâncias imperiosas não o permitirem.

Como Machado de Assis, ao iniciar uma de suas belas produções de teatro, uma dúvida me trouxe o espírito perplexo ao resolver encetar estas

palavras: a eterna dúvida da alma humana a debater-se entre a fantasia e a realidade. Qual assunto preferir? Os temas imaginativos ou os reais? A doce Musa celeste que nos eleva ao ideal ou essa Megera Realidade que nos prende os pulsos e os pés com os seus grilhões de ferro?

E, como o grande Mestre, resolvi aceitar a solução eclética, oportunista, que concilia e agrada a todos os paladares.

E é por isso que vereis – leitora gentil e paciente leitor – casarem-se nesta seção os temas mais diversos e antagônicos, as ideias mais variadas e díspares. É que por aqui me vou, dando “para fazer uma dualidade, a destra à fantasia, a sinistra à realidade.”

Um ano depois, é ainda ao velho mestre a quem Mesquita recorre para justificar a interrupção temporária de sua seção. Observem o que disse:

“Eis-me aqui, leitor e amigo meu, de regresso das curtíssimas férias que me foi dado gozar, restituído ao teu amável convívio e às nossas palestras costumadas.

Não direi do motivo que me determinou a solicitar este breve repouso (...)

De resto, isso pouco te importa e basta que te diga, repetindo Machado de Assis: “se Deus descansou um dia, depois de seis dias de trabalho, força é que eu descanse algum tempo depois de uma obra de anos”.

De anos, ou de meses pouco faz o caso – o que infere do enunciado do Mestre é que o repouso é necessário, e não só a quem escreve com um cálam de ouro cintilante, as crônicas d’*A Semana* como a quem traça, com esta minha velha pena enferrujada estes pobres “Cavacos” de vida mais efêmera que todas as rosas do mundo, mesmo as que não são de Malherbe...”

A admiração de José de Mesquita a Machado de Assis aflora de maneira consistente em toda sua obra, cujo apogeu pode ser aquilata-do na dedicatória de *Espelho de almas*, na qual assinala: “A memória imortal do grande mestre da introspecção e da psicanálise Machado de Assis”. A obra foi escrita em 1929 e publicada três anos depois, em 1932, reunindo uma coletânea de contos que lhe valeu o Prêmio da Academia Brasileira de Letras.

Como fruto de nossa pesquisa em torno do apreço dos intelectuais de Mato Grosso pelo escritor carioca, nos deparamos com um manancial de citações ou passagens compiladas da obra de Machado, inseridas aqui

e acolá na escrita dos nossos conterrâneos, certamente para conferir cor e erudição às suas variadas formas discursivas.

Entre os casos que sugeriram esses comentários localizamos declarações como esta do escritor António de Arruda:

“O escritor Corsíndio Monteiro da Silva, comentando outro livro de crônicas nosso (que, aliás, não foi publicado) – Cronista *ad hoc* – assim se expressou:

Dir-se-ia estar o leitor, certas vezes, apreciando trechos de Machado de Assis, tal a influência que o subtil criador de Capitu parece ter exercido em António de Arruda. Seu estilo enxuto, conciso, seco, sem exigir do leitor mais que um breve sorriso, a revelar um espírito destre e ágil, mal escondendo a amarga ou um tanto desolada compreensão das coisas, dos homens e da vida... A alegria nele é mais ornamental, e não acreditamos que o tom machadiano de boa parte de suas crônicas seja por assumir um caráter artístico distinto, e sim que se trata de afinidades profundas e sem artifícios.”

É, porém, nos textos críticos selecionados no citado livro de nossa autoria, o domicílio da maior expressão documental da abrangência de Machado de Assis na região. Deles emana a certeza de que o escritor carioca não foi somente lido e apreciado, como também descrito esteticamente, por vezes de modo minucioso através de análises alentadas de sua vida e obra.

Os textos em questão foram organizados em ordem cronológica, e seus autores seguiram as mais diversas direções de análise, como se pode conferir pelas pontuações a seguir:

No texto “**Um pouco de Machado de Assis**” (Conferência no Centro Mato-grossense de Letras, em sessão de homenagem a Machado de Assis, na data de 29 de setembro de 1924, e posteriormente publicada na *Revista do Centro Mattogrossense de Letras*. Cuiabá, julho a dezembro de 1924), Cesário Prado passeia pelos diversos gêneros machadianos, associando dados biográficos do escritor a conteúdos de sua obra. Indica traços de individualidade estética em sua pena, e compara ainda o humorismo, a ironia e a dor – aspectos inerentes ao universo literário do analisado – com o modo como eles foram trabalhados por alguns clássicos da literatura. O texto, muito bem elaborado didaticamente, é mais informativo do que analítico, respeitando-se a natureza discursiva para a qual foi elaborado.

O ensaio “**Na pista de Rocinante (Resposta ao Sr. Luís Murat)**” (*Revista do Centro Mattogrossense de Letras*. Cuiabá, julho a dezembro de 1928) é uma leitura obrigatória aqueles que se dedicam ao estudo da obra de Machado de Assis. Cesário Neto contesta as declarações feitas ao literato pelo escritor Luís Murat (RJ, 1861-1929) em longo artigo intitulado “Machado de Assis e Joaquim Nabuco”, publicado em série na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, no período de junho a outubro de 1926. Por ter sido a primeira manifestação nacional contrária à postura de um imortal com assento na própria Academia de Letras fundada por Machado, vislumbramos, hoje, a sua iniciativa, como um gesto de coragem e de respeito, oriundo de um iniciante na literatura – contava ter apenas 25 anos de idade –, residente numa região tida à época como periférica. A seu favor somam-se páginas e páginas de expressão da mais arguta sabedoria sobre a ciência da crítica literária e sobre a obra do mestre vilipendiado por Murat.

De sua escrita afloram lições de conhecimento, à luz de muita reflexão e análise, a respeito da alma humana e suas profundas incoerências, sobejamente tratadas por Machado de Assis. À medida que o crítico mato-grossense refuta as acusações presentes no citado ensaio, realiza uma viagem erudita pelos maiores representantes da literatura universal que *à la* Machado se ocuparam do homem e da vida com humor e sátira.

Cesário Neto diferencia a sátira do humor. Luís Murat acusara Machado de absenteísmo no referente às causas sociais, notadamente na campanha abolicionista, e irradiara sua censura para as questões estéticas que julgava irrevogavelmente falhas em sua obra. Nesta instância, excluía o escritor carioca da categoria do humor, comparando-o ao humor inglês – segundo o detrator –, o verdadeiro.

Já o ensaio-conferência “**De Lívia a dona Carmo. As mulheres na obra de Machado de Assis**” (Tese oferecida ao 2º Congresso das Academias e dos Intelectuais do Brasil, no Rio de Janeiro. *Revista da Academia Mattogrossense de Letras*. Cuiabá, 1939), de José de Mesquita, como o próprio título sugere, centra o foco da análise na figura feminina na obra do mestre. O estudo apresenta uma tese unilateral que prioriza, no conjunto da escrita machadiana, a supremacia do perfil da “mulher brasileira”, que, no dizer de Mesquita, é a mulher dotada de nobres e altos atributos: a mãe abnegada, a esposa virtuosa, não lhe faltando a fé e a devoção a Deus.

Um perfil de mulher que se contrapõe àquele da mulher frívola, artificial e sedutora excepcionalmente incorporado, segundo Mesquita, aos perfis de Flora, de *Esauí e Jacó*, ou de Sofia, de *Quincas Borba*, ou ainda de Capitu, de *Dom Casmurro*. Acreditamos que a escolha pelo crítico mato-grossense em defesa dessa tese deveu-se à própria visão que ele tinha do papel da mulher nos espaços públicos e privados, e que foram personificados nas heroínas que desenhou com sua pena.

A vida e a obra de José de Mesquita pautaram-se em ideais de extremo conservadorismo, norteadores de uma cadeia semântica específica com base na moralidade, no humanismo e no cristianismo e seus desdobramentos, entre eles o amor ao próximo, a caridade, a simplicidade, a fé, a bondade, e a crença e esperança na prática e no triunfo do Bem. Sua obra ficcional reverberou, igualmente, o clima político que se respirava no Brasil à época – a era Vargas – que impôs, severamente, preceitos dóceis e conservadores, coniventes com a sua ideologia de extrema direita.

Em meio aos estudos críticos de abordagem diferenciada, “**Machado de Assis e Renan**” (*Revista da Academia Mattogrossense de Letras*. Cuiabá, 1939), de Virgílio Corrêa Filho, dá asas ao ecletismo. Desta feita, o autor pautou-se nos ensinamentos da crítica historicista, com base no determinismo de Taine, que marcou a historiografia literária brasileira no final do século XIX e início do século XX. Compara Machado ao escritor bretão, Ernesto Renan, recorrendo às influências externas que aproximaram os dois e as que os distanciaram, e que compuseram, diretamente, suas obras.

Nessa instância, Virgílio Corrêa Filho trabalhou a ambiência familiar – carente de recursos materiais –, bem como a educação escolar e o preparo religioso para um possível sacerdócio, tanto de Machado quanto de Renan. Lembrou que este último pode freqüentar colégios de excelência à custa dos sacrifícios da mãe e da irmã Henriqueta, ao passo que o escritor carioca vivia à míngua, valendo-se de poucos recursos e tendo que suprir as deficiências escolares com o próprio talento. O crítico acentua as proximidades estéticas formais e as diferenças psíquicas entre os autores, tais como a apologia irrestrita do otimismo, no primeiro, e a filosofia triste, no segundo, em homologia às suas produções.

“**O humorismo na obra de Machado de Assis**” (*Revista da Academia Mattogrossense de Letras*. Cuiabá, 1939), de Gervásio Lei-

te, ao lado do texto de Cesário Neto, destaca-se pela acuidade e pela profundidade de análise da obra do escritor. Num estilo seco, direto e abrupto, o jovem crítico de 23 anos descreve, na produção literária de Machado, o humor e suas vertentes, valendo-se de preceitos filosóficos, psicológicos e psicanalíticos envolvendo este tema, que domina com precisão.

Na exposição de suas elucubrações, afirma que o escritor brasileiro, em geral, distanciou-se do humor francês e inglês – de Rabelais, Molière, Voltaire, Swift, só para lembrar alguns. Ressalta também que ele não fez obra para a multidão, como grande parte dos autores de escrita mais popular.

Continuando na sequência dos textos críticos em discussão, imprimiu-se na imprensa mato-grossense a **“Crônica”** (*A Violeta*, órgão do Grêmio Literário Júlia Lopes. Cuiabá, 30 de junho de 1939), de Maria Dimpina, **“Livros de minha estante”** (*A Cruz*, órgão da Liga Social Católica Brasileira de Mato Grosso. Cuiabá, 01 de outubro de 1939), de José de Mesquita, e **“Machado de Assis”** (*Ganga*, Jornal de Cultura. Cuiabá, 31 de março de 1951), de A. D. Tocantins, aqui agrupados dada a natureza discursiva singular que os compõe. São crônicas, escritas com a ligeireza e a curta extensão peculiares a tal modalidade literária.

O primeiro título nasceu para somar-se às comemorações do primeiro centenário de nascimento de Machado de Assis, glorificado, segundo a autora, em todos os recantos da terra brasileira. **Maria Dimpina** recorre com astúcia ao exemplo do parasitismo do personagem Viana, de *Ressurreição*, para dar luz ao seu texto, e usurpa – conforme, marrotamente, admite – as lições, para tecer a sua homenagem ao velho mestre, da “intelectualidade sadia dos outros”, numa referência a José de Mesquita e a Gervásio Leite, já citados.

**“Livros de minha estante”**, o segundo escrito de Mesquita nesta série, versa sobre o livro *O pensamento e a expressão em Machado de Assis*, de Cândido Jucá (filho), num rasgo de elogios a um estudo que integra a galeria de textos produzidos no referido centenário machadiano.

Por fim, **“Machado de Assis”**, em que Amidicis Tocantins faz uma louvação helênica a Machado, enumerando as obras literárias do amado escritor e os ensaios de diversos críticos que delas se ocuparam. Sua crônica alia-se à campanha de “entronização” do escritor carioca, ainda que em década posterior.

O último texto selecionado, **“Machado de Assis, conhecido”** (*Revista da Academia Matogrossense de Letras*. Cuiabá, 1954-1955) é um curto e inteligente ensaio de António de Arruda, escrito para lembrar aos leitores e aos críticos que Joaquim Maria Machado de Assis é de longa data lido e estudado em Mato Grosso. O autor o escreveu por ocasião do lançamento de *Machado de Assis desconhecido*, livro do cearense R. Magalhães Júnior, que buscava desmistificar as falsas apreciações que deturpavam a vida e a obra de Machado, enumerando entre elas as acusações feitas por Luís Murat, em 1926. Transcrevendo trechos do longo ensaio “Na pista de Rocinante”, de Cesário Neto, António de Arruda clama por justiça ao escritor mato-grossense, lembrando que, em 1928, seu conterrâneo já respondera aos ataques feitos a Machado utilizando-se dos mesmos argumentos usados, ali, por Magalhães.

Do conjunto desses escritos, gostaríamos de dizer que a tarefa de garimpá-los e reuni-los no livro *Machado de Assis em Mato Grosso. Textos críticos da primeira metade do século XX* encheu-nos de imensa – e dupla – alegria acadêmica. De um lado, demos continuidade a um trabalho de pesquisa há anos em desenvolvimento, tentando recuperar material literário inédito e, no ato de sua republicação, democratizar o acesso aos críticos e pesquisadores da atualidade. De outro, pudemos, mais uma vez, contribuir para a valorização e o enriquecimento da história da literatura mato-grossense, reescrevendo parte da História da Literatura no Brasil.

(Fonte: NADAF, Y. J. *Machado de Assis em Mato Grosso. Textos críticos da primeira metade do século XX*, 2006)

## CADEIRAS ACADÊMICAS

ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA

Natural de Franca-SP (16/08/1947). Possui Graduação em Licenciatura em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1969), campus de Franca-SP, Mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo – USP e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (1999). Integra, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT, o Grupo de Pesquisa Educação e Memória – GEM. Curadora da Casa Barão de Melgaço, Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, instituição que presidiu por duas vezes, integrante da Academia Mato-Grossense de Letras, Cadeira n. 29 e sócia da Sociedade Brasileira de História da Educação. Sua produção intelectual está centrada nas áreas de História e Educação, com ênfase no contexto regional (Mato Grosso). Ao longo de sua carreira, tem se dedicado também à recuperação da trajetória histórica de diversas instituições de Mato Grosso. Editora-Chefe das Revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras.

## A Dança das Cadeiras Acadêmicas

Um grupo de doze intelectuais se reuniu por diversas vezes, durante o ano de 1921, para pensar a organização de uma instituição voltada para a cultura das letras – o Centro Mato-Grossense de Letras. Após muito refletir sobre a entidade, deram-lhe vida, aos 5 de junho de 1921, com a instituição das doze primeiras Cadeiras com seus respectivos Patronos:

12 Sócios Fundadores	12 Patronos fundadores
D. Francisco de Aquino Corrêa	Pe. José Manuel de Siqueira
José Barnabé de Mesquita	Couto de Magalhães
Lamartine Ferreira Mendes	José Delfino da Silva
João Barbosa de Faria	Visconde de Taunay
Estevão de Mendonça	Barão de Melgaço
Miguel Carmo de Oliveira Mello	Ricardo Franco de Almeida Serra
Carlos Gomes Borralho	João Severiano da Fonseca
Cesário da Silva Prado	Vieira de Almeida
Philogonio de Paula Corrêa	José Estevão Corrêa
João Cunha	Frederico Prado
Virgílio Alves Corrêa Filho	Antônio Corrêa da Costa
Franklin Cassiano da Silva	Ramiro de Carvalho

Os fundadores deliberaram, em 22 de maio, sobre seus Patronos. Além disso, escolheram mais outros doze intelectuais para integrar a instituição, e seus respectivos patronos, dando, nessa medida, movimento e dinâmica ao futuro Centro Mato-Grossense de Letras que nascia. Dessa forma, as doze cadeiras fundadoras se desdobraram para vinte e quatro, momento em que foram dados números para cada uma delas:

24 Cadeiras	Patronos fundadores	
1	José Raul Vilá	Amâncio Pulcherio
2	Virgílio Alves Corrêa Filho	Antônio Corrêa da Costa
3	Estevão de Mendonça	Barão de Melgaço
4	José Barnabé de Mesquita	Couto de Magalhães
5	Leowegildo Martins de Mello	Pe. Ernesto Camilo Barreto
6	Ana Luiza da Silva Prado	Francisco Catarino
7	João Cunha	Frederico Prado de Oliveira
8	Carlos Borralho	João Severiano da Fonseca
9	Augusto Cavalcanti de Melo	Joaquim Mendes Malheiros
10	Joaquim Gaudie de A. Corrêa	Joaquim Murtinho

24 Cadeiras		Patronos fundadores
11	Manoel Paes de Oliveira	José Barbosa de Sá
12	Lamartine Ferreira Mendes	José Delfino da Silva
13	Philogonio de Paula Corrêa	José Estevão Corrêa
14	D. Francisco de Aquino Corrêa	Pe. José Manuel de Siqueira
15	Manuel X. Paes Barreto	Con. José da Silva Guimarães
16	Ulisses Cuiabano	José Tomás de Almeida Serra
17	Antônio Fernandes de Souza	Luís D'Alincourt
18	Otávio Cunha	Manuel Esperidião da C. Marques
19	José Manuel da Silva Pereira	Francisco A. Pimenta Bueno
20	Franklin Cassiano da Silva	Ramiro de Carvalho
21	Miguel Carmo de Oliveira Mello	Ricardo Franco de Almeida Serra
22	Palmiro Pimenta	Veiga Cabral
23	Cesário da Silva Prado	Vieira de Almeida
24	João Barbosa de Faria	Visconde de Taunay

A instalação oficial do Centro Mato-Grossense de Letras ocorreu no dia 7 de setembro de 1921, ocasião em que a Instituição já contava com Estatutos redigidos e com sua primeira Diretoria instituída, a qual tomou posse naquele mesmo dia:

<b>Presidente</b>	José Barnabé de Mesquita
<b>Vice-Presidente</b>	Virgílio Alves Corrêa Filho
<b>1º Secretário</b>	Philogonio de Paula Corrêa
<b>2º Secretário</b>	Lamartine Mendes
<b>Tesoureira</b>	Ana Luiza da Silva Prado
<b>Comissões</b>	Redação
	Admissão de Sócios
	Festividades

Pelos Estatutos originais, os sócios efetivos, obrigatoriamente, deveriam residir em Cuiabá. Qualquer mudança de domicílio determinava a perda da cadeira, passando os titulares à categoria de sócios correspondentes. Esse foi o caso de Ana Luiza da Silva Prado (Cadeira 6), Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa (Cadeira 10) e de Manuel Xavier Paes Barreto (Cadeira 15), cujas cadeiras foram consideradas vagas. Foi, então, convocada a Comissão de Admissão de Sócios para preenchimento das mesmas, através de Edital, tendo sido fixado o prazo de 90 dias para seu preenchimento.

Por ocasião da transformação do Centro para Academia Mato-Gros-

sense de Letras, em 7 de setembro de 1932, as Cadeiras aumentaram, de 24, para 30. Algumas delas foram preenchidas por falecimento dos titulares ou mudança de domicílio, assim como renumeradas, ficando assim constituídas:

Cadeiras		Patronos
1	Manoel Paes de Oliveira	José Barbosa de Sá
	Leônidas Antero de Matos	
	Benjamin Duarte Monteiro	
2	Miguel Carmo de Oliveira Mello	Ricardo Franco de Almeida Serra
3	D. Francisco de Aquino Corrêa	Pe. José Manuel de Siqueira
4	Manuel X. Paes Barreto	Côn. José da Silva Guimarães
	Alcindo de Camargo	
	Maria de Arruda Müller	
5	Antônio Fernandes de Souza	Luís D'Alincourt
6	Palmiro Pimenta	Prudêncio G. da Veiga Cabral
7	Estevão de Mendonça	Barão de Melgaço
8	Leowegildo Martins de Mello	Pe. Ernesto Camilo Barreto
	Ovídio de Paula Corrêa	
	Nilo Póvoas	
9	Augusto Cavalcanti de Melo	Joaquim Mendes Malheiros
	Francisco Alexandre Ferreira Mendes	
10	Franklin Cassiano da Silva	Ramiro de Carvalho
	Ulisses Cuiabano	
11	Carlos Borralho	João Severiano da Fonseca
12	José Magno da Silva Pereira	Francisco A. Pimenta Bueno
	Alírio Cesário de Figueiredo	
13	José Barnabé de Mesquita	José Vieira Couto de Magalhães
14	Philogonio de Paula Corrêa	José Estevão Corrêa
15	João Barbosa de Faria	Visconde de Taunay
16	Ovídio de Paula Corrêa	Aquilino L. do Amaral Coutinho
17	José Raul Vilá	Amâncio Pulcherio
18	Joaquim Gaudie de A. Corrêa	Joaquim Murtinho
	Oscarino Ramos	
19	Ana Luiza da Silva Prado	José Barnabé de Mesquita (Sênior)
20	Severino Ramos de Queiroz	Caetano Manuel de Faria Albuquerque
21	Virgílio Alves Corrêa Filho	Antônio Corrêa da Costa
22	Otávio Cunha	Manuel Esperidião da C. Marques
23	Lamartine Ferreira Mendes	José Delfino da Silva
24	Isac Póvoas	Francisco Catarino Teixeira de Brito

	<b>Cadeiras</b>	<b>Patronos</b>
25	Ulisses Cuiabano Olegário Moreira de Barros	José Tomás de Almeida Serra
26	Luís Feitosa Rodrigues	Pedro Trouy
27	Cesário C. da Silva Prado	Antônio Vieira de Almeida
28	João Cunha Amarílio Novis	Frederico Prado de Oliveira
29	Antônio C. de Figueiredo Neto	Antônio Tolentino de Almeida
30	Rosário Congro	Pe. Armindo Maria de Oliveira

A partir de 1940, procurando se espelhar na estrutura da Academia Brasileira de Letras, a Mato-Grossense, de 30, passou a contar com 40 Cadeiras, número que se mantém até a atualidade. Vejamos sua evolução até a contemporaneidade:

---

<b>CADEIRA 1</b>
<b>PATRONO:</b> José Barbosa de Sá
<b>OCUPANTES</b>
Manoel Paes de Oliveira Leônidas Antero de Mattos Benjamin Duarte Monteiro Ubiratã Nascentes Alves
<b>CADEIRA 2</b>
<b>PATRONO:</b> Joaquim da Costa Siqueira
<b>OCUPANTES</b>
Gervásio Leite Satyro Benedicto de Oliveira Marília Beatriz de Figueiredo Leite
<b>CADEIRA 3</b>
<b>PATRONO:</b> Ricardo Franco de Almeida Serra
<b>OCUPANTES</b>
Miguel Carmo de Oliveira Melo Lécio Gomes de Souza Rubens Mendes de Castro Antônio Soares Gomes (Vaga)
<b>CADEIRA 4</b>
<b>PATRONO:</b> Pe. Joaquim Manuel de Siqueira
<b>OCUPANTES</b>
D. Francisco de Aquino Corrêa Padre Raimundo C. Pombo Moreira da Cruz Padre Firmo Pinto Duarte Lucinda Nogueira Persona

---



---

<b>CADEIRA 5</b>
<b>PATRONO:</b> Antônio Pires da Silva Pontes
<b>OCUPANTES</b>
Arlindo de Andrade Francisco Ayres Clóvis Pitaluga de Moura Wanderlei José dos Reis
<b>CADEIRA 6</b>
<b>PATRONO:</b> Francisco José de Lacerda e Almeida
<b>OCUPANTES</b>
Ernesto Pereira Borges Roberto de Oliveira Campos Lourembergue Alves
<b>CADEIRA 7</b>
<b>PATRONO:</b> Pe. José da Silva Guimarães
<b>OCUPANTES</b>
Manuel X. P. Barreto Maria de Arruda Müller Ivens Cuiabano Scaff
<b>CADEIRA 8</b>
<b>PATRONO:</b> Luiz D'Alincourt
<b>OCUPANTES</b>
Antônio Fernandes de Souza Luís Felipe Sabóia Ribeiro Antônio Lopes Lins Moisés Mendes Martins Júnior
<b>CADEIRA 9</b>
<b>PATRONO:</b> D. José Antônio dos Reis
<b>OCUPANTES</b>
Rubens de Mendonça Octayde Jorge da Silva Leopoldino Marques do Amaral José Cidalino Carrara
<b>CADEIRA 10</b>
<b>PATRONO:</b> Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral
<b>OCUPANTES</b>
Palmyro Pimenta Corsíndio Monteiro da Silva Agnaldo Rodrigues da Silva
<b>CADEIRA 11</b>
<b>PATRONO:</b> Barão de Melgaço
<b>OCUPANTES</b>
Estêvão de Mendonça Antônio de Arruda Eduardo Moreira Leite Mahon

---

---

**CADEIRA 12****PATRONO:** Antônio Cláudio Soído**OCUPANTES**

Gabriel Vandoni de Barros  
Ronaldo de Arruda Castro  
Ailon do Carmo  
(Vaga)

---

**CADEIRA 13****PATRONO:** Antônio Corrêa do Couto**OCUPANTES**

Archimedes Pereira Lima  
José Eduardo do Espírito Santo  
João Batista de Almeida

---

**CADEIRA 14****PATRONO:** Pe. Ernesto Camilo Barreto**OCUPANTES**

Leowegildo Martins de Melo  
Nilo Póvoas  
Hélio Jacob  
Nilza Queiroz Freire

---

**CADEIRA 15****PATRONO:** Joaquim Mendes Malheiros**OCUPANTES**

Augusto Cavalcanti de Melo  
Francisco Alexandre Ferreira Mendes  
Natalino Ferreira Mendes  
Olga Maria Castrillon Mendes

---

**CADEIRA 16****PATRONO:** Antônio Augusto Ramiro de Carvalho**OCUPANTES**

Franklin Cassiano da Silva  
Ulisses Cuiabano  
Padre Wanir Delfino César  
Joaquim Augusto Alves Bastos  
Valdão Varjão  
Maria Cristina de Aguiar Campos

---

**CADEIRA 17****PATRONO:** João Severiano da Fonseca**OCUPANTES**

Carlos Gomes Borralho  
Humberto Marcílio Reinaldo  
Frederico Augusto Rondon  
Padre Pedro Cometti  
Avelino Tavares

---

---

**CADEIRA 18****PATRONO:** Francisco Antônio Pimenta Bueno**OCUPANTES**

José Magno da Silva Pereira  
Alírio de Figueiredo  
Francisco do Amaral Militão  
Hélio Serejo  
Marta Helena Cocco

---

**CADEIRA 19****PATRONO:** José Vieira Couto de Magalhães**OCUPANTES**

José Barnabé de Mesquita  
Vera Iolanda Randazzo

---

**CADEIRA 20****PATRONO:** José Estêvão Corrêa**OCUPANTES**

Philogonio de Paula Corrêa  
José Adolpho de Lima Avelino  
Domingos Sávio Brandão Lima  
Benedito Pereira do Nascimento

---

**CADEIRA 21****PATRONO:** Manuel Peixoto Corsino do Amarante**OCUPANTES**

Luis-Philippe Pereira Leite  
Luiz Orione Neto

---

**CADEIRA 22****PATRONO:** Visconde de Taunay**OCUPANTES**

João Barbosa de Faria  
Carlos de Castro Brasil  
Pedro Rocha Jucá

---

**CADEIRA 23****PATRONO:** Antônio Gonçalves de Carvalho**OCUPANTES**

Raimundo Maranhão Ayres  
Agenor Ferreira Leão  
Tertuliano Amarilha

---

**CADEIRA 24****PATRONO:** Aquilino Leite do Amaral Coutinho**OCUPANTES**

Ovídio de Paula Corrêa  
Francisco Bianco Filho  
Jary Gomes  
Odoni Gröhs

---

<p><b>CADEIRA 25</b>  <b>PATRONO:</b> Amâncio Pulchério de França  <b>OCUPANTES</b>  José Raul Vilá  João Antonio Neto</p>
<p><b>CADEIRA 26</b>  <b>PATRONO:</b> Joaquim Duarte Murtinho  <b>OCUPANTES</b>  Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa  Oscarino Ramos  Benedito Pedro Dorileo</p>
<p><b>CADEIRA 27</b>  <b>PATRONO:</b> José Barnabé de Mesquita (Sênior)  <b>OCUPANTES</b>  Ana Luiza Prado Bastos  Ubaldo Monteiro da Silva  João Carlos Vicente Ferreira</p>
<p><b>CADEIRA 28</b>  <b>PATRONO:</b>Caetano Manuel de Faria Albuquerque  <b>OCUPANTES</b>  Severino Ramos de Queiroz  Ulisses Serra  Demósthene Martins  Gilmar Ferreira Mendes</p>
<p><b>CADEIRA 29</b>  <b>PATRONO:</b> Antônio Corrêa da Costa  <b>OCUPANTES</b>  Virgílio Alves Corrêa Filho  Virgílio Alves Corrêa Neto  Elizabeth Madureira Siqueira</p>
<p><b>CADEIRA 30</b>  <b>PATRONO:</b> Manuel Esperidião da Costa Marques  <b>OCUPANTES</b>  Otávio Cunha Cavalcanti  Francisco Leal de Queiroz</p>
<p><b>CADEIRA 31</b>  <b>PATRONO:</b> José Delfino da Silva  <b>OCUPANTES</b>  Lamartine Ferreira Mendes  Adaauto Dias de Alencar  Luciene Carvalho</p>
<p><b>CADEIRA 32</b>  <b>PATRONO:</b> Francisco Catarino Teixeira de Brito  <b>OCUPANTES</b>  Isac Póvoas  José Ferreira de Freitas</p>

<p><b>CADEIRA 33</b>  <b>PATRONO:</b> Mariano Ramos  <b>OCUPANTES</b>  Nicolau Fragelli  Lenine de Campos Póvoas  Fernando Tadeu de Miranda Borges</p>
<p><b>CADEIRA 34</b>  <b>PATRONO:</b> José Thomaz de Almeida Serra  <b>OCUPANTES</b>  Olegário Moreira de Barros  João Moreira de Barros  João Alberto Novis Gomes Monteiro  Sueli Batista</p>
<p><b>CADEIRA 35</b>  <b>PATRONO:</b> Joaquim Pereira Ferreira Mendes  <b>OCUPANTES</b>  José Jayme Ferreira de Vasconcelos  João Villasbôas  Newton Alfredo de Aguiar  Clóvis de Mello  Flávio José Ferreira</p>
<p><b>CADEIRA 36</b>  <b>PATRONO:</b> Pedro Trouy  <b>OCUPANTES</b>  Luís Feitosa Rodrigues  José Couto Vieira Pontes  (Vaga)</p>
<p><b>CADEIRA 37</b>  <b>PATRONO:</b> Antônio Vieira de Almeida  <b>OCUPANTES</b>  Cesário Corrêa da Silva Prado  Bernardo Elias Lahdo  (Vaga)</p>
<p><b>CADEIRA 38</b>  <b>PATRONO:</b> Frederico Augusto Prado de Oliveira  <b>OCUPANTES</b>  João Cunha  Amarílio Novis  Ciro Furtado Sodré  Benedito Sant'Ana da Silva Freire  Yasmin Jamil Nadaf</p>

---

**CADEIRA 39**

**PATRONO:** Antônio Tolentino de Almeida

**OCUPANTES**

Antônio Cesário de Figueiredo Neto  
Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga)  
Amini Haddad Campos

---

**CADEIRA 40**

**PATRONO:** Pe. Armindo Maria de Oliveira

**OCUPANTES**

Rosário Congro  
Hugo Pereira do Vale  
Sebastião Carlos Gomes de Carvalho

---

Esse quadro evolutivo retrata a dinâmica da Academia Mato-Grossense de Letras ao longo da trajetória dos seus 95 anos de significativa existência. Dentre o compromisso daquele que ingressa na Instituição, sobreleva o de discorrer, no momento de sua posse, sobre o Patrono e os Ocupantes de sua Cadeira. Esse ritual, iniciado em 1921, é o momento em que a Imortalidade se realiza, visto que permanentemente lembrados em sua produção intelectual.